

MARIA ANGÉLICA LAURETTI CARNEIRO

**A PRÁTICA DE REFLEXÃO METADISCURSIVA:
DESENVOLVIMENTO DE LEITURA DO PROFESSOR EM
FORMAÇÃO.**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Universidade Estadual de Campinas, como exigência parcial para obtenção do título de doutora em Lingüística Aplicada na área de ensino e aprendizagem de língua materna, sob a orientação da **Profa. Doutora Sylvia Bueno Terzi.**

**Campinas
Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
2005**

COMISSÃO JULGADORA

Profa. Dra. SYLVIA BUENO TERZI (ORIENTADORA)

Profa. Dra. INÊS SIGNORINI (IEL/ UNICAMP)

Profa. Dra. SHEILA V. DE CAMARGO GRILLO (USP)

Profa. Dra. ANA LÚCIA GUEDES PINTO (FE/ UNICAMP)

Profa. Dra. RAQUEL SALEK FIAD (IEL/UNICAMP)

AGRADECIMENTOS

- Ao CNPQ, pelo apoio financeiro que permitiu o desenvolvimento dessa pesquisa;
- Aos funcionários do IEL, pelo recebimento sempre gentil;
- A Profa Sylvia Terzi, pela orientação. Pelo estímulo. Pela atenção. Pelo respeito ao meu aprendizado;
- A Profa Inês Signorini, a Profa Sheila Grillo e a Profa Raquel Fiad, pelas sugestões indispensáveis nas qualificações;
- A Profa Ingedore Koch e a Profa Ana Lúcia Guedes, por possibilitarem a ampliação de minhas reflexões;
- A Profa Angela Kleiman, sempre. Pela minha iniciação no caminho da pesquisa na Lingüística Aplicada;
- Aos amigos e colegas, Cosme Santos, Cláudia Deliza, Martha Cereda, Rosário Missailidis, Ann Valente, Socorro Pessoa, Maria Emília, Patrícia Sousa, Clésio Bunsen, Telma Silva e Eliane Silveira, pela rica interlocução e pela amizade;
- Aos professores alfabetizadores de jovens e adultos, daqui e da África, por seu apoio contagiante à causa social; e, especialmente, a Dani, Júlia e Paula, pelo entusiasmo;
- Aos colegas de equipe do Programa Nacional de Avaliação do Livro Didático (PNLD-MEC), que foram exemplo de atitude ética e de profissionalismo. E muito particularmente, a Profa Roxane Rojo;
- A Escola do Sítio e a FESB, pelas experiências vividas em todos esses anos;
- Ao Sérgio, Nana e Cris, irmãos e companheiros;
- Ao Ricardo, Felipe, Júlia, Leonardo, Juliana, Eduardo e Giovana, sobrinhos estimulantes;
- A todos os meus alunos, por permitirem compartilhar de seus conhecimentos.

Ao meu pai e a minha mãe.
Ao Marcos, André e Mariana.
Aos futuros professores do Brasil.
De forma muito especial.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas.

Paulo Freire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 Reflexão Metadiscursiva e Letramento Acadêmico do Professor	5
1.1A Relação Função-Forma e a Reflexão Metadiscursiva	11
CAPÍTULO 2 A Persuasão e a Construção da Realidade Social	16
2.1. A Persuasão e o Texto Noticioso	19
2.2. Os Tópicos Discursivos do Texto Noticioso: Quadro Teórico Analítico	28
2.2.1. Tema e Transitividade: Seleção do Enunciador	30
2.2.2. <i>Ethos</i> : Identidade Social	31
2.2.3. Modalidade: Significação e Relação Social	33
2.2.4. Intertextualidade: O Discurso sobre um Discurso	36
2.2.5. A Nominalização: Recategorização Social do Referente	42
CAPÍTULO 3 Sentido Social da Leitura: Interface do Letramento com a Análise Crítica do Discurso	46
3.1. Os Estudos do Letramento: Linguagem e Pedagogia Culturalmente Sensível	48
3.2. A Análise Crítica do Discurso e a Ambivalência de Sentidos	53
3.2.1 A Coerência e a Construção Social da Leitura	58

CAPÍTULO 4	4.1. Percursos Metodológicos da Pesquisa	60
	4.2. A Situação de Ensino	68
CAPÍTULO 5	As Concepções de Linguagem Iniciais	87
	5.1. A Primeira Tarefa	87
	5.2. A Conceção Representacional da Língua	90
	5.2.1. A Dimensão Autônoma do Ethos	91
	5.2.2. A Tematização Autônoma	97
	5.3. Reconhecimento das Condições de Produção do Texto nos Níveis Pragmáticos	103
	5.4. Conclusões Relacionadas às Concepções de Linguagem Iniciais	107
CAPÍTULO 6	Os Movimentos de Reformulação na Leitura	109
	6.1. A Segunda Tarefa	111
	6.1.1. Os Significados dos Subentendidos	112
	6.1.2. A Tematização como Relevância do Enunciador	117
	6.2. A Terceira Tarefa	124
	6.2.1. A Modalização e a Construção da Imagem	125
	6.2.2. A Referenciação como Categorização Social	127
	6.2.3. A Transitividade como Focalização do Enunciador	129
	6.3. A Quarta Tarefa	132
	6.3.1. O Monitoramento Meta-Reflexivo	134
	6.3.2. O “Mas” Refutativo e o Sentido Explícito	137
	6.3.3. A Informalidade	141
CAPÍTULO FINAL:	Conclusões	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		152
ANEXOS		158

RESUMO

Esta pesquisa em Lingüística Aplicada tem como tema o desenvolvimento de leitura de alunos do sexto período de um curso de licenciatura em Letras de uma faculdade particular do interior paulista. O objetivo é investigar o processo de construção da reflexão metadiscursiva desses sujeitos, com histórico restrito de letramento, em uma situação didática de leitura de textos jornalísticos que privilegiava a co-relação entre a teoria e a análise empírica de textos. A reflexão metadiscursiva implica o reconhecimento dos aspectos lingüístico-discursivos envolvidos na construção dos sentidos dos textos.

Os dados, coletados no decorrer do curso ministrado pela professora-pesquisadora, referem-se às respostas a roteiros de leitura de textos jornalísticos e foram analisados a partir de uma abordagem interpretativista de cunho etnográfico.

As análises foram baseadas nos fundamentos teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso e da perspectiva dos estudos etnográficos do letramento. Recorreu-se além disso, à teoria da argumentação, focalizando a persuasão. As descrições das produções dos alunos, ancoraram-se nas teorias da análise enunciativo-discursiva e da Análise Crítica do Discurso.

Foram identificadas duas concepções de língua, como representação do mundo e como ação entre sujeitos, além da emergência dos processos de

reflexão metadiscursiva em direção a uma postura mais crítica do aluno, pela consciência de que o texto pode abarcar o posicionamento do autor.

A conclusão a que chegamos foi que as mudanças na concepção de língua e de texto surgiram como uma consequência da reflexão metadiscursiva desenvolvida durante as práticas analíticas de textos. Constatamos, além disso, que a situação de ensino que privilegiou os processos reflexivos foi preponderante para o desenvolvimento de leitura desses sujeitos.

A partir dos resultados alcançados, efetuamos uma avaliação das teorias que nos serviram de base teórica e metodológica e apontamos as implicações que decorrem deste trabalho.

ABSTRACT

The aim of this Applied Linguistics research is the reading development of low literacy students from the sixth term of Language Graduation of a private college in the inland of São Paulo State. This investigation analyses the meta-discursive processes of these students in reading tasks of journalism texts at a didactic context which favored the co-relation between the information conveyed in the language theories and the empiric analysis of the linguistics and discursive aspects of the texts.

The theoretical and methodological framework came from Critical Discourse Analysis and the prospects of the Literacy studies. Besides this, we focused on the persuasive aspect of the language based on the argumentation theory. The description of the students' productions was anchored on Critical Discourse Analysis theories and on enunciative analysis studies.

Two language concepts were highlighted in the analyses, so as to represent the world and as an interaction among the subjects, besides the emergency of the meta-discursive reflection towards a more critical posture of the students and also of the teaching approach effects.

It was concluded that the meta discursive reflexions were important for changes of language concepts as well as depended on reading context's construction.

From this point on, we made an evaluation of the theories that helped us to outline the theoretical and methodological basis and we nominated the implications resulting thereafter.

KEY WORDS: Reading, Literacy, Discourse Analysys, Persuasion, Journalism Texts

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa em Lingüística Aplicada teve como tema central o desenvolvimento de leitura de alunos do sexto período de um curso de graduação em Letras de uma faculdade particular do interior paulista.

O objetivo da pesquisa foi investigar o processo de reflexão metadiscursiva desses sujeitos, com histórico restrito de letramento, em uma situação didática de leitura de textos jornalísticos. A hipótese que direcionou este trabalho era que o desenvolvimento de leitura está diretamente relacionado à reflexão metadiscursiva, definida aqui como a tomada de consciência de aspectos lingüístico-discursivos importantes para a construção dos sentidos dos textos. Assim sendo, consideramos relevantes as condições em que os contextos de ensino de leitura são construídos para que, ao ler, o aluno possa passar a tomar a linguagem como objeto de atenção e de análise, elevando os níveis de reflexividade.

Os dados apresentados nesta pesquisa foram obtidos a partir das respostas dos alunos a roteiros de leitura de textos jornalísticos lidos na disciplina ministrada pela professora, que também era a pesquisadora. Foram analisadas as reformulações de leitura ocorridas ao longo do curso, no interior de uma ação didática que privilegiava a co-relação entre as informações trazidas pelas teorias de linguagem e a análise empírica desses textos jornalísticos.

No primeiro capítulo deste trabalho, situamos o tema da pesquisa e sua relevância dentro dos estudos da Lingüística Aplicada sobre a formação do professor. Nele também mostramos questões específicas do letramento acadêmico e destacamos a importância da reflexão metadiscursiva para a formação do futuro professor de língua materna.

No segundo capítulo, discutimos a noção de persuasão, vista a partir da perspectiva da teoria da argumentação de Perelman e Tyteca (2000) e a sua relevância para os processos interpretativos de leitura dos textos jornalísticos. Nesse mesmo capítulo, também mostramos como o aporte teórico-metodológico dos estudos enunciativo-discursivos (Maingueneau 1989, 2001) e da Análise Crítica do Discurso (1992 a, 1992 b, 2000) consistiram em um instrumento fundamental para as descrições das produções dos alunos.

No capítulo três, procedemos a uma exposição da forma como os estudos etnográficos do letramento e a Análise Crítica do Discurso conectaram-se em nossa pesquisa e de que modo tornaram possível explicar as formulações das respostas dos alunos, permitindo elucidar, através delas, as concepções de língua e os movimentos nas significações de leitura. Desse modo, são expostos os referenciais teóricos do Letramento (Street 1984, 1993, 1995; Kleiman 1995; Signorini 1995, 1998; Gee 1996, 2000; Terzi 1992, 1995, 2001; Barton e Hamilton 1998; Barton, 2000) e da Análise Crítica do Discurso (Fairclough op.cit.), adotados por estarem eles centrados no reconhecimento de que os significados encontram-se social e culturalmente construídos e compartilhados, o que somente os estudos de base etnográfica puderam esclarecer. Nesse mesmo capítulo, também

será destacada a noção de coerência, tal como é concebida por Fairclough, relevante para a explicação das formulações encontradas nas respostas de leitura.

No quarto capítulo, caracterizamos essa pesquisa de cunho etnográfico e apresentamos os procedimentos metodológicos seguidos. Na caracterização geral dos sujeitos envolvidos na investigação e da ação didática, ressaltamos, de um lado, o histórico de letramento, e, de outro lado, os aspectos da prática analítica de leitura dos textos que foram o objeto de estudo nas atividades didáticas.

O quinto e o sexto capítulos trazem as análises das respostas dos alunos aos roteiros de leitura dos textos jornalísticos, roteiros esses, propostos em cinco tarefas. Os enfoques da análise enunciativo-discursiva e da Análise Crítica do Discurso, como já dissemos, formaram um instrumental importante para a descrição dos modos interpretativos emergentes nessas respostas. Foi possível verificar, nas diferentes formas de reconstrução da leitura, a predominância de dois aspectos principais quanto às concepções de língua e de texto dos sujeitos.

As análises referentes à primeira tarefa prospectiva, apresentadas no quinto capítulo, ressaltaram, de um lado, a predominância da concepção de língua como representação direta do mundo e, de outro lado, a adesão desses sujeitos aos efeitos de sentido suscitados nos textos noticiosos.

No capítulo seis, analisamos as respostas obtidas a partir de mais três atividades desenvolvidas em diferentes momentos da disciplina. Nessas análises, será demonstrada a predominância de uma atitude de reflexão metadiscursiva

frente aos textos jornalísticos, ao contrário do que foi encontrado na primeira prospecção de leitura descrita no capítulo anterior a esse. As análises, nesse capítulo, permitiram elucidar que a linguagem foi tomada como uma forma de ação entre sujeitos e que um posicionamento mais crítico de leitura foi se desenvolvendo no reconhecimento, pelo aluno, de que os textos lidos traziam posicionamentos dos seus enunciadores.

No capítulo final, apresentamos algumas conclusões e implicações desta pesquisa para a reflexão sobre a formação do docente de língua materna envolvendo aspectos do letramento acadêmico e as questões da prática de ensino descrita na pesquisa.

CAPÍTULO 1

REFLEXÃO METADISCURSIVA E LETRAMENTO ACADÊMICO DO PROFESSOR

Estudos recentes na área da Lingüística Aplicada que teorizam a respeito da formação do professor (Kleiman 2001; Magalhães 2004) trazem fecundas discussões que apontam para a necessidade de se proceder a um trabalho de formação, inicial ou continuada, que crie condições para o desenvolvimento de abordagens reflexivas sobre a linguagem. Essa reflexão significa a tomada de consciência da funcionalidade e da forma dos textos nas práticas sociais de leitura, atinente aos aspectos metadiscursivos dos textos.

A prática analítica da língua, e por consegüente do texto, permite a reelaboração, pelo sujeito, das concepções de língua pela consciência dos aspectos sociais envolvidos na leitura (e escrita) bem como dos processos discursivos a elas relacionados. Essa atitude que chamamos de “reflexão metadiscursiva” está muito diretamente relacionada ao processo de letramento acadêmico do professor.

Em um contexto de ensino formador de professores de Letras, em que historicamente privilegia-se a construção de saberes sobre a língua, o letramento do futuro docente compreende duas dimensões. Uma é referente à inserção a essa prática acadêmica que privilegia a reflexão descontextualizada dos objetos discursivos. A outra está relacionada à dimensão da *práxis*, fundamental à formação do profissional que ensinará a língua materna.

Quanto à primeira, há implicações importantes quando se tratam de contextos restritivos, em que a familiaridade dos alunos-formandos com a escrita é menor, ou limitada a usos profissionais imediatos, como é o caso dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

Ao salientar a respeito dos processos de desenvolvimento do letramento de professores em formação inicial ou continuada, Kleiman (2001) aponta que são grandes os efeitos na formação do docente da falta de orientação, nos cursos, para a construção do que denominou “objetos discursivos”. Se os cursos formadores devem favorecer a apreensão de modos discursivos legitimados pela difusão de um certo saber teórico da língua, a atitude do docente universitário deve ser a de garantir a comunicação com o aluno em formação, o que supõe, para usar uma definição da autora, a adoção de uma postura “culturalmente sensível” (p.51).

Na situação de ensino em que tradicionalmente a aprendizagem não é totalmente espontânea, aliada ainda às restrições de um contexto de menor letramento, deve-se examinar criticamente as implicações decorrentes da imposição de um discurso sobre outro, se o(s) letramento(s) não for(em)

tratável(is) em seus contextos sociais e culturais. Especialmente quando se tratam das implicações decorrentes do fato de que os modos de falar dos alunos de graduação e dos professores sobre o material escrito não correspondem, muitas vezes, àqueles que são legitimados pelas instituições.

A questão das conceituações teóricas, por exemplo, necessita ser vista criticamente, sempre que houver imposição de uma prática discursiva sobre outra, em detrimento de uma interação mais eqüitativa. Isso explica porque são muito recorrentes os modos de reprodução do discurso científico-acadêmico servindo mais como tática evasiva ou como mero cumprimento de uma exigência institucional pelo aluno, o que põe em evidência que práticas assimétricas encontram-se implícitas. No que diz respeito a esta pesquisa, era importante adotarmos uma ação didática que privilegiava, primeiramente, a reflexão dos aspectos discursivos dos textos, mais do que a obrigatoriedade de conceituar os fenômenos à luz das teorias que tomavam a linguagem como objeto, principalmente por se tratar de alunos que tinham pouca fluência na linguagem acadêmica.

São consideráveis as implicações disso. Mey (2001) aponta que as normas impostas pela força estrutural hegemônica da sociedade relativizam a liberdade lingüística dos sujeitos, o que aponta para os riscos da imposição de uma prática discursiva sobre outra, caso se desconsidere a relevância dessa prática outra nos processos de construção nos contextos de ensino e aprendizagem.

No contexto desta pesquisa, não raro, os alunos universitários rejeitavam a leitura dos artigos acadêmicos que compunham o programa da disciplina, por se

sentirem ameaçados diante da linguagem dos textos teóricos. Isto nos obrigou, inúmeras vezes, a proceder a reajustes nas práticas de abordagem desses textos. Tais remodelações tinham como característica a análise de textos empíricos, tomados como exemplo para descrever e discutir os aspectos lingüísticos e discursivos que estavam sendo conceituados pela teoria. Assim, nas aulas, privilegiava-se, em primeiro plano, os processos enunciativos e, em segundo lugar, as conceituações. Mesmo que na seleção dos textos teóricos tivéssemos propositadamente dado preferência aos artigos de referência que tinham como característica as exemplificações relativas a algum aspecto das teorias da linguagem, o que supostamente facilitaria a leitura teórica, os momentos de interação com a professora tiveram uma influência positiva para uma melhor aceitação das leituras teóricas.

A outra dimensão da *práxis* leva em conta que toda prática de ensino da língua necessita estar conectada a objetivos que não descaracterizem os textos de seus aspectos constitutivos e que os apresentem como formas construídas *nas e pelas* práticas sociais. O texto, portanto, não pode ser objeto de estudo para o reconhecimento de unidades, de regras e estruturas lingüísticas que prescindem dos sujeitos, como preconizou uma tradição de ensino de leitura.

Em relação ao aspecto do trabalho com a leitura e o texto, Kleiman (1989) mostra que, na situação de ensino, há duas visões dicotomizadas de leitura:

uma considera que a análise dos elementos discretos seria o caminho para se chegar a uma leitura

autorizada, em que a experiência é desconsiderada, e a leitura torna-se uma avaliação do grau de proximidade ou de distância entre a leitura do aluno e a interpretação autorizada. A leitura é, no entanto, justamente o contrário: são os elementos relevantes ou representativos os que contam, em função do significado do texto, a experiência do leitor é indispensável para construir o sentido, não há leituras autorizadas num sentido absoluto, mas apenas reconstruções de significados, algumas mais e outras menos adequadas, segundo objetivos e intenções do leitor.” (p.23).

Seguramente que, em um curso formador de professor de língua materna, a compreensão de que os textos correspondem a diferentes necessidades sociais, que, por sua vez, configuram as suas propriedades lingüístico-discursivas é preponderante para a elaboração de quaisquer atividades didáticas de leitura e escritura que os professores venham desenvolver, o que uma abordagem tradicional da gramática não possibilitaria. De outro lado, o desenvolvimento das capacidades lingüísticas desse futuro professor está diretamente atrelado às condições em que os contextos são construídos para que seja possível ao aluno tomar a linguagem como objeto de atenção e de análise, para elevação dos níveis de reflexão metadiscursiva.

Ao contrapor as modalidades de pensamento (ou de modos discursivos diferenciados) letrado e não-letrado, ou de pensamento descontextualizado e concretamente contextualizado, como dois modos de funcionamentos cognitivos

dos indivíduos, Signorini (1995) argumenta que a escrita favorece a “consciência metalingüística, por consistir em suporte material da língua, sobre o qual o sujeito pode refletir e construir conhecimento explícito. A escola, como o lugar social onde o contato com a modalidade escrita é intenso, favorece, por intermédio de suas práticas, o pensamento descontextualizado e a ação metacognitiva na interação com essa modalidade. “ (p.154).

Os dados de nossa pesquisa mostram, nas respostas do alunos às atividades de leitura dos textos jornalísticos, algumas das conseqüências das intervenções da professora-pesquisadora no sentido de equacionar teoria e análise reflexiva dos textos-suporte que serviam como exemplos para a aprendizagem dos conceitos teóricos de linguagem.

A RELAÇÃO *FUNÇÃO-FORMA* E A REFLEXÃO METADISCURSIVA

Difícil é a arte de desler.
Mário Quintana

Há, atualmente, uma exigência por novas orientações no ensino, decorrentes, em parte, dos reflexos das transformações por que passou o ensino de língua materna ao longo das últimas décadas. De um lado, houve tentativas governamentais de elaboração de projetos educativos buscando contribuir para o desenvolvimento da linguagem dos aprendizes, seja pelo direcionamento à inserção de novas práticas e novos gêneros na escola - a muitos dos quais os alunos não teriam acesso fora dela -, seja pela motivação para a transposição de múltiplas práticas discursivas no interior do contexto de ensino.

Esse movimento conduziu à ampliação dos objetos de estudo tradicionalmente privilegiados no espaço escolar exigindo, assim, novas abordagens do professor. De outro lado, percebe-se um reflexo das transformações por que passaram os estudos lingüísticos e do seu diálogo com as produções acadêmicas, em especial, no campo da Lingüística Aplicada.

A introdução de novos gêneros (textos) no ensino, guiada fundamentalmente pelos Novos Parâmetros Curriculares Nacionais, criou, assim, uma nova demanda para o professor. Há uma orientação em direção ao estudo de textos que por sua

natureza trazem a marca da contemporaneidade, como os textos da imprensa, por exemplo.

Introduzir, no ensino, textos mais organicamente relacionados às práticas cotidianas das sociedade, ou seja, em situações concretas de comunicação, poderá contribuir para a apreensão do funcionamento da língua ao situar o texto sob a óptica da história social e cultural de que é produto, construído em condições de produção relacionadas as suas funções na sociedade.

Ao afirmar que os textos em seus usos e funções apreendem em seu interior as práticas sociais, Terzi (2002) discute a respeito da importância do desenvolvimento de uma percepção, pelo leitor, da relação “função-forma” para o letramento. Essa relação supõe que a forma apresentada pelo texto encontra-se determinada pela sua função nas práticas sociais.

A “atitude metadiscursiva” dos futuros professores envolveria, portanto, a consciência crítica das condições de produção dos textos, em que os aspectos lingüísticos e discursivos não podem ser sustentados nos processos de racionalização lingüística. Foi no interior dessas práticas, que em alguns processos de escolarização dos saberes historicamente construídos sobre a linguagem ancoraram-se duas tradições de estudo, que, segundo Franchi (1987), eram incompatíveis:

de um lado, a dos que refletiam sobre a linguagem para construir um sistema nocional capaz de descrevê-la. Pode-se ver isso, por exemplo, em partes dos estudos

gramaticais greco-latinos, nas gramáticas especulativas e filosóficas e mais recentemente, no estruturalismo. De outro lado, a tendência dos que se preocupavam em estabelecer condições de 'uso' da linguagem e que deu origem às gramáticas prescritivas e normativas: em vez de refletir teoricamente sobre a linguagem, a tarefa do gramático seria a de elaborar um manual sobre a arte de falar e escrever bem, segundo os mais diferentes critérios (p.14, grifo do autor).

A relação função-forma, ao contrário, exige que o leitor interprete aspectos lingüísticos-discursivos manifestados a partir de relações sociais, impossíveis de serem lidas por meio dos instrumentos de uma gramática lógico-formal. Não se poderia estudar os textos em práticas que não consideram a língua, e por conseguinte, o texto, como produtos de uma história cultural.

Em nossos dados, na maneira como os alunos descreveram aspectos da forma e do sentido dos textos apareceram indícios de modos de analisar o texto dentro dessa perspectiva da formalista da gramática.

Para o ensino-aprendizagem da leitura, a consciência da relação função-forma traz conseqüências consideráveis para o letramento. A prática reflexiva atinente aos aspectos discursivos dos textos solicita do sujeito leitor competências para a interpretação muito estreitamente relacionadas à natureza dos textos.

Falamos aqui de propriedades constitutivas de todo texto e das atitudes metadiscursivas necessárias para a sua interpretação. Neste estudo, adotamos a

perspectiva de que o letramento acadêmico daquele que ensinará leitura e escrita em língua materna deve iniciar-se a partir de um trabalho reflexivo para o reconhecimento de que há práticas sociais mais amplas moldando a função-forma.

A prática social mais ampla é apresentada por Gee (2000), em seu trabalho que mostra um panorama das áreas de estudo convergentes, orientadas pelos aspectos socioculturais da língua e do letramento. Para dar a conhecer o significado social e cultural da linguagem escrita (ou oral), segundo Gee, o leitor deverá conhecer, os significados de *who* e de *what*.

Who é o lugar social através do qual os enunciados são autorizados e distribuídos. Com respeito aos textos escritos, *who* pode ou não ser uma pessoa ou uma instituição. O significado de *what*, seria a prática social que a enunciação constitui. Ambos os conceitos são legitimados por práticas específicas, social e historicamente moldadas, representativas dos valores e interesses de grupos distintos de indivíduos. Para ser capaz de ler e escrever, requer-se do indivíduo o entendimento do funcionamento das práticas, pressuposto nas dimensões do *who* e do *what*, que Gee denomina “comunidade de prática” (p. 203).¹

Who e *what* dão a perceber, assim, a dimensão social e política de todo discurso construído em práticas sociais, que, por sua vez, se encontram planificadas na equação, função versus forma. No seu interior, os indivíduos

¹ “In texts (and indeed, in all social activity) particular patterns of world- building, whos and whats become recognizable as betokening a particular sociocultural group or community of practice. People as speakers/ listeners and as writers/readers coordinate their words, deeds, values, and feelings with those of other people, as well as with the affordances of various spaces, objects,

operam com os discursos, coordenam as ações, os valores e sentimentos com os outros, de acordo com variados símbolos, lugares, objetos e tecnologias, criando o que Gee denominou de “dança significativa” (p. 202-4).

Os processos envolvidos no letramento são, portanto, internos ao indivíduo e, ao mesmo tempo, sociais, já que conectam as pessoas, os conhecimentos e as identidades sociais compartilhados e ideologicamente representados. Isso exige, por sua vez, que o leitor interprete aspectos lingüístico-discursivos manifestados em relações sociais contingentes que levam a escolhas discursivas.

Apresentadas essas considerações iniciais, mostraremos as teorias subjacentes à pesquisa nos capítulos seguintes.

symbols, tools, and technologies, to create a kind of socioculturally meaningful ‘dance’.” (2000, p. 203).

CAPÍTULO 2

A PERSUASÃO E A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL

O emprego de discursos persuasivos tem por objetivo um julgamento, pois, sobre uma questão conhecida, julgada, não há necessidade de discorrer.

Aristóteles

Este capítulo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre a noção de *persuasão* (Perelman e Tyteca, 2000) que, para esta pesquisa, foi um importante aparato teórico, principalmente por sua relevância para o discurso da mídia. Mostraremos como a persuasão surge estreitamente relacionada à equação da função-forma nos discursos, referida anteriormente. Neste mesmo capítulo, serão apresentados os tópicos discursivos enfocados a partir do que foi encontrado nos dados de interpretação dos alunos.

O enfoque na persuasão, tal como é vista pelo estudo argumentativo da Nova Retórica (Perelman e Tyteca, 2000), em que os autores versam sobre a teoria da argumentação e os efeitos dos recursos discursivos do texto, foi

preponderante para as análises dos processos de reflexão metadiscursiva dos sujeitos nas leituras e comentários sobre textos jornalísticos.

A consciência metadiscursiva exige do sujeito leitor a interação de certas competências para a atividade de interpretação muito estreitamente relacionadas à natureza legitimada dos textos, ou às suas condições de produção. Também é o que permitiria a reelaboração pelo sujeito de concepções e pressupostos a respeito da língua, seus usos e funções: se a língua deve ser vista como um processo de interação entre os sujeitos sócio-historicamente situados e não isolada do contexto em que é produzida e concebida, estudá-la significa ir além do quadro das estruturas lingüísticas.

Analisar o sentido de um discurso é percebê-lo como um processo dinâmico de ação entre os sujeitos, e, portanto, de modificação. A língua, nesta pesquisa, é concebida, conforme define Franchi (1987):

como um trabalho pelo qual histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se reproduz do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos, as línguas naturais de que nos servimos (p.12).

A língua, pois, não é pura evidência, ou transparência de sentidos. Não tem como finalidade a apresentação do mundo; é, sim, um instrumento de ação política do enunciador sobre o co-enunciador e vice-versa.

Qualquer estudo da língua deve buscar responder, lembra Franchi, a uma questão de grande importância: *por que as expressões significam aquilo que significam?* Este é o primeiro questionamento que institui o processo de reflexividade metadiscursiva a que vimos nos referindo, e que, cumpre-nos insistir, não pode ser reduzido a uma análise formalista.

É por meio dos diferentes discursos que nos cercam no dia-a-dia e com os quais nos envolvemos como sujeitos sociais, tanto da perspectiva da produção quanto da recepção, que somos circunscritos dentro do ato persuasivo que a linguagem em suas formas possibilita. O texto reflete, em seus aspectos formais e estilísticos, os processos de produção e apresenta pistas para interpretação das situações enunciativas. Esses modos enunciativos, a cada vez, estabelecem com o leitor uma forma de comunicação que o engendra no mundo evocado pelo texto. As escolhas trazidas para o interior do discurso, com exclusão das outras formas ditas representam, sobretudo, posições subjetivantes de quem enuncia.

Ainda que conformadas e legitimadas pelas ordens dos discursos, as posições e escolhas enunciativas são movediças e configuram um *como* de um ato persuasivo que se dá prévia e indissolúvelmente dentro de um código cultural.

O que será exposto a respeito da persuasão, na parte seguinte a essa, exige que retomemos a questão do caráter e da função da imprensa de massa hoje.

2. 1. A PERSUASÃO E O TEXTO NOTICIOSO

O texto noticioso, no sentido mais amplo, tem sido o modo corrente de articulação simbólica que transporta o conhecimento do fato a quem não o presenciou. Através dele é que se colocam em debate os grandes fatos e que se reproduzem e se formam os pontos de vista. Nos textos noticiosos, a prática social é evidenciada nos usos e funções, bem como na relação que o produtor de informações mantém com a sociedade e vice-versa.

A imprensa escrita de massa caracteriza-se por exercer grande influência sobre a sociedade. É por meio dela que os grandes fatos são postos em debate e que se mostram e se formam os pontos de vista. Em uma perspectiva comunicacional, nas palavras de Charaudeau, o discurso midiático, “ao colocar os indivíduos em relação uns aos outros, cria o sentido e esse cria o lugar social”, cuja percepção se dá na leitura dos imaginários sociais implícitos nos discursos, articulando as marcas materiais lingüísticas e os imaginários sociais (pp.7-8).

Se tal relação se estabelece por intermédio de recursos discursivos, desses resultam considerações sobre a ordem e as operações dos argumentos que devem ser apresentados para exercer seus efeitos persuasivos. Persuadir consiste, portanto, em atestar o que é dito na própria enunciação. Nos dados há indícios de que gradativamente se processa o reconhecimento dos recursos persuasivos no interior dessa ordem dos argumentos.

Como foco dessa discussão teórica, tomamos a noção de *persuasão* tal como é vista pelos estudos argumentativos da Nova Retórica (Perelman e Tyteca 2000). A abordagem contemporânea da dimensão persuasiva da linguagem leva em conta, primeiramente, o entendimento da argumentação como valorização da linguagem, não unicamente como instrumento e representação, comunicação ou expressão, conforme preconizava a retórica antiga², mas como forma de ação sobre o outro. Isso exige uma compreensão do funcionamento não do conteúdo ou das estratégias retóricas, mas de que a opção por um certo dispositivo enunciativo apresenta-se inseparável sempre da dimensão social e da ação entre interlocutores (*who* e *what*).

O estudo dos dois autores contribui para a consciência de que a argumentação assume formas variadas em expedientes que operam na ação persuasiva no texto. A persuasão é, pois,

um desdobramento argumentativo capaz de desvelar determinadas idéias, valores, ou conceitos. O objetivo de toda a argumentação, como dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a

² A retórica liderou os estudos da linguagem durante séculos e declinou a partir do momento em que se transformou em mera vulgarizadora de técnicas estereotipadas. O interesse pela argumentação já se fazia presente nos sofistas do século V aC, que se esmeravam em ensinar a argumentação com a finalidade de conquistar a adesão dos mais diversos auditórios. Também mereceu de Aristóteles um tratado sobre a arte de persuadir, que segundo o filósofo exige o domínio da razão e do estilo. Perdurou no pragmatismo romano, como em Cícero e em Quintiliano. O Tratado da argumentação ou Nova retórica de Perelman reata o par retórica-argumentação, subordinando os fenômenos lingüísticos à intenção de convencer

ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (p. 50).

Uma leitura crítica permitiria discernir a persuasão como forma de argumentação. De quem enuncia, ela demanda uma elaboração que possibilite à linguagem ser confundida com a realidade e que permita ao discurso assumir a condição de verdade. O discurso persuasivo surge, então, como estratégia retórica que faz determinados argumentos serem dispostos numa seqüência capaz de gerar veridicção. Do co-enunciador, por sua vez, a leitura crítica exige atitudes frente ao texto, assim enumeradas por Carraher (1984):

uma consciência pragmática; um reconhecimento e apreciação dos usos práticos da linguagem como meio de realizar objetivos e influenciar pessoas; a identificação de premissas e significados implícitos (p.138) .

Segundo Perelman e Tyteca (2000) são inúmeros os esquemas persuasivos, a exemplo do recurso ao estilo neutro considerado por estes autores como tendente a reforçar o crédito dado às premissas:

O estilo neutro aumenta a credibilidade por contraste com o que poderia ter sido um estilo argumentativo mais insistente (...) (p. 173).

Tal premissa mantém relação estreita com as condições de produção do texto jornalístico, o que é observável em sua própria trajetória histórica e social, trajetória essa constitutiva da relação função-forma do texto jornalístico.

Os textos noticiosos (nesta pesquisa, falamos da notícia e da reportagem) propõem-se a narrar o cotidiano de modo a produzir um efeito de sentido objetivante, de real, em que o enunciador representa-se como se fosse neutro.³ No gênero notícia há uma tensão que dimensiona o contrato próprio do gênero que não desfaz a inter-relação entre comunicar de maneira neutra e persuadir. Propõe-se fazer aderir a um certo universo de sentido que pode ser mostrado por indicações explícitas que tomam corpo através da própria enunciação que as carrega. Há uma reconstrução do real transformado em uma nova realidade, por vezes mais intensa do que a original.

Considere-se, a exemplo disso, o largo uso da imagem fotográfica na mídia impressa. Ainda que tenha como parceria o *efeito do acaso* que marca sua produção num espaço social, ela é oferecida como um dado da realidade, cujo sentido produzido não prescinde de uma escolha prévia determinada particularmente. A notícia é, pois, uma versão de um fenômeno social, e não a tradução objetiva, imparcial e descomprometida de um fato.

Na perspectiva do letramento acadêmico do futuro professor, um estudo que leve em conta um nível de explicitude da língua para desenvolvimento da

³ Koch diz que o modo imparcial e impessoal do texto jornalístico “confere uma evidência incontestável da veracidade como marca desse discurso; pretende-se narrar o cotidiano de uma forma ‘objetivante’”. (Koch,1992:60).

atitude metadiscursiva implica na compreensão de que a condição de produção da linguagem no texto se dá, prévia e indissolúvelmente, dentro de um código cultural, assim revelado por Perelman e Tyteca:

“A adesão a certos usos lingüísticos é normalmente a expressão de tomadas de posição, explícitas ou implícitas, que não são nem o reflexo de uma realidade objetiva nem a manifestação de uma arbitrariedade individual.” (p. 580).

Isso diz respeito tanto às estratégias compositivas dos textos em geral, como também aos mecanismos de produção, circulação e recepção dos mesmos. A reconstrução de uma intenção argumentativa é uma dimensão importante da reflexão metadiscursiva e, também, um pré-requisito para o posicionamento crítico frente ao texto. Para discernir um esquema argumentativo persuasivo, o leitor proficiente e crítico é obrigado a suprir elos faltantes.

No texto noticioso, a persuasão poderá manifestar-se, por exemplo, no arbítrio das nomeações preferenciais, nos estereótipos socialmente produzidos, na seleção e ordenação dos dados que envolvem a consideração de importância ou interesse, seja do enunciador, seja em função da expectativa do leitor.

Se visto de uma perspectiva dialética, é significativo considerar que o texto da notícia procura se adequar, também, à postura ideológica de sua audiência, o que supõe que nem sempre essa postura é imposta somente pelos seus

produtores. Há, no máximo, uma troca de posições, para possibilitar constantes ajustes. Por exemplo, não há apenas um veículo conservador, há um público conservador que possibilita a sua existência, e um público-leitor ditando o que deseja “consumir”.

Encontramos aqui um fenômeno que nunca é demais salientar, que o leitor certamente pode ter conhecimento da persuasão e da imposição dos veículos de comunicação de massa a partir de suas experiências e de uma variedade de “aparelhos” que auxiliam na construção da sua visão (sindicatos, igrejas, comunidades de bairro). Poder-se-ia considerar, assim, que a prática de inteirar-se das informações e opiniões também pode ser a procura do cidadão, na informação jornalística selecionada, em reforçar o seu discurso e respaldar suas próprias observações e opiniões.

Fairclough (1994), analisando as tendências lingüísticas da mídia impressa, considera-as a realização de uma tendência mais ampla, baseada nas relações de consumo adaptadas às aspirações de estilos de vida dos leitores-consumidores.

O que o leitor afinal pode procurar na informação jornalística selecionada é um reforço ao seu próprio discurso. Isso remete a um desdobramento do que Perelman e Tyteca também admitem, que é “extensão do auditório” que condiciona em certa medida os processos argumentativos

:

É, portanto, a natureza do auditório ao qual alguns argumentos podem ser submetidos com sucesso que determina em ampla medida tanto o aspecto que assumirão as argumentações quanto o caráter, o alcance que lhes serão atribuídos (p. 33).

No interior de uma visão de leitor mais ativo, o discurso da notícia serve para convalidar, ou não, o seu ideal e, mesmo se muito influenciado, não absorve a totalidade das mensagens como verdadeiras. As interpretações, assim, não podem ser consideradas como sendo sempre passivas. Esse gênero, bem como todos os outros, possui, em geral, um caráter incerto e aberto a “leituras resistentes” dos intérpretes.

Por outro lado, em seu “modo retórico”, o gênero noticioso veicula informação geralmente em asserções categóricas. Tal característica remete-nos às habilidades⁴ necessárias para o desenvolvimento metadiscursivo e crítico do aluno. Tomar consciência da persuasão, por um lado, habilita-o para uma tomada de posição crítica como cidadão, em especial aquele com histórico de letramento restrito. Conforme ensinou Aristóteles na *Arte Retórica*, se o outro (ouvinte/leitor) não tem direito à voz, o esquema persuasivo cai no arbítrio, portanto, na quebra

⁴ Fairclough (1992a) diz que existe um sentido ambivalente envolto no conceito “habilidade”. De um lado - não se trata da conotação adotada aqui - pode ter implicações normativas, passivas e objetificadoras em que todos os indivíduos adquirem elementos de um repertório social comum de habilidades, por meio de procedimentos de treinamento institucionalizados. Pressupõe-se, assim, que as habilidades sejam transferíveis a contextos, a ocasiões e usuários de um modo que deixa pouco espaço à individualidade. O conceito de “habilidade”, entretanto, pode ser democratizante, segundo o autor, isto é, sugestivo de que a capacidade é inerente a todos os indivíduos e está aberta a cada um a aperfeiçoá-la ou acrescentar novas habilidades.

do contrato democrático e no puro exercício do monopólio interpretativo que as trocas argumentativas possibilitariam.

Quando discorre a respeito da leitura crítica, Cavalcanti (1984) diz que a metodologia de sala de aula, deve levar o sujeito a uma mudança de comportamento frente ao texto lido e a arbitrariedade dos discursos. Para citar a definição de leitura crítica da autora temos:

“A leitura crítica refere-se, portanto, à prontidão do leitor para abordar um texto de modo ativo, sem ser dominado pelo mesmo. Em outras palavras, o leitor só se sentirá à vontade para criticar um texto se não vir o texto como autoridade, se não vir o escrito do texto como autoridade” (p.107).

A leitura crítica permite perceber que mesmo na forma que na forma aparentemente neutra de argumentar, existe já uma escolha prévia socialmente determinada do autor (enunciador). Ainda que uma expressão aparente ser neutra, há em geral, uma escolha dos termos e um esboço de uma argumentação. A leitura crítica, também segundo Kleiman (1989), exige a percepção de marcas de autoria nos textos e supõe a definição seguinte:

O senso crítico é definido como uma atitude de descrença, de ceticismo que faz com que exijamos evidências para as opiniões e idéias que são

apresentadas, e que podem servir de base para a formação de opiniões e idéias próprias. Essa atitude implica, necessariamente, uma análise do texto prévia a qualquer discussão: pressupõe uma interação, um escutar o outro. (1989, p. 76).

A apreensão da persuasão no discurso exige do aluno-leitor uma atitude metadiscursiva frente ao texto. Além do que, lançar um olhar reflexivo a toda operação argumentativa habilita o futuro professor para o trabalho com a leitura.

Os dados que serão apresentados nesta tese evidenciaram modos distintos de se falar do texto nos processos interpretativos. Por outro lado, também indicaram movimentos em direção a uma visão mais crítica pela percepção, na linguagem, dos mecanismos usados com fins persuasivos.

Para investigarmos as formas de apreensão metadiscursiva dos textos noticiosos e as formas como os alunos se posicionaram frente à leitura dos textos jornalísticos, foi importante levar em consideração o plano da atividade lingüístico-enunciativa, tomado como objeto de análise. É esse o assunto que discutiremos em seguida.

2.2. OS TÓPICOS DISCURSIVOS DO TEXTO NOTICIOSO: QUADRO TEÓRICO ANALÍTICO

Não existe escolha neutra - mas há uma escolha que parece neutra e é a partir dela que se podem estudar as modificações argumentativas (Perelman).

A posição geral nesse trabalho expõe a importância da reflexão sobre como os textos operam na sociedade e como representam aspectos sócio-culturais. Nosso foco recai nos processos interpretativos de leitura do texto noticioso em uma dada situação didática. O enfoque analítico do texto, complementado pela teoria social do discurso (Maingueneau 1989, 2001; Fairclough, 1992 a, 1992 b; 2001), forneceu instrumentos para realizar a descrição e a análise das diversas reformulações nas produções dos alunos identificadas na construção do objeto de estudo.

Ao considerarmos que nos textos sedimentam-se desenvolvimentos históricos e práticas sócio-discursivas nas situações de comunicação por eles engendradas, tivemos que recorrer a um suporte teórico-metodológico que proporcionasse meios para relacionar as convenções sócio-culturais à descrição lingüístico-enunciativa. Como já foi mencionado na introdução desta tese, o referencial teórico que nos permitiu um olhar para os processos interpretativos dos sujeitos foram buscados nos pressupostos da Teoria do Discurso de Maingueneau (1989, 2001) e na própria Análise Crítica do Discurso de Fairclough (1992a, 1992b, 2001).

Essas referências foram úteis para a interpretação dos dados, ao mesmo tempo em que possibilitaram esclarecer como a *coerência* era construída a partir dos pressupostos de linguagem dos alunos na leitura e como foi a apreensão dos *processos persuasivos* manifestados na linguagem.

Diante disso, serão expostas algumas categorias lingüístico-discursivas vistas da perspectiva do aparato teórico escolhido em relação com a persuasão. Os tópicos analíticos selecionados, apresentados nesta seção, surgiram em função das especificidades da amostra de dados e permitiram codificar algumas regularidades observáveis nos dados.

É necessário salientar que não está nos propósitos centrais desta pesquisa uma descrição lingüístico-enunciativa do gênero jornalístico. A respeito disso, Kleiman (2001) não nos deixa esquecer que, na pesquisa em Lingüística Aplicada, o interesse pela linguagem diz respeito àquilo que seu estudo pode nos mostrar sobre como os alunos aprendem; ou seja, “é a natureza da aprendizagem da língua o objeto, não a natureza da linguagem” (p. 20).

2.2.1.TEMA E TRANSITIVIDADE: SELEÇÃO DO ENUNCIADOR

Segundo Perelman e Tyteca (1986:174), a maneira pela qual formulamos o nosso pensamento mostra algumas de suas modalidades, que modificam a realidade, a certeza ou a importância dos dados do discurso. A motivação persuasiva para uma seleção temática permite perceber, nas estratégias enunciativas, o processo de se jogar luz sobre pressupostos de senso comum.

Fairclough (2001) considera que o tema e a transitividade evidenciam como os tipos de processos e participantes particulares estão favorecidos no texto, seja nas escolhas de vozes (ativa ou passiva), seja na nominalização dos processos, na atribuição de responsabilidade e na expressão de causalidade para uma dada seleção temática. A nominalização, segundo o autor, divide com a voz passiva a possibilidade de omitir o agente e a variedade de motivos para fazê-lo (p. 226).

Nos textos jornalísticos, o enunciador poderá exprimir ou atribuir valores de relevância não só aos tópicos que são hierarquizados nos títulos jornalísticos, como também na ordem linear do texto. Algumas formas como a manchete são recursos textuais importantes para ajudar a construir o tema; funcionam como expressão de pelo menos parte do tema noticioso. São usadas, também, como sinais para que façamos deduções atinentes à informação mais importante do texto que neles está sendo sumarizada ou destacada.

Proceder a uma reflexão metadiscursiva dos processos envolvidos nas formas de se intitular significa perceber, sobretudo, que se tratam de formas agenciadas de modo a se apresentarem configuradas em consonância com as condições de produção do gênero.

Constatamos nos dados da pesquisa que, para alguns dos alunos, os títulos dos artigos foram ressaltados como uma dimensão textual da gramática, ou seja, como uma proeminência informacional relacionada ao conteúdo temático global e não relacionado a uma escolha prévia de um enunciador para se jogar luz persuasivamente a determinado elemento. Por outro lado, para outros, os tópicos na matéria noticiosa foram percebidos como formas agenciadas como tal.

2.2.2. *ETHOS*: IDENTIDADE SOCIAL

O poder de persuasão de um discurso, segundo Maingueneau (2001), consiste, em parte, em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores sociais. Esse universo de sentido dado pelo discurso mostra-se também pelo *ethos* que o enunciador transmite ao leitor, que se apresenta por intermédio de uma maneira de dizer, para além da retórica clássica, e que remete a uma maneira de ser de um corpo investido de valores “socialmente especificados”. O *ethos* reúne as diversas características que vão na direção das identidades sociais. A função da identidade na linguagem começa a assumir grande importância, porque as formas pelas quais as sociedades

categorizam e constroem identidades para seus membros são um aspecto fundamental do modo como elas funcionam.

Também pelo *ethos* o enunciador transmite ao leitor um corpo investido de valores “socialmente especificados”. Para Maingueneau (op. cit.), o reconhecimento da função do *ethos* permite que nos afastemos de uma concepção de discurso segundo a qual os conteúdos dos enunciados seriam independentes da cena de enunciação que os sustenta⁵. Um exemplo evocado pelo autor, extraído do discurso publicitário, que apresenta como inseparável o *ethos* da mulher descontraída e dinâmica com a qual as outras mulheres devem se identificar, pressupõe uma comunidade imaginária, afinada ideologicamente, para que o processo de incorporação permita a identificação das leitoras com o *ethos* dessa mulher. Tem-se aqui a prerrogativa de que as incorporações realizam-se nessa comunhão de pressupostos partilhados socialmente, na adesão a um mesmo discurso. A incorporação designa, portanto, a ação do *ethos* sobre o co-enunciador (o leitor) que se reconhece no discurso.

No corpus desta pesquisa, essa noção teve destaque nos processos interpretativos. Há evidências, nos dados, que para alguns alunos não são evidentes índices de identificação de uma intenção persuasiva do enunciador do texto; para o outros, tal reconhecimento ficou evidenciado, conforme será mostrado nos capítulos de análise.

⁵ Em artigo em que discutimos alguns aspectos enunciativos- discursivos, as noções de “cena enunciativa” e “ethos” são mostradas como elementos indissociáveis na legitimação da enunciação, conferindo um poderoso efeito persuasivo ao discurso. (Carneiro, M.A L.,2004) Cenografia e *ethos*: legitimação enunciativa em uma notícia jornalística. In: Revista Alfa, n.48 (2) Unesp: Araraquara (p.107-116).

2.2.3. MODALIDADE: SIGNIFICAÇÃO E RELAÇÃO SOCIAL

Fairclough (2001) argumenta que a modalidade, como uma importante dimensão do discurso, é mais central e difundida do que se tem considerado. Contudo, algumas abordagens da análise do discurso orientadas lingüisticamente dão atenção insuficiente, segundo o autor, a aspectos sociais importantes do discurso.

A modalidade na gramática vem tradicionalmente associada a alguns verbos auxiliares modais (*dever* como obrigação moral, *poder* como permissão; *poder* como capacidade). Já as modalidades clássicas (aléticas, deônticas e epistêmicas) refletem o grau de afinidade com a proposição, que poderá ser subjetivo ou objetivo em que, respectivamente, há um menor ou maior distanciamento.

Ao fazer uma relação direta entre as modalidades clássicas e os atos de fala por elas realizados, Guimarães (1979) estabelece a seguinte correspondência: a obrigação e a permissão corresponderiam à modalidade imperativa (ordeno, permito); necessidade, à modalidade alética (é necessário); obrigatoriedade, à modalidade deôntica (é obrigatório); afirmação corresponderia à modalidade assertiva; probabilidade e certeza, à modalidade epistêmica; e possibilidade, à modalidade cognitiva.

Em uma abordagem sistêmica, Hodge e Kress (1988) enfatizam que, além dessas possibilidades, existe ainda uma gama difusa de formas de manifestação

de vários graus de afinidade: indeterminações, como "uma espécie de", "um pouco", etc.

Entretanto, partindo da visão crítica do discurso, nas formas incontáveis de modalidade há mais do que o comprometimento do enunciador com suas proposições e os atos de fala que elas engendram. A modalidade é um ponto de intersecção no discurso, entre a *significação da realidade* e a *representação das relações sociais*.

A reflexão metadiscursiva está em avaliar o significado relativo das características da modalidade para essas relações sociais e para as formas de construção da realidade. Tome-se como exemplo que já é consenso que o uso da modalidade objetiva, com grau de subjetividade menor, implica em maior forma de poder, posto que projeta como universal a perspectiva de quem fala.

Ao apontar mais detidamente para as propriedades gerais associadas à modalidade nas práticas da mídia, Fairclough (op. cit.) considera que, se a notícia e a reportagem geralmente pretendem tratar de fatos, da verdade e de questões de conhecimento, as suas características envolvem, de uma forma geral, uma predileção por modalidades categóricas, asserções mais positivas, o que permite que perspectivas parciais sejam universalizadas (p. 202).

Sendo os textos formas sociais, eles se encontram, por isso, 'constrangidos' pelas práticas particulares que lhes são impostas, portanto, a modalidade pode não registrar tão somente o grau de afinidade do enunciador, mas a imposição de práticas sociais definidoras das modalidades nos textos.

Por outro lado, Fairclough pondera que, na verdade, esse mito da universalidade contribuiria para o controle e a reprodução social.

Há também formas de modalidades não categóricas permitidas no discurso da notícia. Elas podem funcionar como indicação da impossibilidade de o veículo comprometer-se mais fortemente com a proposição - pelo fato de não estar apoiado em fontes precisas ou confiáveis -, o que lhe reafirmaria o *caráter* de fidedignidade em que foi fundado.

O que não se contesta, no entanto, é que o efeito do posicionamento do enunciador no texto não se furta de suscitar em quem lê, uma impressão de posição frente a verdade, pressupondo portanto uma característica persuasiva. Ao leitor proficiente, restará distanciar-se dos discursos e perceber quais motivações sociais determinam as modalidades que os constituem.

Nas análises das respostas dos alunos, será mostrado o reconhecimento das formas de modalidade dos textos em direção a uma visão mais crítica na identificação do posicionamento dos enunciadores.

2.2.4. INTERTEXTUALIDADE: O DISCURSO SOBRE UM DISCURSO

A intertextualidade é entendida por Fairclough (op cit) como uma área cinzenta entre a prática discursiva e o texto. Essas duas dimensões serão melhor apresentadas mais adiante nesse capítulo. A intertextualidade levanta questões a respeito do que vai na produção de um texto, mas também concerne às características que estão manifestas na superfície do mesmo.

Para Lingüística Textual (cf. Beaugrande e Dressler, 1981), que pretende arrolar e examinar os critérios ou padrões de textualidade⁶, a intertextualidade é uma propriedade incluída no conjunto desses critérios que definem o texto como tal. Assim sendo, qualquer texto, na sua produção e na sua recepção, depende do conhecimento que os interlocutores têm acerca de outros textos previamente postos em circulação. Ou seja, há o recurso à intromissão de outros textos em um texto em particular, como uma forma natural de a atividade comunicativa ocorrer. E sua recepção dependerá do conhecimento que os interlocutores têm acerca de outros textos. A intertextualidade é explícita, quando há citação da fonte do intertexto, como acontece no discurso relatado, nas citações e referências nos resumos, resenhas e traduções. A implícita ocorre sem citação da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrases e de ironia (cf. Koch , 1986, 1991).

⁶ Os dois autores apresentam sete critérios de textualidade: dois centrados no texto a coerência e coesão, e cinco centrados no usuário- a situacionalidade, a informatividade, a intencionalidade, a aceitabilidade e a própria intertextualidade.

Na perspectiva da Análise Crítica, contudo, a intertextualidade não se relaciona somente a uma característica intrínseca do texto, como é arrolada na Lingüística do Texto, mas enfatiza a *ambivalência* dos textos. Isto é, se a superfície de um texto pode ser multiplamente determinada pelos outros textos que entram em sua composição e os elementos dessa superfície textual não podem ser claramente colocados em relação à rede intertextual do texto, conseqüentemente, seu sentido pode ser ambivalente na sua recepção. Diferentes sentidos podem coexistir, portanto.

A notícia, como uma espécie de relato, é constituída de fragmentos de discursos, de modo a tornar presente a fala do outro, servindo para marcar uma posição discursiva ou para tornar a informação mais “verdadeira”. A intertextualidade especifica e sugere como os outros textos (incluem-se as citações, os verbos *dicendi* e as modalizações autonímicas, ou seja, as aspas) estão delineando a constituição do texto que está sendo interpretado. Por exemplo, algumas pressuposições que são sugeridas podem ser polêmicas ou irônicas.

No gênero jornalístico, a *citação* é construída na dissolução das fronteiras entre o contexto narrativo e o discurso que é trazido para seu interior, conferindo um sentido de objetividade. O discurso citado pode assumir diferentes formas, desde o discurso narrado que se apresenta como o menos mimético e o mais distante das fontes; até o discurso direto, representado pelas aspas, citador e, ao

mesmo tempo, expositor do discurso do outro, e que pode funcionar como analisador, formador de uma imagem.

Para Bakhtin (1992), são duas as direções em que se desenvolve a dinâmica da inter-relação entre o discurso citado e o narrativo. A primeira seria a que visa conservar a integridade e autenticidade do discurso do outro. A segunda, seguiria a orientação oposta, valendo-se do fato de que a língua elabora meios sutis e versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso do outro. É nessa perspectiva, que ao discorrer a respeito do discurso de outrem, o discurso citado “é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (p.150).

Como índices marcadamente polifônicos, as citações podem funcionar de muitos modos ao reproduzirem o discurso que está sendo citado. Podem ser utilizadas de modo a manter distanciamento do que se diz, e também, nessa operação distanciadora, podem estar apontando para um modo de diferenciação, ao mostrar distinção daquele(s) que usa(m) a palavra, ou irredutibilidade às palavras que são pronunciadas. Podem estar funcionando, além disso, como modo de questionamento ofensivo ou irônico quanto à propriedade da palavra ou expressão empregada.

Dentro desse quadro, o que o uso das citações pode estar representando, sobretudo, são lugares ideologicamente definidos. Por isso, o termo “representação do discurso” é preferível no lugar do termo tradicional “discurso relatado”, porque o primeiro capta melhor a idéia de que, quando se “relata” o

discurso, necessariamente se escolhe representá-lo de um modo em vez de outro. É o que a afirmação de Maingueneau (2001) expõe a respeito do enunciado citado entre aspas em um contexto totalmente diverso daquele em que ocorreu:

Como a situação de enunciação é reconstruída pelo sujeito que relata, é essa descrição necessariamente subjetiva que condiciona a interpretação do discurso citado. O discurso citado não pode, então, ser objetivo: por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal (p. 141).

Outra forma de manifestação intertextual é através do uso das *expressões autonímicas* (representadas pelas aspas) largamente utilizadas no gênero noticioso. Maingueneau (2001) considera que o enunciador que faz uso das aspas, conscientemente ou não, deve construir para si uma determinada representação de seus leitores para antecipar sua capacidade de interpretação; isto é, ele aspeará “onde presumivelmente se espera que ele faça” (pp.160-1).

O esforço interpretativo do leitor dependeria, assim, de uma espécie de compartilhamento. O que significa dizer que as aspas constituem antes de mais nada, um sinal construído para ser decifrado por um destinatário. O leitor deverá

construir uma determinada representação do universo ideológico do enunciador para conseguir ter sucesso na interpretação pretendida, por isso, é preciso ter uma conviência mínima entre o texto e o interpretante.

Paradoxalmente, as aspas liberam possibilidades de interpretação que o autor não pode prever ao fazer uso delas, dada a ambivalência dos sentidos. Se acrescentam sentidos aos enunciados, ao mesmo tempo também abrem uma brecha no próprio discurso, como uma espécie de lacuna a ser preenchida interpretativamente. Para descobrir a razão do emprego das aspas e interpretá-las, o leitor proficiente deve levar em conta o contexto de produção, especialmente o gênero de discurso, e os pressupostos sociais.

Semelhante às aspas, é também o uso da *ironia*, pois em ambas ocorre uma divisão interna da enunciação. As duas manifestações diferenciam-se, entretanto. No caso das aspas, o enunciador aponta para a expressão. Já ao fazer uso da ironia, o enunciador produz um enunciado que ele invalida ao mesmo tempo em que fala. É importante ressaltar que o dispêndio interpretativo do leitor para entendimento da ironia é determinado pelo seu conhecimento de mundo.

Também conhecidos como introdutores de fala reportada, os *verbos dicendi* constituem uma importante marca lingüística para trilhar a ideologia subjacente ao texto, manifestando, por inferência, a visão de mundo dos enunciadores. No texto jornalístico, a fala de interlocutores, incorporada ao texto, revela-se como uma forte prova argumentativa sustentada através de marcas que um leitor proficiente não deixará escapar.

Os *dicendi* têm importante papel na construção do *ethos*, já que apresentam-se inseparáveis de um perfil social compartilhado pelo enunciador e pelo “público-leitor”, tratando-se do discurso jornalístico. Para além de uma perspectiva da pragmática, verbos como protestar, prometer, analisar, explicar etc, ampliam uma noção valorativa. É importante lembrar que, muitas vezes, o mesmo verbo poderá adquirir diferente valor semântico em um outro contexto. Tomemos, para ilustrar essa relação com a valoração, as intencionalidades que se revelam sob algumas categorias:

valoração negativa: jurar, imaginar, choramingar, tentar justificar, etc.
valoração positiva: ponderar, teorizar, ensinar, analisar, diagnosticar.
polemização: atacar, culpar, cutucar, discordar, entre outros.
solidariedade: desabafar, queixar-se, indignar-se, lembrar.

Com efeito, o que os *dicendi* permitem confirmar é a existência de formas críticas ou subjetivas de reportar um discurso, o que cede lugar a uma posição mais engajada.

Enfim, a fala intertextual de interlocutores, incorporadas a um novo texto, pode revelar-se como uma prova argumentativa na busca de um objetivo persuasivo.

Nas respostas dos alunos analisadas foi possível verificar dois modos interpretativos, na medida em que os processos intertextuais eram entendidos pelos sujeitos em termos representacionais da linguagem, de um lado, ou eram interpretados na perspectiva da prática social, de outro lado.

2.2.5. A NOMINALIZAÇÃO: RECATEGORIZAÇÃO SOCIAL DO REFERENTE

A nominalização é a conversão de processos em nomes, que, segundo Fairclough (1992 a, 2001) tem efeito de colocar o processo em si em segundo plano, além de usualmente não especificar os participantes, de forma que agente e paciente não são explicitados.

Caracteriza-se pelo fato de o enunciador operar uma escolha, dentre as propriedades atribuíveis a um referente, daquela que, em uma situação discursiva, é relevante para a viabilização de seu projeto de dizer. O enunciador procura ressaltar traços do referente mobilizados dentro dos conhecimentos supostamente partilhados com o interlocutor (leitor). As escolhas por determinadas expressões definidas podem trazer ao leitor informações importantes sobre as opiniões, crenças do produtor do texto, auxiliando a construção do sentido e, sob a capa do dado, dar a conhecer ao leitor-interlocutor, com os mais variados propósitos, as propriedades e fatos relativos ao referente.

A nominalização, para Fairclough (op. cit.), também divide com a voz passiva a possibilidade de omitir o agente, transformando processos e atividades em estados e objetos, e ações concretas em abstratas, na criação de novas entidades o que tem importância cultural considerável.

Normalmente, as configurações lingüísticas das expressões definidas referenciais são feitas por um nome próprio ou por um determinante (pronomes definidos ou demonstrativos, acompanhado de um nome de um modificador). A escolha do nome núcleo e/ou de seus modificadores será responsável pela

orientação argumentativa do texto que, na maioria das vezes, faz-se por uma recategorização do referente, metafórica, metonímica ou por denominação reportada (ver, nesta seção, a *citação*).

Para a Lingüística Textual, a nominalização é a seleção das propriedades de um referente no interior de uma progressão referencial. Esta progressão referencial é um processo de organização textual que diz respeito à introdução, preservação, continuidade, identificação, retomada de referentes textuais considerados como objetos-de-discurso (Reichler-Béguelin/Apothéloz,1995), isto é, como entidades alimentadas e reproduzidas pela atividade discursiva.

Os referentes não são entidades de estatuto ontológico *a priori*, nem tampouco são estáveis. A criação de novas entidades é uma característica da nominalização e uma estratégia retórica que tem considerável importância cultural. Os efeitos das recategorizações, como podem ser denominadas, servem não apenas para referir, mas contribuem nas elaborações do sentido, indicando pontos de vista e assinalando direções argumentativas que o leitor deverá reconhecer.

Essas formas discursivas que permitem construção dos sentidos também indicaram maneiras distintas de interpretação nos dados, ora mostrando uma maior consciência dos processos de referência na construção dos sentidos, ora apontando para um não reconhecimento de que se tratam de escolhas que denotam posicionamentos.

Na breve conclusão dessa parte, existem alguns pontos sobre os quais desejamos discutir. Embora tenhamos relacionado os tópicos acima apresentados

com o discurso da mídia noticiosa especificamente, cada um deles pode ser, em maior ou menor grau, de diferentes formas, parte constitutiva das modalidades argumentativas de qualquer texto; são expedientes que apontam para a possibilidade de escolha do enunciador. O próprio fato de ser possível colocar em evidência as diferentes formas de se apresentar um mesmo acontecimento já denota a existência de uma argumentação nas seleções que são feitas. Ao leitor restaria o esforço de apreendê-la:

Para discernir o uso argumentativo de um termo, é importante, pois, conhecer as palavras ou as expressões de que o orador poderia ter-se servido e às quais ele preferiu a palavra utilizada. (Perelman e Tyteca , p. 170).

A ação de reflexão metadiscursiva é poder perceber a funcionalidade dos textos e os conceitos interpretativos por eles engendrados. É também sensibilizar os sujeitos de que o conhecimento dos textos define o espectro de ações de linguagem possíveis, o que atesta que seu estatuto é fundamentalmente dinâmico ou histórico.

No capítulo da metodologia será descrita a situação didática de leitura em que eram contrastados, dois a dois, artigos noticiosos que apresentavam um mesmo fato. O objetivo era, justamente, o de evidenciar a existência de uma seleção argumentativa.

Nos dados deste trabalho, uma constatação que direcionou as nossas conclusões foi que a apreensão dos sentidos dos tópicos aqui elencados revelou maneiras distintas de se estabelecer a coerência na leitura. Eles foram apreendidos de formas diferentes nas reconstruções discursivas dos sujeitos ao falar do objeto. Nas reformulações dos alunos pudemos identificar movimentos constantes e também progressivos em direção a uma consciência maior das escolhas persuasivas e a uma postura mais crítica frente aos projetos discursivos escolhidos pelos artigos jornalísticos que foi se estabelecendo. Assim, detectados esses modos, procuramos embasar nossas análises nas teorias do Letramento e da Análise Crítica do Discurso, a respeito das quais discorreremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3

SENTIDO SOCIAL DA LEITURA: INTERFACE DO LETRAMENTO COM A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

As teses admitidas podem variar conforme os intérpretes, tal como a coerência é infalivelmente acompanhada de critérios vindos do intérprete (Perelman).

Nesta parte, pretendemos discutir como a análise crítica faircloughiana (Fairclough 1992 a, 1992b) e a perspectiva que fundamenta as pesquisas atuais de letramento (Gee 1990, 2000; Street 1984, 1995; Kleiman 1995; Signorini 1995; Terzi 1995, 2002; Barton e Hamilton 1998; Barton 2000; Rojo 1998), conectam-se em nossa pesquisa. Essas teorias foram aparatos importantes para compreendermos melhor os diferentes modos de os sujeitos construírem os sentidos na leitura. Ao mesmo tempo, permitiram perceber os movimentos processuais e o modo como os sujeitos conceberam a linguagem no interior da situação de leitura tão particular que investigamos.

Em nossos dados, há evidências de modos distintos de interpretação, o que aponta para um aspecto comum no processo de ensino/aprendizagem de leitura. A ambivalência nas interpretações atesta o modo particular em que são geradas as leituras coerentes de um texto: diferentes interpretações são feitas devido às posições que o texto estabelece para os sujeitos leitores. Por sua vez, esses

leitores compreendem e fazem as conexões e as inferências de acordo com os seus pressupostos interpretativos e as pressuposições que trazem para a leitura.

Assim sendo, foi de especial interesse, para esta pesquisa, o fato de que os pressupostos da Análise Crítica do Discurso consideram a ambivalência dos sentidos. Trata-se de uma visão que muda a perspectiva de que não é o enunciador⁷ do texto quem detém o sentido unívoco, mas que ao(s) interpretante(s) caberia o ônus de estabelecer sentidos, de acordo, também, com sua experiência e com base na cultura de que faz parte.

De outro lado, a perspectiva sociocultural do letramento pressupõe que se considere a leitura (a escrita e a fala) como prática(s) situada(s) socioculturalmente, o que supõe o fato de que, como já foi por nós mencionado que os significados da leitura encontram-se nas experiências dos sujeitos. Nos dados de nossa pesquisa tal orientação foi importante para explicar a variedade de formulações nas respostas dos alunos para falar do texto.

A convergência desses dois aportes teóricos possibilitou explicar as diversas falas dos alunos a respeito dos textos. Focalizaremos, a seguir, quais as concepções de linguagem e de sujeito discerníveis nas duas teorias e importantes para esta pesquisa.

⁷ Nesse trabalho, por enunciador entenda-se o *who* (cf. Gee, no presente capítulo) a pessoa ou o lugar social através do qual os enunciados são autorizados e distribuídos.

3.1. OS ESTUDOS DO LETRAMENTO: LINGUAGEM E PEDAGOGIA CULTURALMENTE SENSÍVEL

Já tivemos a oportunidade de assinalar anteriormente que alguns dos principais trabalhos etnográficos do letramento (Gee 1990, 2000; Street 1984, 1995; Kleiman 1995, 2001; Signorini 1995; Terzi 1995, 2002; Barton 1991, 1994, Barton e Hamilton, 1998; Rojo 1998), investigaram os efeitos dos contextos sociointeracionais nas práticas de leitura e escrita.

O letramento é definido hoje como um conjunto de práticas sociais de uso da escrita, em contextos específicos, para objetivos específicos. O que esses estudos citados colocam em evidência é justamente a existência de uma multiplicidade de letramentos, multiplicidade essa, ligada a concepções, valores e crenças distintos a respeito da linguagem. Tais estudos apontam, principalmente, para a presença de os letramentos serem tratáveis em seus contextos sociais.

Kleiman (1995:17), ao apresentar e examinar as concepções dominantes do letramento, mostra-nos a complexidade do conceito e a variação dos estudos que se enquadram em seus domínios. Eles abarcam a concepção de alguns pesquisadores de que ser letrado significa ter desenvolvido uma capacidade de refletir sobre a própria linguagem, e para aqueles que, investigando os conhecimentos e as práticas discursivas de grupos sociais que tomam a escrita como objeto e análise, relacionam-nas com o sucesso na escola (Heath 1982,

1983; Terzi 1992). Para esses últimos, o desenvolvimento de leitura da criança é influenciado pela orientação de letramento própria de sua comunidade, ou seja, o modo de participação da criança, ainda na oralidade, permitiria construir uma relação com a escrita enquanto prática discursiva e enquanto objeto de estudo.

Barton e Hamilton (1998) assumem o letramento como uma “prática social situada” (pp. 6-10) ao mesmo tempo em que consideram de grande importância estudar os usos dos textos escritos nos contextos sociais distintos.

Em seu trabalho mais recente, Street salienta a importância de se proceder a uma abordagem crítica nos estudos do letramento. Em *Social Literacies* (1995), o autor conceitua prática de letramento como indicação dos usos e significados culturais da leitura e da escrita em um dado evento, relativos às concepções dos processos de leitura e escrita dos sujeitos, e alerta sobre os riscos no caso de essas práticas não serem consideradas em seus contextos sociais e não serem consideradas as relações de poder (pp.133-5) a elas associadas.

Nesse seu estudo, Street apresenta as extensões alcançadas pelos inúmeros trabalhos na área e discute duas noções, *práticas de letramento* e *eventos de letramento*, advindas dos primeiros estudos sobre o tema (da perspectiva da psicologia, Scribner e Cole 1981; da sociolinguística e educação, Heath 1982, 1983; da antropologia, Street, 1984; e do trabalho de Barton e Ivanic, 1991). Street mostra algumas definições para a noção de múltiplos letramentos culturais associados a diferentes comunidades, surgidas a partir de alguns estudos realizados nos EUA, Austrália e Irã, alertando, contudo, para as

conseqüências de uma concepção de letramentos compreendida não como práticas sociais contextualizadas, mas como competência cultural.

Duas noções de letramento são apresentadas por Street (1984 e 1995). A primeira põe em foco a visão de letramento sob a forte determinação do contexto social, a que o autor chamou, de *modelo ideológico de letramento*. Nesse modelo, a escrita não pode ser tratada como neutra, universal ou meramente técnica, entendendo “ideológico” como modos de significações e construções da realidade nas várias dimensões das formas e dos sentidos. O letramento ideológico considera a língua não como um instrumento mas como uma atividade em que se organiza o mundo e se constróem representações sociais e cognitivas.

O autor contrapõe esse primeiro modelo ao *modelo autônomo* de letramento, em que a escrita teria uma lógica em si independentemente do contexto de produção, ou seja, pressupõe um caminho único de desenvolvimento das habilidades e aprendizagem do sistema da língua.

De outro lado, o modelo ideológico associa as práticas de letramento à cultura e à estrutura de poder da sociedade, considerando seus resultados pela assimilação, sempre diferenciada de significados e de práticas culturalmente compartilhadas (Street, op. cit.).⁸

⁸ Street mostra algumas definições para a noção de múltiplos letramentos culturais associados a diferentes comunidades surgidas a partir de alguns estudos feitos nos EUA, Austrália e Irã. Nos EUA, por exemplo, Kirsch e Jungeblut (1986) mostram que existem quatro formas de letramento: leitura, escrita, cálculo e processamento de documentos. Já Griffin (1990), distingue entre quatro letramentos: para o conhecimento, para a auto- expressão, para objetivos práticos e, por último para debates públicos. Street cita seu próprio trabalho desenvolvido no Irã apresentando três formas diferentes de letramento: *maktab*, escolar e letramento para o comércio.

A concepção autônoma pode surgir, algumas vezes, repousada na legitimação do ensino em massa e projetada pela própria estrutura da língua a ser aprendida, o que significa entender o letramento em termos de habilidades mínimas e padronizadas a serem atingidas, universalmente aplicáveis a quaisquer contextos e situações. O *letramento funcional*⁹, por exemplo, seria uma série de habilidades fixadas de modo a que a natureza relativa envolvida nos processos do letramento não seja considerada.

Por serem modos culturais de uso da língua escrita, observáveis nas práticas sociais, os letramentos também envolvem valores, sentimentos, atitudes e relações sociais. Isso supõe duas questões que devem ser apontadas. A primeira é que, em situação de ensino, os processos envolvidos no letramento não podem ser entendidos em termos pedagógicos apenas, já que eles sofrem outras determinações (Street, 1995), pois também são mobilizados e (re)construídos outros conhecimentos sobre os materiais escritos. Nos dados pudemos encontrar evidências dessas outras determinações influenciando os processos interpretativos nas leituras dos alunos.

Retomando as posições de Kleiman (2001), concernentes ao letramento acadêmico do professor, a autora propõe que o debate seja deslocado para o âmbito do letramento *para e no* local de trabalho (p.24). A observação da autora envolve uma opção com dimensões ética e política, de compromisso dos

⁹ Soares (1998) também discute a ênfase de natureza pragmática dada ao letramento ao se adotar a concepção de “letramento funcional”, como aquisição das habilidades mínimas necessárias para que o indivíduo ‘sobreviva’ na sociedade.

docentes universitários com uma pedagogia culturalmente sensível. Isso implica a relação entre os discursos que são valorizados na escola e os discursos valorizados, na relação que determina quem detém o poder de falar em nome de quem (*who* e *what*). Segundo a autora, se esse docente admitir que a sala de aula, na universidade, também pode ser “potencialmente, um contexto de comunicação intercultural” (p.51), essa é uma posição (e uma opção) que está em consonância com os pressupostos dessas vertentes atuais do letramento.

Assim, adotar uma perspectiva sociocultural dos estudos do letramento nesta pesquisa requer que vejamos a leitura (a escrita e a fala) como prática(s) socioculturalmente situada(s), supondo que os significados encontram-se nas experiências dos sujeitos que, em situação de ensino, devem ser normatizadas e melhor desenvolvidas na relação/interação com o outro. A noção de diferentes letramentos remete aos domínios institucionalmente estruturados e sustentados (pela família, religião, educação) de forma mais ou menos rígida. As práticas são assim configuradas por regras sociais reguladoras do uso e distribuição dos textos que prescrevem quem pode produzir o quê, e quem deverá ter acesso a eles (cf. Gee 2000).

Essa perspectiva sociocultural é importante, dado que estudamos um contexto restritivo, com alunos advindos de famílias de baixa escolaridade que dominavam uma linguagem distinta da linguagem acadêmica falada nas aulas, ou trazida pelos textos de referência teórica. Não raro, durante as aulas, a “linguagem acadêmica”, na construção dos objetos de estudo, resultava em

algumas dificuldades para os alunos, até mesmo, em rejeição frente aos textos teóricos. Isso, inúmeras vezes, nos obrigou a procurar soluções que melhor equacionassem a teoria com a prática analítica de textos no curso.

Nos dados dessa investigação, encontram-se evidências de modos muito distintos de se falar do texto, o que levou a buscar teorias que fornecessem subsídios para explicar tais fenômenos. Assim, recorreremos, também, à Análise Crítica do Discurso como base para essa pesquisa. A noção de “coerência” arrolada por essa teoria foi importante para que pudéssemos explicar a heterogeneidade nas produções dos alunos.

3.2.A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E A AMBIVALÊNCIA DE SENTIDOS

Filiamos esta pesquisa à Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1992 a, 1992b, 2001) pelo fato de que seus estudos exploram as associações entre as convenções culturais e as práticas de produção e recepção de textos. Buscávamos uma fundamentação teórico-metodológica que associasse a análise lingüística do texto a uma teoria social do discurso.

Essa perspectiva teórica eleita aqui não só fornece um método consistente para a análise dos dados, como também assume alguns dos pressupostos teóricos que subjazem à pesquisa.

Nesse sentido, a linguagem não é tomada como um objeto autônomo, mas como uma atividade por intermédio da qual as representações sociais são construídas.

A Análise Crítica do Discurso (CDA) está situada dentro de uma área de estudos lingüísticos cujas influências mais importantes advêm das teorias sociais (Foucault, Bourdieu, Althusser, Habermas e Pêcheux) opondo-se aos estudos discursivos da década de 70, principalmente os de origem anglo-saxã, que, mesmo tendo passado do código lingüístico à interação, concentravam-se ainda na descrição de formas da linguagem nos processos interacionais. Neles, privilegiava-se a visão do texto, segundo Fairclough (1992), “visto como produto”, e muito pouca ênfase era dada aos processos de produção e aos diferentes modos de interpretação dos sujeitos (p.28)¹⁰.

Fairclough apresenta-nos uma visão tridimensional de todo evento discursivo que é por ele considerado como simultaneamente um *texto*, um exemplo de *prática discursiva* e de *prática social*.

A dimensão textual cuida da análise lingüística de textos, suas propriedades relacionadas às propriedades sociais de eventos discursivos como instâncias de prática social. O texto, como atualização dos discursos em linguagem, reflete em seus aspectos formais e estilísticos os processos de produção e apresentaria pistas para sua interpretação.

¹⁰ “In critical linguistics, there tends to be too much emphasis upon text as product, and too little emphasis upon the processes of producing and interpreting texts.”

A dimensão da prática discursiva (que implica produção, distribuição e consumo) é vista como interação, já que especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual e também compreende as identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença.

A prática social trata de questões de interesse na análise social, tais como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo.

A concepção tridimensional do discurso permite, desse modo, reconhecer a forte vinculação do uso lingüístico a processos sociais e culturais mais amplos. Surge assim esquematizada pelo autor:

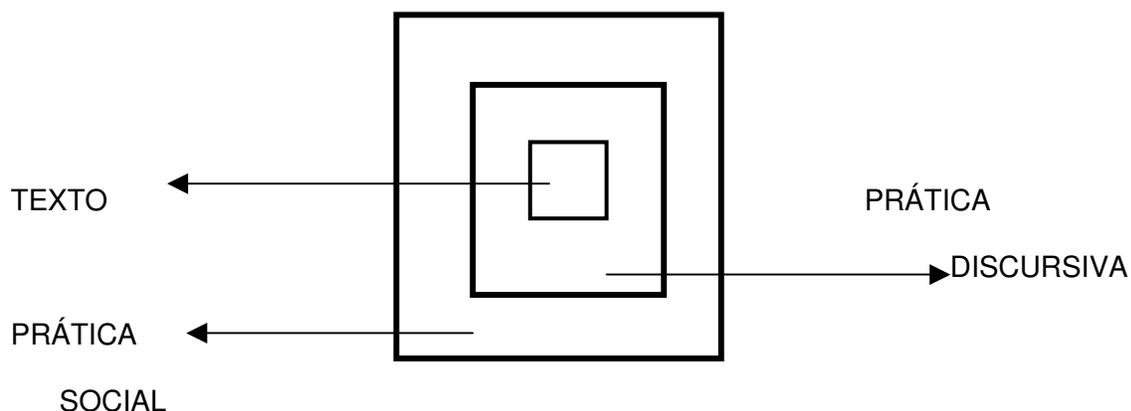


Figura: Concepção tridimensional do discurso (1992b)

Ainda que Fairclough adote em seus trabalhos a posição foucaultiana de localizar a questão dos efeitos da prática discursiva sobre as identidades sociais, ao mesmo tempo, aponta as limitações dessa posição, dada a insistência de Foucault de que o sujeito é efeito das formações discursivas. Ao contrário, Fairclough vê a relação entre o discurso e a subjetividade de forma dialética, pois mesmo que se considerem os sujeitos sociais moldados pelas práticas discursivas, esses também são capazes de reestruturar as práticas. O discurso tem, assim, a propriedade de ser constituinte das relações sociais, no sentido de poder reproduzi-las e transformá-las na interação, sem deixar de ser determinado pelas mesmas relações sociais e pelo contexto no qual é gerado.

Os estudos críticos da língua pretendem mostrar os efeitos constitutivos, os processos de produção e interpretação dos discursos moldando as identidades sociais, as relações de poder e os sistemas de conhecimento e de crenças, que normalmente não são aparentes. O poder está relacionado tanto à possibilidade de manutenção e reprodução de uma certa ordem social pré-estabelecida, quanto à possibilidade de transformação através da criatividade. Essa ordem revela que a interação nas instituições advém de conceitos interiorizados, crenças cristalizadas na rotina do cotidiano, que acabam por “naturalizar” e legitimar práticas¹¹.

¹¹ “In critical linguistics, there tends to be too much emphasis upon text as product, and too little emphasis upon the processes of producing and interpreting texts.”

Fairclough situa, de modo enfático, as relações de poder implícitas nas condições de produção dos textos. “Crítico”, para o autor, implica mostrar conexões e causas que estão moldando relações e, ao mesmo tempo, implica também intervenção, por exemplo, fornecendo recursos para mudança daqueles que possam encontrar-se em desvantagem.

Importante para esta pesquisa é que, na interface das três dimensões da Análise Crítica do Discurso, Fairclough analisa as tendências lingüísticas (a forma) da mídia impressa, considerando-as a realização de uma tendência mais ampla baseada nas relações de consumo adaptadas às aspirações de estilos de vida dos leitores-consumidores.

O outro interesse nos pressupostos da Análise Crítica do Discurso é porque supõem a ambivalência de sentidos: muda-se a perspectiva de que não é o enunciador¹² do texto quem detém o sentido unívoco, mas que ao(s) interpretante(s) caberia o ônus de estabelecer sentidos coerentes de acordo com sua experiência, o que tem uma grande relevância para uma pedagogia culturalmente sensível. É o que será discutido em seguida.

3.2.1. COERÊNCIA E CONSTRUÇÃO SOCIAL DA LEITURA

¹² Neste trabalho, por enunciador entenda-se o *who* (cf. Gee, no presente capítulo) a pessoa ou o lugar social através do qual os enunciados são autorizados e distribuídos.

Para trabalhar a questão, da influência dos pressupostos do leitor, o conceito de *coerência*¹³ tal como é visto nos trabalhos de Fairclough (1992 a, 1992b, 2001), foi importante para explicitar os motivos que fizeram emergir diferentes modos de os sujeitos reconstruírem o objeto nos processos de interpretação de leitura analisados aqui.

A coerência, como uma dimensão da prática discursiva, põe em evidência o quão ambivalente é o texto para um interpretante particular e quanto trabalho inferencial é requerido pelo leitor. Essa dimensão diz respeito, de forma estreita, à concepção de texto na perspectiva social do letramento, de que este não abarca um único sentido, posto que é socialmente construído e socialmente interpretado, como diz Fairclough:

Os sujeitos são também sujeitos sociais, com experiências sociais particulares acumuladas e com recursos orientados variavelmente para múltiplas dimensões da vida social, e essas variáveis afetam os modos como vão interpretar textos particulares (p.171).

Nossos dados revelaram tendências distintas para se falar do texto, o que mostrou o que já foi apontado pelas teorias que dão suporte a nossa pesquisa: a

¹³ Na perspectiva que adotamos, a coerência evidencia como os leitores constróem os sentidos de acordo com seus pressupostos.

dependência das suposições que os leitores trazem para o processo de interpretação. Ainda segundo o autor:

Os textos postulam sujeitos intérpretes e implicitamente estabelecem posições interpretativas para eles que são 'capazes' de usar suposições de sua experiência anterior, para fazer conexões entre os diversos elementos intertextuais de um texto (p.171).

As formas singulares de se atribuir coerência são importantes no sentido de fornecer instrumentos para as estratégias de intervenção e, portanto, para que se criem condições de ensino que favoreçam o desenvolvimento da reflexão metadiscursiva.

Apresentados os pressupostos teóricos que guiaram a análise dos dados, passaremos a mostrar, a seguir, a metodologia que adotamos para a nossa pesquisa.

CAPÍTULO 4

4.1. OS PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Investigar o desenvolvimento da reflexão metadiscursiva dos alunos e detectar seus fatores determinantes sugeria-nos a necessidade de se recorrer a um trabalho longitudinal por um prazo longo de acompanhamento.

Os fenômenos foram analisados sob uma perspectiva interpretativista, associada à pesquisa de cunho etnográfico (Erickson,1985), por ser ela representativa da dicotomia entre os paradigmas objetivos, baseados na experimentação, e os naturalísticos. Dentro dessa perspectiva, o estudo é feito dentro de um esquema de investigação gerado e sustentado no próprio contexto em que ocorre a pesquisa.

Segundo Cavalcanti (1991), nesse tipo de pesquisa, a teorização é calcada nos dados e questiona a validade da utilização do paradigma positivista, devido a sua natureza subjetiva de investigação vinda das Ciências Sociais e:

Portanto, baseia-se na visão de que no contexto social não existe um significado verdade/único (a) - típico da visão positivista

- mas a construção de significados pelos participantes do contexto social.” (p.139).

Assim, adota-se, nesta pesquisa, a perspectiva de uma metodologia que considera a situação social dos sujeitos pela observação dos contextos naturais e não experimentais. Na pesquisa de leitura de cunho etnográfico, a preocupação dirige-se para a caracterização (e valorização) dos participantes da situação e do contexto em que atuam para a descoberta da realidade social.¹

Tais percursos em nossa investigação seguem, em certa medida, a perspectiva atual da pesquisa na área da Lingüística Aplicada que reflete a preocupação com o social (Pennycook, Kleiman e Moita Lopes apud Signorini, e Cavalcanti, 1998) e também o caráter transdisciplinar da grande maioria dos trabalhos tradicionalmente feitos nessa área (Moita Lopes, 1994, Serrani-Infante e Signorini apud Signorini e Cavalcanti, 1998).

Ao apresentar um traçado do percurso da pesquisa em Língua Aplicada no Brasil e as mudanças nos programas de pesquisa ao longo de 20 anos, Kleiman (1998) nos aponta que o interesse da LA não é somente a linguagem, mas os conhecimentos sobre as práticas de uso e de aprendizagem da língua em instituições, o que permite esclarecer os fatores condicionantes das práticas. A pesquisa etnográfica, segundo a autora, visa:

¹ Ao considerar que há outras relações permeando a diversidade de espaços macrosociais (Hammersley, p.184), que não apenas os aspectos microetnográficos do contexto de sala de aula, entendíamos que um estudo contextualizado permitiria esclarecer nossas questões pelo entendimento da interferência de valores, significados e usos que os sujeitos fazem dos materiais escritos.

“construir descrições iluminadoras da realidade social que nos permitam ver com novos olhos os fenômenos cotidianos (como o da aula de leitura) e apresenta o estudo de casos particulares (...).” (p. 66).

A autora reitera o compromisso da Lingüística Aplicada com os fins aplicados da pesquisa para resolução de problemas da vida social, o que exige do pesquisador "uma postura crítica social e um objetivo de mudança da realidade social."(p. 67). A questão da *aplicação* na LA é desvinculada de uma relação unidirecional com a Lingüística; não significa, pois, decidir por “qual Lingüística” aplicar. Tampouco reduz-se a pesquisa a uma descrição do sistema da língua produzido pela Lingüística.

No presente capítulo, tentamos construir um quadro de interpretação dos dados levando em conta toda situação de contexto que somente um estudo de base etnográfica permitiu apreender.

A “interpretação em contexto”, segundo nos apresenta Ludke (1986), enquadra-se pela necessidade de retratar a realidade dos contextos de forma ampla e complexa, no sentido de compreender melhor a manifestação geral de um problema: “as ações, as percepções, os comportamentos e as interações

devem se relacionar à situação específica em que ocorrem ou à problemática determinada a que estão ligadas.” (pp.18-9).

Na metodologia serão descritos os seguintes itens:

- informações referentes aos sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como o contexto de ensino em que estudam;
- informações sobre os instrumentos de coleta de dados;
- procedimentos metodológicos que desenvolvemos para as análises, e,
- descrição dos aspectos da situação de ensino.

4.1.1.OS SUJEITOS

Os sujeitos eram estudantes do 6º período de graduação noturno de uma instituição de ensino superior, particular, do interior paulista e alunos da professora que também era a pesquisadora. Através de questionários, obtivemos dados sobre a situação sócio-econômica dos sujeitos que fizeram parte dessa nossa pesquisa. Eram pertencentes à classe média baixa, com idade entre 18 e 25 anos; a maioria, proveniente de famílias com nível baixo de escolaridade. Poucos tinham pais com nível superior; quando sim, era o pai quem apresentava formação no terceiro grau. A maior parte dos alunos completou seus estudos anteriores em escolas públicas. A maioria era de trabalhadores; os que tinham formação no magistério, ministravam aulas eventuais em escolas públicas e

muito poucos em escolas particulares; outros atuavam no setor informal da economia, atuando como vendedores. Ainda havia os que exerciam funções como prestadores de serviços, encanador, secretária, auxiliares de escritório.

Os dados em relação à opção pelo curso de Letras mostram basicamente duas motivações: para alguns, o curso foi escolhido para qualificar o aluno no ensino superior, complementando a sua formação no magistério; para outros, pesou na sua escolha o aspecto financeiro, sendo este um curso com custo mais acessível. Verificamos, também, as causas de evasão nesse curso de graduação que confirmam os dados obtidos a partir do questionário. A causa principal era a era a inadimplência, ainda que a instituição fornecesse algumas bolsas de estudo, pelo sistema do governo federal, o FIES (Financiamento Estudantil). Também a dupla licenciatura aparece como causa dada a impossibilidade de acompanhamento da disciplina de língua inglesa para alguns.

As entrevistas estruturadas (Minayo,1994), permitiram também colher informações a respeito da relação com a prática social de leitura de textos, em casa e no ambiente de trabalho. Verificamos que o acesso a bens culturais, como a freqüência a teatro, cinema, ou quaisquer outros eventos qualificados como culturais era muito pequeno.

Além disso, para esta pesquisa de cunho etnográfico, era importante, também, obter dados sobre a prática cotidiana desses sujeitos no que diz respeito a seu acesso aos fatos da atualidade e se esse se dava através de textos da imprensa escrita. Foi possível constatar que a maior parte desses futuros professores tinha acesso restrito a fontes de informação, como jornais e

revistas; muito poucos assinavam algum periódico. Dentre essa minoria, estavam alguns dos que já exerciam a profissão de docente e que, por isso, assinavam revistas de educação e de divulgação científica. Os estudantes que tinham acesso à internet era através de dois computadores da faculdade para uso destinado aos docentes.

4.1.2. OS DADOS

Os dados da pesquisa foram os textos produzidos pelos alunos que consistiram nas respostas aos roteiros de leitura e os textos de referência teórica e os textos jornalísticos lidos em situação de ensino (quanto a esses últimos, conferir os anexos).

4.1.3. MÉTODO DE ANÁLISE QUALITATIVO DAS RESPOSTAS DE INTERPRETAÇÃO

Foram analisadas as respostas aos roteiros de leitura dos textos jornalísticos lidos nas tarefas que serão descritas. Para obtermos uma melhor compreensão dos movimentos interpretativos de leitura dos alunos, selecionamos segmentos que revelam as representações quanto às concepções de língua possíveis de serem inferidas nas respostas dos alunos aos roteiros de leitura que abordavam aspectos da linguagem dos textos-suporte. A partir disso, foram

levantadas as categorias de análise. As respostas aos roteiros de leitura foram selecionadas e categorizadas dado o objetivo da pesquisa e as teorias mobilizadas para atingi-lo (cf. capítulo 1). O levantamento de algumas características permitiu a comparação inicial das formas predominantes de interpretação, bem como estabelecer uma relação com os movimentos interpretativos subseqüentes ao longo das atividades.

Procedeu-se à leitura das respostas dos alunos que somaram ao final das tarefas, 149 textos no total. A escolha do tipo de análise baseou-se nas categorias discursivas arroladas no Capítulo 1. Para as análises, também era importante considerar as especificidades da amostra dos textos-suporte pertencentes ao gênero do discurso jornalístico e para o qual tais análises estavam orientadas. Assim, as categorias descritas dependeram dos propósitos das ênfases dadas nas atividades didáticas e de seus resultados.

Os movimentos interpretativos foram detectados quanto às características das respostas. As comparações permitiram elucidar as redefinições diferenciadas e as novas concepções de linguagem que foram emergindo ao longo do desenvolvimento das atividades.

4.2. A SITUAÇÃO DE ENSINO

A presente seção tem por objetivo descrever as condições em que se efetuaram as tarefas de leitura. A disciplina, ministrada pela professora-pesquisadora e que compunha o quadro das disciplinas obrigatórias do curso de graduação na área de Letras, era denominada Língua Portuguesa com duração de dois semestres.

Tinha por princípio orientador o fornecimento de referências teóricas que fundamentassem direta ou indiretamente uma visão de texto como parte integrante de práticas sociais. Tais objetivos foram mantidos ao longo de todo o trabalho. No semestre correspondente à coleta de dados para esta pesquisa, a ênfase maior foi dada à leitura de textos jornalísticos e de textos teóricos voltados mais para a discussão das características dos textos da mídia impressa.

Os dados analisados referem-se ao período do curso, correspondente ao primeiro semestre de 2003 e desenvolvido em vinte aulas. As aulas tiveram como núcleo geral a discussão dos conteúdos dos textos teóricos, dos textos-suporte, ou seja, os textos jornalísticos, bem como das respostas dos alunos a roteiros de leitura, produzidos por 49 alunos. Tanto a leitura dos textos teóricos como as produções a partir dos roteiros de leitura dos textos-suporte eram requisito para avaliação do aluno no curso. Os textos-suporte eram objeto para as discussões teóricas promovidas no curso e os roteiros de leitura traziam questões referentes

a particularidades desses textos, mas também se referiam a conteúdos dos textos teóricos que estavam sendo discutidos.

As leituras teóricas eram feitas em casa e retomadas em sala de aula, no intervalo de uma semana após a data da solicitação da leitura.

4.2.1. **CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA AÇÃO PEDAGÓGICA**

O esquema apresentado a seguir mostra a seqüência pedagógica adotada para o trabalho em sala de aula. O procedimento metodológico tinha como princípio a mediação da professora-pesquisadora intervindo, em forma de ajustamentos retrospectivos e prospectivos, no sentido de se equacionar a teoria e a análise reflexiva dos textos-suporte. Esses últimos serviam como exemplos para a discussão dos conceitos teóricos, de forma a se conduzir mais facilmente à sistematização dos conhecimentos sobre a linguagem trazidos pela teoria.

- 1- *Roteiro prévio de ativação*: Roteiro prévio sumarizador da teoria, ou em forma de perguntas (Ver Anexos), elaborado pela professora-pesquisadora de modo a facilitar a leitura teórica. Concomitantemente, deveria ser feita a leitura individual do texto teórico, em geral, como proposta de atividade extra-classe para o aluno;

- 2- *Reformulação*: Em classe, procedia-se à leitura de trechos dos textos teóricos e à intervenção da professora no sentido de traduzir os termos ou reformulá-los para o aluno;
- 3- *Exemplificação*: Leitura dos textos-suporte (textos jornalísticos) compilados pela professora que serviam como exemplos para os fenômenos analisados. Na maior parte das vezes, a reformulação e a exemplificação surgiam articuladas;
- 4- *Consolidação*: Prática do aluno de pesquisa extra-classe de textos da mídia impressa que apresentassem ocorrência de determinado fenômeno.
- 5- *Co-participação*: Em geral, solicitava-se a alguns alunos apresentarem o(s) seu(s) texto(s) compilado(s) para os colegas, ou comentarem, por escrito, seus exemplos, relacionando-os à teoria;
- 6- *Sistematização*: Prática de reforço da professora conjugando teoria e prática no sentido de se conduzir a sistematizações dos conceitos teóricos;

7- *Avaliação*: Os objetivos eram o diagnóstico da identificação pelo aluno de determinado fenômeno da linguagem e os processos de apropriação dos conceitos teóricos.

Nesse processo, os dados obtidos da etapa da consecução dos roteiros serviram como base de dados da pesquisa.

4.3. OS TEXTOS DE REFERÊNCIA TEÓRICA

Para se obter uma noção do universo de leituras teóricas, serão aqui apresentados os textos aos quais os alunos tiveram acesso no período correspondente à coleta de dados. Mesmo que os textos remetam a teorias da linguagem diversas, todos mantêm um ponto convergente que eram os processos lingüísticos, e enunciativos que tomavam a linguagem como objeto de estudo. A escolha dos textos seguiu menos a teoria que focalizavam e mais a relação lingüística/enunciação/discurso como pontos de tangência. Alguns tratavam mais especificamente de textos da mídia. A seleção de tais leituras não foi fortuita. Foram escolhidos artigos que tinham como característica principal a análise dos funcionamentos discursivos ocupando o primeiro plano, enraizada na descrição

dos aspectos lingüísticos e enunciativos de textos ou fragmentos de textos, em geral, da mídia:

- (1) COSTA, S. R. (2000) A construção de títulos em gêneros diversos: um processo discursivo polifônico e plurissêmico. In: ROJO R.(org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras (pp. 67-90).

No artigo, o autor analisa o uso enunciativo e discursivo de títulos da imprensa e dos textos escolares produzidos por alunos, ao mesmo tempo em que aborda a questão das práticas com textos (gêneros) na escola. A ênfase recai sobre a importância de se considerar um ensino de textos que considere a prática social mais ampla de produção.

- (2) DIAS, A M. (2001) A notícia como entretenimento no jornal sensacionalista. In: _____ *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura e mídia*. São Paulo: Cortez.

As discussões da autora giram em torno das estratégias lingüístico-discursivas que caracterizam a comicidade do jornalismo sensacionalista. Tais estratégias estabelecem aproximação com o leitor pelo rompimento da hierarquia verbal característica do gênero público.

- (3) FARIA, M. A. (2001). Manchetes e títulos no jornalismo impresso brasileiro: o dito e o não-dito. In: Azeredo, J. C.(org.) *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

No artigo, a autora mostra as formas de titulação das notícias e os processos persuasivos envolvidos em sua produção.

- (4) GAVAZZI, S. & RODRIGUES, T. (2003). Verbos dicendi na mídia impressa: categorização e papel social. In: PAULIUKONIS, S.; GAVAZZI, M. A L. *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. (pp.51-61).

Ao analisar os verbos dicendi, as autoras enfatizam a subjetividade acentuada que pode marcar as escolhas de tais verbos no discurso da mídia escrita, ao mesmo tempo em que apontam para pressupostos socialmente partilhados sobre as identidades sociais dos sujeitos.

- (5) KOCH, I. V. (2002). A progressão referencial. In: *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.

A autora aponta para a importância de se considerar as referências não como representação extensional de referentes do mundo, mas como uma realidade construída, mantida “socio-cognitiva e culturalmente” pela forma como se interage com o mundo. Mais que “objetos de mundo”, as referências constituem-se como “objetos de discurso”.

(6) MAINGUENEAU, D.(2001) Do provérbio à ironia. In: *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.

Em uma perspectiva enunciativa, o autor aborda a questão da subjetividade presente na ironia.

(7) MAINGUENEAU, D. (2001) Modalização autonímica, aspas, itálico. In: *Análise de textos de comunicação*. SP: Cortez (pp.157-65).

Maingueneau postula que, muitas vezes, as modalizações autonímicas (colocar uma expressão entre as aspas ou itálico) são formas de o enunciador delegar ao co-enunciador o ônus de interpretar o motivo pelo qual ele está chamando assim a sua atenção.

A seleção desses textos elencados levou em conta que tinham como característica descrever e discutir, em certa medida, os aspectos lingüísticos e discursivos tomando como exemplo fragmentos de textos ou mesmo textos integrais. Tais estudos demonstravam que os tipos de processos escolhidos tinham como marca a presença subjetivante da ação de um enunciador, intencional e com objetivos persuasivos, muitas vezes.

4.4. OS TEXTOS-SUPORTE

A seleção dos textos-suporte levou em consideração o fato de apresentarem características relevantes para a reflexão dos aspectos da linguagem discutidos nas teorias. Tínhamos como objetivo avaliar os processos reflexivos a respeito do funcionamento da linguagem, que se manifestaram nas respostas dos alunos frente às questões levantadas nos roteiros. Geralmente tais questões compreendiam o nível de inferência para reconhecimento de aspectos discursivos e das condições de produção dos textos.

Para a pesquisa foram selecionadas as atividades em torno de sete notícias (cf. Anexos) . À exceção de uma, as outras seis notícias foram compiladas pela professora-pesquisadora, duas a duas, extraídas sempre de dois jornais diferentes. Assim, para uma mesma notícia de um jornal, havia uma correspondente abordando o mesmo assunto, retirada de outro periódico.

O agrupamento dos textos-suporte

A seleção dos textos-suporte levou em consideração a relação que mantinham uns com os outros para que fosse possível comparar e contrastar seus aspectos lingüístico-discursivos. Assim foram escolhidas seis notícias de diferentes jornais, de linhas políticas diversas que relatavam dois a dois um mesmo fato.

A comparação era uma estratégia para elucidar aspectos importantes das condições de produção dos textos, já que essa metodologia poderia evidenciar as questões relacionadas à prática social da escrita (e leitura), no sentido de que diferentes veículos mostram tratamentos diferentes para um mesmo fato. Além

disso, poderiam ainda colocar em evidência o caráter persuasivo da linguagem que se mostra nos modos selecionados para tratar os fatos.

Em sala, as intervenções da professora-pesquisadora consistiram em ajustes feitos no sentido de equacionar teoria e análise reflexiva dos textos-suporte.

4.5. AS ATIVIDADES DE LEITURA

Nesta seção, serão descritas as condições em que se deram as atividades de leitura. A escolha das atividades para este estudo seguiu a ordem cronológica das unidades básicas de conteúdo desenvolvidas no curso no período da coleta.

4.5.1. A Primeira tarefa

a) atividade de leitura

No sentido de detectar os efeitos da prática reflexiva de leitura na situação de ensino, foi necessário recorrer, primeiramente, a uma *prospecção avaliativa* que permitisse obter dados a respeito das concepções iniciais de linguagem dos

sujeitos. O primeiro texto jornalístico lido, objeto de análise da atividade didática, exigia dos alunos algumas inferências para reconhecimento de alguns implícitos sociais.

Os alunos deveriam fazer a leitura da notícia jornalística, sem intervenção da professora ou indicação de leitura teórica prévia. O título “Vicentinho recebe desagravo em São Paulo” era acompanhado do subtítulo “Vocês são foda, minha gente” (cf. Anexo 1). Título e subtítulo foram o objeto de análise da tarefa que se propunha obter dados a respeito da apreensão dos implícitos e dos processos persuasivos presentes nas notícias. As respostas obtidas foram analisadas nos capítulos seguintes a este.

b) atividade de abordagem teórica

Na aula posterior à resposta a um roteiro de leitura, procedeu-se conjuntamente, com a professora-pesquisadora, à discussão do conteúdo do texto jornalístico. O objetivo era o de construir a atividade de discussão do texto em função das respostas obtidas no roteiro de leitura. Apresentaremos a seguir os conteúdos abordados sem nos determos, contudo, nos processos microetnográficos da interação, já que estudamos um fenômeno coletivo. Na discussão conjunta foram apontados, com a intervenção da professora-pesquisadora, os traços que permitiam reconhecer uma intenção do enunciador, na reativação persuasiva de pressupostos socialmente partilhados. As aulas, registradas em diário, giraram em torno dos seguintes temas:

Tópico: dos sentidos suscitados nas leituras dos alunos

- 1- Leitura do texto e discussão concernente às várias inferências feitas pelos alunos, mobilizadas pelo subtítulo.
- 2- Quais imagens do protagonista foram suscitadas nas leituras dos alunos.
- 3- Levantamento das sugestões dos alunos de outros subtítulos alternativos e suas justificativas.

Tópico: do contexto de produção do texto

- 4- Análise do contexto de produção da notícia, envolvendo o contexto político, a posição de representante de esquerda do personagem, bem como o contexto em que a citação “Essa surpresa foi muito forte para mim, vocês são foda, minha gente” foi proferida, ou seja, num momento de emoção do personagem.
- 5- Discussão a respeito do destaque ao segundo segmento da fala do personagem, e não ao primeiro, contendo uma modalidade de linguagem socialmente desqualificada, na possível intenção de construção da imagem do personagem, do efeito de impacto e de polemização.
- 6- Reconhecimento de que uma outra declaração textual trazida para o interior do discurso poderia ter como efeito o reforço da figura de Vicentinho como o representante paradigmático dos movimentos de esquerda (“Prometeu parar

o país se for preciso, para garantir os direitos dos trabalhadores”).

7- Reconhecimento de que o texto pode suscitar a interpretação de uma certa intransigência dos dirigentes que participam do movimento da CUT, no sentido de que esta parece servir aos interesses políticos de um só segmento de trabalhadores que pode estar subentendida na conjunção “desde que” (“Dirigentes de tendências à esquerda da CUT também apoiam o fórum, *desde que* restrito aos setores de oposição...Cem trabalhadores, na maioria metalúrgicos, o aguardavam”).

8- Menção a respeito do efeito de sentido desqualificador que a descrição da postura emocional do então presidente da CUT pode suscitar (“Quando começou a falar sua voz ficou embargada... Emocionado, Vicentinho acenou para todos e chorou... O presidente da CUT também recebeu um buquê de flores enviado por sua mulher Roseli, com um bilhete..”).

9-Observação da descrição do ato político notada como reativação da imagem prototípica de um ato político orientado para o seu sentido mais negativo e caricatural (“Vicentinho foi saudado com aplausos e palavras de ordem... Entre abraços e tapas nas costas, Raulino Lima, vice-presidente da Comissão de Fábrica da Volkswagen em São Bernardo (SP), levantou o presidente da CUT... Dezesesseis oradores subiram na cadeira para dar apoio a Vicentinho”).

10-Levantamento da suposição de que a exposição do bilhete enviado pela mulher de Vicentinho, aparecia como um recurso usado com a intenção desqualificadora de sua figura como representante político, dado que recorre ao sentido que se mostra já no subtítulo, de embaralhamento das linhas divisórias estabelecidas entre público e o privado (“Meu querido companheiro...’Eu o amo muito, viu?’”). É importante mencionar uma interpretação de um aluno de que a intenção de desqualificar pela exposição do bilhete surge em função das relações sociais relativas ao gênero (masculino e feminino), no efeito de sentido negativo que a interferência de uma mulher na questão política pode provocar.

11- Interpretação dos efeitos de sentido de outras citações aspeadas como *pelego* e *traidor* dirigidas a Vicentinho. O comentário foi que, na literalidade em que são mostradas e dentro da sugestão norteadora da notícia, podem estar funcionando mais como uma segunda enunciação dos qualificativos dirigidos ao protagonista.

Tópico: do caráter persuasivo na informação jornalística

12- Discussão crítica a respeito da recriação da realidade pelos veículos de informação. Comentou-se que a notícia é uma versão de um fenômeno social e não a tradução objetiva e descomprometida de um fato.

Tópico: da leitura teórica

13- Discussão do seguinte artigo:(7) MAINGUENEAU, D. Modalização autonímica, *aspas, itálico*. in: *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001. (pp.157-65).

Foram abordadas questões de subjetividade nas formas de apreensão do discurso de outrem.

Todos esses tópicos enumerados tinham também um objetivo de ensino que era o de encorajar os alunos a desenvolverem uma visão crítica e reflexiva da leitura.

4.5.2. A segunda tarefa

a)As leituras teóricas

Após os procedimentos seguidos na 1ª tarefa prospectiva, solicitou-se aos alunos a leitura extraclasse de três artigos teóricos que abordavam a natureza subjetiva do discurso e o caráter persuasivo da linguagem. Já arrolamos que os textos de referência teórica tinham como característica a análise dos funcionamentos lingüístico-discursivos como foco:

- (1) KOCH, I. V. , 2002 A progressão referencial. In: Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez.
- (2) COSTA, S. R. , 2000 A construção de títulos em gêneros diversos: um processo discursivo polifônico e plurissêmico. In: ROJO R.(org.) A prática de

linguagem em sala de aula: praticando os PCNs. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras (pp 67-90), e,

- (3) FARIA, M. A (2001). Manchetes e títulos no jornalismo impresso brasileiro: o dito e o não-dito. In: Azeredo, J. C.(org.) Letras e comunicação: Uma parceria no ensino de língua portuguesa. Petrópolis: Vozes.

b) As intervenções da professora-pesquisadora

Em sala, as intervenções da professora consistiram em ajustes feitos no sentido de equacionar teoria e análise reflexiva. As reflexões eram feitas conjuntamente com os alunos. Dentre os tópicos discutidos, constavam os seguintes:

- 1) A enunciação, a subjetividade e os implícitos sociais presentes nos processos de referenciação;
- 2) A persuasão e a ação política da linguagem;
- 3) Os mecanismos produtores da dimensão persuasiva;
- 4) As diversas formas de apreensão do real no jornalismo.

c) A tarefa de leitura

A tarefa de leitura era comparar as duas notícias de dois periódicos, apresentadas sob titulação diferente em cada um dos jornais e analisar os implícitos (Anexos 2 e 3). Os títulos evidenciavam como a seleção alternativa dos processos de nominalizações tematizadas (“Fraco desempenho de Benedita leva PT a turbinar campanha’ e “Para PT, reeleição de Benedita é prioritária - Em 2º turno, PT apoiaria Rosinha”), interferiam nos processos de interpretação dos leitores. O objetivo era verificar a apreensão pelos alunos dos processos lingüístico-discursivos e a intenção persuasiva para sua escolha.

4.5.3.A Terceira tarefa

a) A atividade de leitura

Duas notícias sobre um mesmo fato também foram o objeto de análise nesta tarefa (Anexo 4 e 5). Uma tinha sido publicada no jornal *Diário de São Paulo* (TIRO MATA MULHER NA RUA AUGUSTA) e a outra, na mesma data, no jornal *Agora São Paulo* (PROSTITUTA É MORTA NA AUGUSTA).

Era importante que se percebesse, na linguagem, a utilização de modalizadores (ver capítulo 1) marcadamente diferentes, a diferença no nível lexical entre um texto e outro, bem como os processos de referenciação usados.

b) A leitura teórica

O texto que os alunos deveriam ler em situação extra-classe foi:

DIAS, A M. A notícia como entretenimento no jornal sensacionalista. In: Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura e mídia. São Paulo: Cortez, 2001.

c) A situação de ensino

Após a leitura das notícias e resposta ao roteiro de leitura, a atividade de análise conjunta dos comentários tinha por finalidade levantar todos os sentidos possíveis e, ao mesmo tempo, evidenciar que a coerência é estabelecida com base na experiência de cada um. Já para a discussão do texto, foi elaborada uma tabulação das características de cada notícia, tendo em vista alguns aspectos lingüísticos e discursivos considerados como responsáveis pelos efeitos de sentido. O quadro a seguir, sumariza as características levantadas em grupo:

Quadro 1

<i>Jornal Agora São Paulo</i> PROSTITUTA É MORTA NA AUGUSTA	<i>Jornal Folha de São Paulo</i> TIRO MATA MULHER NA RUA AUGUSTA
<ul style="list-style-type: none">• processo de tematização (“<i>Prostituta é morta</i>”)• divulgação do nome e sobrenome da vítima e também da alcunha• processos de referenciação (a garota de programa, prostituta, Nádia, Gaúcha)• ausência de atenuadores do discurso.	<ul style="list-style-type: none">• processo de tematização (“<i>Tiro_mata mulher</i>”)• anonimato da vítima• modalizadores (“suposta” e “segundo testemunhas, estaria trabalhando no local”).• processos de referenciação (“suposta garota de programa”, “mulher”)

4.5.4. A quarta tarefa

a) A leitura teórica

Os textos de referência teórica foram os seguintes:

(1) MAINGUENEAU, D. Do provérbio à ironia. In: *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

(2) MAINGUENEAU, D. Modalização autonímica, *aspas*, *itálico*. In: *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001. (pp: 157-65).

As intervenções da professora foram no sentido de facilitar o entendimento dos textos teóricos. Foram utilizados exemplos de textos que apresentavam modalizações autonímicas (aspas) com sentido irônico. Também foi solicitado aos alunos que compilassem exemplos retirados de textos da mídia para análise dos diferentes usos e sentidos das formas aspeadas.

b) A atividade de leitura

Os alunos deveriam ler e analisar, em sala de aula, outros dois artigos extraídos dos jornais, a *Folha de São Paulo* e *Agora São Paulo* (cf. Anexos 6 e 7). Os textos noticiosos eram praticamente idênticos, à exceção dos títulos e da supressão de quatro parágrafos finais no jornal *Agora São Paulo*. As notícias abordavam a campanha eleitoral à presidência do então candidato à presidência, Ciro Gomes e a gravação de um programa eleitoral televisivo, com locação no bairro carioca da Rocinha. A manchete do jornal *Agora São Paulo* apresentava o seguinte texto: “CIRO VAI Á ROCINHA E MOSTRA POBREZA”; já pelo jornal *Folha de São Paulo* mesmo fato era assim intitulado: “CANDIDATO FILMA ROCINHA, MAS NÃO ANDA PELAS RUAS DA FAVELA”. O objetivo era o de levar os alunos a perceberem as diferentes intencionalidades no que diz respeito à construção da imagem do candidato e a posição política de cada jornal.

Apresentada a metodologia desta pesquisa, nas análises, além de descrever e categorizar os movimentos de interpretação nas respostas dos alunos, buscamos,

com base nas teorias que fundamentam este estudo, uma interpretação dos fenômenos encontrados para as nossas conclusões. É o que nos propomos fazer nos capítulos seguintes a este.

CAPÍTULO 5

AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM INICIAIS

O propósito deste capítulo é apresentar as análises das leituras da primeira tarefa prospectiva. O levantamento dos processos interpretativos desta primeira análise permitiu-nos uma caracterização global em que ficaram evidenciadas as concepções de linguagem dos alunos. Também a partir dessa prospecção foi que pudemos delinear as redefinições do objeto e os efeitos das situações de ensino que foram emergindo ao longo das outras tarefas.

Mostraremos aqui evidências de “adesão” dos sujeitos-leitores aos efeitos de sentido do texto, sem a identificação, inicialmente, de um “propósito” persuasivo planejado nas escolhas lingüísticas do texto.

5.1. A Primeira tarefa.

Conforme já mencionamos no capítulo da metodologia, a tarefa consistiu em uma avaliação diagnóstica de leitura e tinha por objetivo avaliar as concepções que provavelmente emergiriam das respostas ao roteiro de leitura.

Os alunos deveriam fazer a leitura de uma notícia jornalística, sem intervenção da professora ou indicação de leitura teórica prévia. A notícia escolhida para tal propósito exigia do aluno algumas inferências para

reconhecimento dos implícitos sociais nela presentes e de seus efeitos persuasivos.

O texto noticioso e a foto que o ilustrava apareciam como um conjunto exposto como informativo, referencial, mas que reiterava pressupostos e crenças na intenção de desqualificação da imagem do protagonista. Publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, tinha como tema principal um ato de desagravo ocorrido no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC que se deu em favor de Vicentinho, então presidente da Central Única dos Trabalhadores, depois de ele ter sido criticado por servidores públicos. (cf. anexo 1).

O título “VICENTINHO RECEBE DESAGRAVO EM SÃO PAULO.” era acompanhado do subtítulo “VOCÊS SÃO FODA, MINHA GENTE.”, subtítulo esse que foi o principal objeto de análise da atividade didática. A notícia deveria ser lida integralmente e a tarefa seria a de responder a duas questões: 1) levando em conta o tema da notícia, você destacaria outro subtítulo diferente para o texto e por que motivo?; e 2) qual a hipótese para a intenção do autor ao atribuir esse subtítulo à manchete?

A tarefa levou à produção de respostas pessoais, ao mesmo tempo em que foi uma estratégia para o reconhecimento de uma visão de linguagem culturalmente construída.

O que mostraremos nas análises é que não há marcas da percepção da intenção argumentativa persuasiva do enunciador do texto ao colocar em destaque a modalidade de linguagem que se apresenta na citação, “Vocês são foda, minha gente”. A ação de persuasão está precisamente na seleção de uma

fala que evidencia uma modalidade de linguagem não congruente com os padrões formais da linguagem aceita socialmente em ato público. O ato persuasivo constitui-se no efeito que constrói para o leitor a imagem do protagonista.

Em seu trabalho a respeito de identidades sociais, Signorini (1998a) já disse que, ao se colocar em evidência a diferença em relação a determinado padrão de linguagem, tem-se sempre como principal efeito a desqualificação do falante e de seu desempenho, “tanto em relação à identidade social que ostenta, ou que lhe é atribuída, quanto em relação à função que se pretende desempenhar - falar, agir, decidir em nome de um grupo” (p.143). O que as escolhas trazidas para o interior de um discurso, com exclusão das outras formas ditas podem representar, sobretudo, são posições persuasivas, subjetivantes, portanto, de um enunciador.

A seleção de uma determinada citação pode representar, na co-presença de vozes, lugares ideologicamente definidos, dado que no discurso citado pode se encontrar infiltrada uma apreciação crítica dos enunciadores. A esse respeito, ao discorrer sobre o discurso de outrem, Bakhtin (1990), afirma que:

“Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores.” (p.147)

O discurso citado e o contexto de transmissão, para o autor, são somente os termos de uma inter-relação dinâmica. Essa dinâmica, por sua vez, reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal.

Nas análises mostraremos que, mesmo que os efeitos da ação persuasiva sejam eficazes nas diversas formas de “afetamento” do leitor, não há evidência de identificação de um “propósito” persuasivo que a referida seleção sugere na notícia. Procuramos mostrar aqui que, nos diversos modos que utilizam para explicar a presença no subtítulo da expressão proferida pelo personagem, o reconhecimento de tal relação não surgiu nas respostas dos alunos.

5.2. A CONCEPÇÃO REPRESENTACIONAL DE LÍNGUA

As respostas analisadas mostraram uma concepção de linguagem como forma de representação direta da realidade e não como ação entre os interlocutores. Procuramos mostrar aqui que tal concepção evidencia-se nas seguintes dimensões:

- I) na adesão aos efeitos de sentido na construção do *ethos*;
- II) na tematização:
 - a) no nível macroestrutural da coerência interna e,
 - b) na retirada de sentido explícito;
- III) nos pressupostos da prática discursiva do gênero, nos níveis de:
 - a) seleção lexical, e

b) condições de produção do gênero: interlocução enunciativa no nível metapragmático.

5.2.1 A DIMENSÃO AUTÔNOMA DO *ETHOS*

Os movimentos interpretativos dos alunos evidenciaram uma identificação com os *ethos* ativados no texto, tanto no sentido negativo quanto no sentido positivo. A eficácia persuasiva está diretamente ligada à questão da adesão dos sujeitos-leitores a esses sentidos. Conforme foi exposto no capítulo teórico deste trabalho, o conceito de *ethos* constitui um ponto no qual podemos unir as diversas características, não apenas do discurso, mas também do comportamento em geral, que levam a construir uma versão particular do 'eu'. O recurso persuasivo do texto é eficaz na intenção de "impressionar" (Faria, 2001) os leitores, ainda que a motivação persuasiva não tenha sido mencionada. O destaque dado a uma dada fala literal pode funcionar persuasivamente na construção de uma identidade. Será mostrado aqui como ocorre uma identificação com o tom que constrói o *ethos* do protagonista.

5.2.1.a. Valor negativo do *ethos*

Ao salientarem a modalidade da linguagem que se apresenta topicalizada no subtítulo, em algumas respostas, surgem identificadas representações sociais

desvalorizadas em relação ao protagonista. As hipóteses dos alunos para a escolha do subtítulo e explicações para a sua propriedade mostram interpretações que apontam para a inadequação da modalidade de linguagem em relação à identidade social, primeiramente no que diz respeito ao cargo desempenhado por Vicentinho.

Inadequação quanto ao cargo desempenhado:

(1) “Do meu ponto de vista, deveria ter esse subtítulo: ‘Vocês me emocionam, minha gente’, **pois seria uma expressão mais apropriada para um presidente, já que o subtítulo presente na reportagem é composto de uma gíria que fica estranha para o leitor aceitar como sendo dita por esse representante.**”¹

Outras vezes, o sentido negativo do *ethos* do protagonista surgiu como conseqüência da reabilitação de conhecimentos socialmente partilhados, na ênfase dada para seu modo de falar em contraste com os padrões de discurso comumente encontrado em um ato político. Dentre os comentários que enfocaram essa questão, selecionamos o seguinte:

¹ Todos os grifos das respostas são comentários ou descrições da pesquisadora.

Inadequação quanto ao gênero “discurso político”:

(2) “ A fala de Vicentinho **não é muito usada em reuniões dessa importância, por um presidente.**”

Maingueneau (1987) diz que a “incorporação” designa a ação sobre o co-enunciador (o leitor) que se reconhece no discurso. Assim sendo, as incorporações realizam-se, segundo o autor, na comunhão de pressupostos partilhados socialmente, na adesão do leitor a um mesmo discurso. Em (1) e (2), os alunos incorporaram em seu discurso os traços da identidade social como um efeito de sentido, sem associação com uma escolha intencional.

Outras vezes, o *ethos* no sentido negativo vem delineado na representação relacionada à imagem naturalizada de representante paradigmático dos movimentos de greve comumente atribuída à liderança sindical. A resposta (3), a seguir, revela um outro efeito de sentido relacionado a um ícone social:

Ícone social

No comentário a respeito da pertinência do subtítulo evidencia-se uma incorporação da identidade reconhecida socialmente:

(3) “Eu usaria o título: ”Vicentinho promete parar o país se for preciso, para garantir os direitos dos

trabalhadores”. **Porque está fortemente ligado aos propósitos do político em questão”.**

A expressão destacada pelo aluno refere-se ao trecho da notícia em que era colocada em evidência a voz do citante no modo ilocucionário: [Prometeu] “parar o país se for preciso”. Considerando-se que, no quadro referencial construído no texto, essa e outras citações presentes reativam o *ethos* que se quer construir, a atualização dessa fala vem confirmar a forte intenção do enunciador em formar persuasivamente, para o leitor, uma imagem ativada do personagem, porém, sem reconhecimento da intencionalidade.

5.2.1.b. Valor positivo do *ethos*:

Se o que mostramos foram manifestações da ativação do *ethos* em sentido social negativo, por outro lado, houve formas de incorporações orientadas para o sentido positivo da imagem de Vicentinho. Tal identificação poderia esclarecer a interpretação de um aluno:

(4) **“É curioso vindo de alguém renomado como um líder metalúrgico que diz um palavrão carinhosamente**, perdendo a pose de líder durão, língua presa, baderneiro e urdidor de ‘greves atrás de greves’, **expressar uma emoção”.**

Para Maingueneau (1987), o leitor é “interpelado” na comunhão de pressupostos partilhados socialmente que remetem a um “corpo de valores” reconhecido pelo leitor, de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apóia a enunciação (p.48).

É o que foi detectado, outras vezes, nos traços das incorporações dos *ethos* relativos à *atitude* do protagonista como se vê nas respostas (5) e (6):

(5) “Essa foi uma **maneira humilde** de se expressar.”

E em:

(6) “**É até meio grosseiro**, mas com a leitura percebe-se que **é um jeitão popular** de falar essas coisas com um certo carinho.”

Nas duas respostas, é possível perceber bem a incorporação de sentidos pressupostos e reafirmados pelo leitor, mostrando que há também determinações “físicas” e “psíquicas” desse corpo de valores sociais a que se refere Maingueneau, compreendidas no *ethos*.

Pôde-se verificar, a partir dessas análises que, ao se apreender o falar conformado em dada convenção lingüística como um ato público, o *ethos* do protagonista surge como um efeito de sentido repousado em pressupostos sociais

partilhados pelos leitores, com valoração negativa ou positiva no que concerne ao papel social de representante por ele ocupado. Porém, não são evidentes índices de identificação da arbitrariedade das seleções. O que ficou evidenciado, ao contrário, foi uma adesão aos sentidos do *ethos* construído.

5.2.2 TEMATIZAÇÃO AUTÔNOMA

Outros alunos mostraram hipóteses diversas das anteriores para explicar a proeminência da citação do personagem “Vocês são foda, minha gente”, elevada a informação principal junto ao título da notícia. Pudemos constatar que estes já não focalizaram os sentidos do *ethos* ancorados em pressupostos socialmente partilhados, mas apontaram para o tema, ou o processo de topicalização, relacionando o título e o subtítulo às proposições do texto, focalizando o significado. Os comentários dos alunos surgem também aqui como evidência de uma concepção representacional de linguagem. Essa representação configura-se em duas relações: a) *tematização e nível macroestrutural da coerência interna* e, b) *tematização e sentido explícito*.

5.2.2.a. Tematização e nível macroestrutural

Ao justificarem a não adequação do subtítulo ao tema da notícia, evidenciou-se a tentativa de construção da coerência no nível da macroestrutura do texto. É o que se pode inferir dos dois exemplos:

(7) “Eu particularmente destacaria: ‘Vicentinho foi saudado com aplausos e palavras de ordem’, **pois introduziria como se deu o ato de desagravo.**”

e:

(8) “‘Vicentinho foi chamado de pelego e traidor por militantes de sindicatos dos servidores públicos’. **Este subtítulo poderia ser utilizado para ressaltar o porquê do desagravo** ao Vicentinho.”

Dos exemplos (7) a (8) depreende-se que as escolhas pelos alunos de seus subtítulos hipotéticos foram feitas em função de uma demanda de solução para um problema relacionado à coerência no nível da macroestrutura textual. A composição do título “Vicentinho recebe desagravo em São Paulo”, com o subtítulo “Vocês são foda, minha gente” suscitou um efeito dúbio. Não se faz perceber aqui a compreensão de que a edição descontextualizada da citação foi uma seleção do enunciador. Note-se como outro aluno explicitou o seu estranhamento no que concerne à coerência temática.

(9) “Acho que o subtítulo **não está destacando o assunto principal do texto.**”

Aqui, a relação pára na questão da coerência e não segue para uma identificação de que a associação é uma escolha prévia do enunciador. A construção argumentativa planejada na composição do título com o subtítulo, provocou a incoerência, que não pôde ser resolvida porque veio desassociada da presença e da atitude do enunciador.

Pode-se notar de que modo os títulos e subtítulos funcionam, de uma forma geral, como recursos textuais importantes para a construção do tema. Sua informação inicia um complexo processo de compreensão e interpretação do texto (Kleiman, 1989; Van Dijk, 1996). Com efeito, no discurso da notícia, as manchetes são usadas para exprimir ou levar a inferir o tema ou tópico, já que são lidas e interpretadas em primeiro lugar.

Outros alunos apontaram o efeito de dubiedade na relação que se estabelece entre o tema global e o subtítulo. A ambigüidade da expressão “você são foda” e o desconhecimento do significado da palavra “desagravo” interferiu na construção da coerência, por exemplo:

(10) [Como sugestão de um outro subtítulo] “Vocês são companheiros!, **pois não causaria dúvidas.**”

e:

(11) “Eu destacaria o subtítulo: ‘Sindicato dos metalúrgicos promove ato de retratação a Vicentinho’. **Seria mais claro.**”

Para outros, ainda, o equívoco ocorreu em virtude do desconhecimento do significado da palavra “desagravo” no título da matéria, equívoco que foi desfeito ao se recorrer à leitura integral do texto, segundo explicitou-se em três comentários que selecionamos:

(12) “Com a leitura **entende-se que é uma maneira de homenagear alguém.**”

(13) “**Após ler e interpretar o texto, pude compreender que um ato de desagravo trata-se de uma retratação** a uma pessoa ofendida por algo acontecido.”

(14) “Em um primeiro momento, desagravo me sugeriu a idéia de uma ofensa, um ataque direto a alguém. **Mas com a leitura do texto fica clara a idéia de um pedido de desculpas, uma retratação de uma ofensa.**”

Os exemplos evidenciaram que, para a construção da coerência, o tema foi ressaltado como uma proeminência informacional relacionada ao conteúdo temático global, e não a uma escolha prévia do enunciador, em função do tom que ele quer imprimir ao seu projeto de texto. O enfoque na coerência macroestrutural

per se revela na leitura dos alunos, portanto, uma concepção de linguagem mais representacional do que acional.

Segundo Fairclough (1997), a motivação política para uma seleção, mostra-se, na maior parte das vezes, como uma estratégia retórica que revela pressupostos naturalizados que devem ser mobilizados em função, muitas vezes, de uma intenção persuasiva. A reconstrução pelo leitor de uma intenção argumentativa é considerada, para Kleiman (1989), como um pré-requisito para o posicionamento crítico frente ao texto. A capacidade de reconhecer a atitude do enunciador, segundo a autora, "requer habilidades que vão além da identificação automática de itens lexicais, pois ele envolve a reconstrução de uma posição argumentativa implícita a partir de elementos lexicais explícitos." (p.79).

5.2.2.b. Tematização e retirada do sentido explícito

Ainda dentro de uma concepção representacional de linguagem, foi possível identificar um outro modo muito recorrente de se estabelecer coerência no plano da macroestrutura. O subtítulo foi explicado de forma a se recorrer ao sentido da proposição mais proeminente, como se pode verificar nas duas respostas:

- (15) “Na minha opinião essa expressão aparece em destaque junto ao título **porque foram as primeiras palavras mencionadas por Vicentinho** logo após o ato de desagravo, **representando a emoção que o mesmo sentiu naquele momento.**”
- (16) “**Porque foi um elogio que ele fez às pessoas** que o estavam ovacionando”.

Aqui, os alunos elaboraram uma paráfrase do conteúdo de forma a “traduzi-lo” retomando-se o sentido mais explícito. Ainda que a paráfrase seja uma importante operação metadiscursiva.², que é feita após um trabalho de descontextualização e reformulação das proposições, nos exemplos, contudo, ela assume um sentido tautológico. A tautologia aplicada a uma proposição, segundo Perelman (1996), “isola-a do contexto que permitiu a elaboração das noções que ela tem por objeto. Seu estatuto é vinculado ao das definições que lhes servem de fundamento” (p. 245).

Esse movimento circular de sentidos fez-se presente em vários comentários e colocou em foco uma prática de leitura difundida em alguns contextos de ensino. Mais do que uma evidência de um problema de leitura, poder-se -ia supor que se trata de uma demonstração de que o aluno-leitor estaria mais preocupado com a resolução de uma tarefa escolar.

² Para Maingueneau (1989), parafrasear consiste em colocar-se em uma posição de exterioridade relativa a um discurso.

5.3. Reconhecimento das condições de produção nos níveis pragmáticos

Outras respostas foram indicativas da assunção de aspectos focalizadores das condições da prática discursiva do gênero jornalístico. Foi possível detectar o conhecimento prévio textual (Kleiman, 1997) dos alunos-leitores, ou seja, de algumas regularidades observáveis no interior do gênero, no que se refere: a) às seleções lexicais e sua relação com as condições de produção do gênero jornalístico e, b) aos processos interlocutivos e sua relação com o gênero.

5.3.1. Reconhecimento das condições de produção do gênero: seleção lexical

De um modo geral, a experiência do leitor e o conhecimento dos gêneros obtidos através do “contato social” permitem a ele reconhecer recursos recorrentes que caracterizam os gêneros (ou as leis do discurso). No exemplo a seguir, selecionado entre os comentários que apontaram para a questão lexical, constatou-se o reconhecimento de especificidades ligadas à prática discursiva do gênero jornalístico no que se refere à adequação lexical:

(1.17) “Na minha opinião, **qualquer outro subtítulo que não contivesse gírias ou palavras informais caberia melhor a um texto jornalístico.**”

Ao apontar a não pertinência para o gênero do tipo de modalidade lexical (“foda”), ficou implícito um pressuposto de que o discurso jornalístico, para o aluno, reproduz e dita uma forma de linguagem considerada padrão, socialmente reconhecida. Também aqui não se aponta uma possível intenção no gesto de se re-enunciar persuasivamente a modalidade de expressão proferida pelo personagem.

5.3.2. Reconhecimento das condições de produção do gênero: interlocução enunciativa

Houve também movimentos em direção ao reconhecimento da prática discursiva no nível da construção da relação com o interlocutor, isto é por se tratar da prática do jornalismo, com o público-alvo.

Pudemos identificar que, quanto à formulação enunciativa, o que diferencia a próxima seqüência de respostas, das apresentadas anteriormente, é um maior grau de decontextualização e não mais de adesão direta do leitor aos efeitos de sentido suscitados na notícia.

(18) “Acredito que esse subtítulo é o que deu mais força ao artigo, pois é realmente uma frase **muito chamativa, apelativa.**”

(19) “(...) é usada para que o leitor fique curioso com a matéria sobre Vicentinho, **querendo saber porque será que ele falou essas palavras.**”

(20) “O objetivo da autora **foi causar um impacto e conquistar a atenção do leitor para a notícia.**”

(21) “Esse subtítulo aparece justamente **para incomodar o leitor para que leia o artigo.**”

(22) “‘Foram gestos covardes e fascistas’. Esta é a expressão que eu utilizaria se fosse a autora. **Para chamar a atenção para uma reportagem não precisa usar palavras deselegantes.**”

Podemos ver, por esse conjunto, que a dimensão da prática social não surge interpretada como indicativa de uma intenção persuasiva presente no processo de topicalizar a citação do personagem, mas circunscreve-se, isto sim, em um nível enunciativo de interpelação do leitor. Tal evidência surge de forma nítida nas seqüências a seguir em que, salientados os processos enunciativos ainda nos níveis interlocutivos, focalizou-se, dessa vez, a coerência:

(23) “A autora quis despertar a curiosidade do leitor para que no início **pensasse que a expressão dele [Vicentinho] tem relação com o desagravo, porém, ao ler o texto todo, percebe-se que a expressão é em relação ao apoio dos seus companheiros.**”

(24)“(…) **para atrair os leitores, pois lendo somente o subtítulo, não é possível identificar se “foda” trata-se de um elogio ou uma ofensa.**”

(25) “Eu acho que é destacada [a citação] **para induzir o leitor a descobrir, através da leitura, o verdadeiro significado da expressão dentro do contexto, pois a simples expressão pode ter significado duplo.**”

(26) [a respeito da citação] **‘Para confundir a interpretação do título,** levando a pensar pelo ponto de vista da agressividade.”

(27) **“Eu chamaria mais a atenção pelo lado da emoção do que pelo lado da dúvida** como está no texto.”

É possível identificar, nas respostas de (23) a (27), o reconhecimento de uma das condições de produção constitutivas do gênero jornalístico, qual seja a função de interpelação dos sujeitos no nível enunciativo. Mesmo que isso signifique que se tenha apontado em direção a uma construção do texto socialmente motivada, não se evidencia, contudo, a intenção

persuasiva do enunciador, mas sim os seus efeitos sobre o leitor, efeitos esses que são interpretados como propriedade dos mesmos.

5.4. CONCLUSÕES RELACIONADAS ÀS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM INICIAIS

Observamos que a noção de linguagem predominante atrelou-se mais ao sentido representacional e menos ao sentido de que se trata de ação política do enunciador sobre o interlocutor e vice-versa. A concepção de língua como representação da realidade ficou aparente nos processos de retirada do sentido explícito, na busca da coerência interna do texto e nos pressupostos quanto à seleção lexical contida na citação presente no jornal e que foi objeto de análise.

Além disso, as análises também evidenciaram uma adesão aos pressupostos mobilizados no texto, baseados nas crenças e conhecimentos presumidos dos alunos-leitores, o que mostrou que, nos modos de refletir sobre o texto, não é aparente o reconhecimento da motivação persuasiva contida no arbítrio da seleção da citação.

O levantamento das características das respostas aqui apresentadas permitiu-nos obter um parâmetro de comparação com as produções das outras tarefas executadas ao longo do curso. No próximo capítulo, objetivamos expôr as análises dos processos interpretativos das tarefas subseqüentes e os resultados

conseguidos a partir das intervenções da professora e da introdução dos textos de referência teórica como suporte para a compreensão dos processos interativos dos textos. Esperávamos detectar os efeitos da prática de reflexividade metadiscursiva.

O que será descrito são as diferenças nos processos de reformulação discursiva. Tais movimentos seguiram em direção a mudanças nos modos de conceber a língua e em interpretações mais críticas dos efeitos persuasivos nos sentidos. Essas reformulações serão o tópico das análises que se seguirão.

CAPÍTULO 6

OS MOVIMENTOS DE REFORMULAÇÃO NA LEITURA

"Uma vez transformados pela escrita em alguém que pode ler ou escrever, não é possível subtrairmo-nos a seu efeito."
Cláudia T.G. de Lemos

A partir da análise da primeira atividade anteriormente apresentada e de seu relacionamento com as análises que aqui serão expostas pudemos chegar a uma interpretação dos resultados.

O objetivo desse capítulo é o de elucidar as reformulações de leitura emergentes em outras três tarefas propostas no decorrer do curso. Ao mesmo tempo, buscaremos mostrar uma relação possível entre as condições de ensino e os resultados obtidos. Já foi dito que não é objetivo da pesquisa o acompanhamento individual dos processos envolvidos na leitura, mas o exame coletivo das tarefas. Não nos detivemos, portanto, em acompanhar resultados isolados, e sim, do grupo como um todo.

Conforme o exposto no capítulo metodológico, a leitura contrastiva, que comparava duas a duas as notícias de periódicos diferentes, foi adotada porque permitia colocar em evidência as intenções persuasivas dos enunciadores nos diversos modos de se apresentar um fato. Procuramos, a partir disso, detectar os processos de reconstrução dos sentidos, tendo em vista a apreensão, na leitura do aluno, das marcas de persuasão do discurso e da presença do enunciador.

Depreendem-se da leitura desses comentários dois tipos de movimentos de reformulação discursiva na quase totalidade dos comentários produzidos pelos alunos. O primeiro foi observável em operações discursivas apoiadas em referentes que reconstruíam a posição do enunciador dos textos-suporte, que são os seguintes:

- OS SIGNIFICADOS SUBENTENDIDOS
- A TEMATIZAÇÃO COMO RELEVÂNCIA DO ENUNCIADOR
- A MODALIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM
- A REFERENCIAÇÃO COMO CATEGORIZAÇÃO SOCIAL
- A TRANSITIVIDADE COMO FOCALIZAÇÃO DO ENUNCIADOR
- “MAS” REFUTATIVO E O SENTIDO IMPLÍCITO

O segundo tipo, diz respeito a algumas estratégias discursivas presentes nos comentários dos alunos, tendo em vista:

- O MONITORAMENTO REFLEXIVO
- A INFORMALIDADE

As análises que aqui serão apresentadas referem-se ao conjunto de dados obtidos em quatro tarefas executadas num período de 20 aulas. É o que passaremos a apresentar.

6.1. A SEGUNDA TAREFA

Em algumas respostas da segunda tarefa houve o reconhecimento dos *subentendidos* presentes nos títulos das notícias, de forma a construir o *ethos* da personagem. Em outros comentários, encontramos a *tematização* explicada como uma relevância conferida pelo enunciador.

Os alunos deveriam ler integralmente duas notícias jornalísticas(cf. Anexos2 e 3) publicadas em jornais diferentes que tinham como característica o fato de apresentarem conteúdo idêntico, mas titulações diversas:

- (1) “FRACO DESEMPENHO DE BENEDITA LEVA PT A TURBINAR CAMPANHA”
(*São Paulo Agora*)

e,

- (2) “PARA PT, REELEIÇÃO DE BENEDITA É PRIORITÁRIA- EM 2ºTURNO, PT APOIARIA ROSINHA” (*Folha de S. Paulo*)

A pergunta que deveria ser respondida por escrito indagava qual a explicação dos alunos para as diferenças nos títulos, ainda que as matérias fossem idênticas com exceção apenas do último parágrafo suprimido em um dos jornais. O objetivo da tarefa era comparar os dois títulos para tornar evidente o caráter persuasivo implícito na seleção das nominalizações tematizadas (“Fraco desempenho” e “Reeleição é prioritária”).

6.1.1. OS SIGNIFICADOS SUBENTENDIDOS

O que se pôde atestar nas respostas de alguns alunos foi a identificação de premissas e significados implícitos para a reconstrução da intenção argumentativa do enunciador. O subentendido é uma forma de *implícito* constituído na opção de organização do discurso que produz efeitos de sentido resultantes do reconhecimento das razões do enunciador em dizer o que diz¹. Constatamos o reconhecimento dos sentidos subentendidos em duas dimensões: a) *do tema e da construção do ethos*, e b) *da relação interlocutiva metapragmática*.

6.1.1.a. O subentendido: tema e construção do ethos

entendimento do subentendido:

Em algumas re

¹ Maingueneau (2000) distingue os implícitos semânticos, associados ao material lingüístico, dos implícitos pragmáticos, relacionados ao contexto.

(1) “No primeiro, o escritor **deprecia o desempenho de Benedita**. No segundo, **a idéia de que ela não está indo bem** nas pesquisas é a mesma, mas a forma como isso é dito é diferente. Quando se diz que a “reeleição de Benedita é prioritária”, **pode-se ir um pouco além** de tão somente “fraco desempenho” **e compreender que tê-la como governadora é possível.**”

A expressão usada pelo aluno, “pode-se ir um pouco mais além”, mostra a percepção de que toda forma de implícito exige para a reconstituição do sentido. Exige do leitor inferências para além da dimensão enunciativa, o que supõe uma maior proficiência para que faça as conexões necessárias à maior compreensão do texto.

Em outra resposta, os processos de nominalização temática presentes nos títulos, “Fraco desempenho” e “Reeleição de Benedita é prioritária” aparecem apontados pelo sujeito como demonstração dos posicionamentos políticos de cada jornal, construindo uma imagem da protagonista. Selecionamos algumas respostas mais significativas:

(2) “No Agora São Paulo, **o título demonstra a “incapacidade” de Benedita, deprecia sua imagem**, por isso o PT terá que ajudá-la na campanha. A Folha de São Paulo prioriza a postura do PT em colaborar, em dar ênfase à reeleição de Benedita. **A Folha, em nenhum**

momento, deixa entender que o PT daria essa ajuda por ‘incapacidade’ da governadora em fazê-lo sozinha.”

A identificação do sentido implícito levou o aluno a utilizar uma nominalização inferida a partir do sentido do texto (“a incapacidade de Benedita”), como uma forma derivada do sentido que a referenciação de um dos jornais (“fraco desempenho”) suscitou. Isso nos indica que temos aí um movimento importante de reformulação como uma espécie de sumarização do sentido. A referenciação, ou designação, segundo Koch (1998, 2002) é considerada como o resultado da operação para representar, nominar ou sugerir algo, em que é criada uma situação discursiva referencial. O que é designado é visto como *objeto-de-discurso* cuja reelaboração se dá essencialmente no discurso. A escolha de determinada designação pode trazer ao leitor informações sobre as opiniões, crenças e atitudes do enunciador.

Atentar para a evidência de um processo que foi significado predicativamente pelo enunciador é reconhecer, no discurso, como as formas de referenciação indicam pontos de vista, assinalando direções argumentativas importantes para a leitura crítica.

O sentido subentendido, para outro aluno, é posto em relação com os processos de topicalização da informação em cada título. Há aqui uma re-interpretação do aluno surgida sob a forma de outras nominalizações:

(3) “O primeiro título chama a atenção para um **suposto fracasso**, enquanto que o segundo, para a prioridade do PT. O segundo título **demonstra uma impressão de certeza da reeleição**, enquanto que no primeiro, **parece que Benedita não tem chance de ganhar. Esse objetivo poderia ser por causa do tipo de público que cada jornal pretende atingir.**”

As formas nominais referenciais, como “suposto fracasso” e “certeza da reeleição” são verdadeiras evidências das re-significações do que se encontra subentendido nas designações usadas nos dois jornais (“*fraco desempenho*” e “*reeleição é prioritária*”).

Na verdade, o que podemos ver são evidências da apreensão dos sentidos subentendidos apontados nas formas de se jogar luz à informação à qual o enunciador quer dar proeminência para a construção de uma imagem. Temos, além disso, revelações de diferentes modos de formulação discursiva em direção a um domínio discursivo crítico, de mais distanciamento e não de adesão aos sentidos.

6.1.1.b. O subentendido quanto aos processos interlocutivos metapragmáticos

Examinando-se alguns comentários que enfatizaram o reconhecimento da condição de produção do gênero concernente à interlocução metapragmática, identificamos outro modo de se falar do objeto. Muitos alunos apontaram a seleção variacional em cada manchete como guia para esse processo interlocutivo. Essa seleção levou em conta a característica do veículo informativo e sua relação com o público-leitor. Selecionamos uma resposta mais significativa:

(4) “O jornal ‘Agora’, por ser um jornal mais popular, utiliza-se da palavra **“turbinar” como forma de sensacionalismo**. No jornal Agora São Paulo, o **intuito de atrair a população que muitas vezes busca em um jornal, empregos, diversão ou somente imagens.**”

No exemplo, é identificável a apreensão de uma perspectiva mais ampla, pressuposta na imagem que se estabelece de cada enunciador, da instituição jornalística empenhada em revelar os fatos e do público-leitor, que deve receber a informação e formar sua opinião (“a população que muitas vezes busca em um jornal, empregos, diversão ou somente imagens”). O implícito aqui refere-se não mais aos sentidos subentendidos nos discursos, mas às relações sociais que o discurso jornalístico reproduz. Reconheceu-se criticamente o que Fairclough (1994) já disse que a mídia de notícias, ao mesmo tempo em que deve “recrutar leitores”, é também veículo político.

6.1.2. A TEMATIZAÇÃO COMO RELEVÂNCIA DO ENUNCIADOR

Para outros, a interpretação se dá com base no processo relacional no interior de determinada condição de produção, em que ao enunciador (o jornal) caberia ajustar os processos de titulação em consonância com sua *intenção*:

(5) “Atribuo as diferenças dos títulos **às diferentes intencionalidades dos enunciadores, ao que cada um decide priorizar na informação**. Os títulos trazem uma conotação ideológica, determinado posicionamento político, o que caracteriza a **subjetividade** das informações.”

Essa consciência fica demonstrada na resposta de outro aluno, de que ao enunciador caberia a escolha do processo de tematização:

(6) “Os títulos são **diferentes porque os enunciadores são diferentes**, e cada enunciador, por sua vez, tem uma estrutura diferente e **dará relevância ao tópico que lhe parecer mais importante**.”

Já foi exposto, no capítulo que discorre a respeito dos pressupostos teóricos, que proceder a uma reflexão metadiscursiva dos processos envolvidos nas formas de se titular significa, também, perceber que se tratam de formas agenciadas pelo enunciador. A motivação social para uma escolha temática, segundo Fairclough (op. cit.), é planificada de acordo com as interpretações que acontecem dentro de significações culturais, políticas ou ideológicas.

Os exemplos acima indicam uma reafirmação de que é o enunciador quem pode exprimir ou atribuir valores de importância aos tópicos que são estrategicamente hierarquizados, ou seja, são agenciados em razão de uma intencionalidade indicativa do caráter persuasivo.

Ao examinar o que tende a ser selecionado como tema, os alunos reconheceram nas estratégias retóricas o processo de se jogar luz sobre pressupostos sociais aos quais os enunciadores quiseram imprimir saliência.

Pode-se abstrair disso que emerge uma percepção de que a linguagem não é mantida uma relação especular com o mundo, já que ela deve ser entendida como uma re-construção do real manipulada de forma simbólica. Retomando o que disseram os alunos, é o enunciador quem “dará relevância ao tópico que lhe *parecer mais importante*” e a maneira de se apresentar um fato depende assim, “do que cada um decide priorizar na informação”.

Essa consciência da topicalização como prova da opinião explícita do enunciador é mencionada no comentário de um aluno (7):

(7) “O título do primeiro artigo (Agora SP) é **explicitamente opinativo, é parcial e tem interesses políticos. O fato da expressão ‘fraco desempenho’ estar posicionada no início do título mostra que o artigo tem a finalidade de interferir na opinião do eleitor e leitor de maneira negativa, enfatizando o mau desempenho da campanha.** O artigo da Folha tem um título **aparentemente neutro, informativo.**”

Além da priorização temática, há de se observar o sentido de leitura na resposta (7), que evidencia uma imagem pautada na neutralidade e na idéia de informatividade do discurso jornalístico. Tal efeito é mencionado pelo aluno e, ao mesmo tempo, observado criticamente através de um modalizador adverbial (“aparentemente”). Essa menção indica uma certa percepção do efeito de real que a forma do enunciado do jornal Folha de S.P. provoca.

Como contraponto, selecionamos uma outra resposta (8) que se refere a esse conceito de objetividade da mídia, que consistiria em descrever os fatos tal como aconteceram:

(8) “(...) Já a Folha de São Paulo **utiliza um título formal para informar.** A Folha atinge **certo público de outra**

classe social, que traz uma outra cultura e visão de mundo.

Aqui a característica do veículo passaria a medir-se pela observação e informação exata do acontecimento “[...] a Folha de São Paulo utiliza um título formal para informar”, sem se levar em conta que, ao privilegiar a aparência do real e ordená-la através da inclusão ou da supressão de elementos, os fatores subjetivos estão inevitavelmente intervindo. Há aqui o pressuposto de uma linguagem absolutamente transparente, por trás da qual se apresentaria o fato íntegro para que o leitor produza seu julgamento.

Ao contrário do que se vê na resposta anterior a essa, o que se observa é a relação entre a linguagem e a imagem do veículo. Se não se lança mão, como o outro jornal, de elementos “sensacionalistas”, então se está mais comprometido com a realidade, portanto com o público ao qual se dirige (de outra classe social, que traz uma outra visão de mundo), fornecendo assim, a ilusão de domínio.

Em outra resposta, pudemos observar os reflexos da repercussão das fontes teóricas e das discussões que salientaram o conceito de *persuasão*. Selecionamos o seguinte comentário através do qual o aluno estabelece relação entre a persuasão e o modo de se focar o tema:

(9) “O título ‘Fraco desempenho de Benedita’ é **persuasivo pois foca a atenção para seu fraco desempenho; é opinativo e tem interesses políticos.**

O segundo título é mais informativo, relata os fatos.”

Essa equação leitor/eleitor expõe aí um princípio interpretativo inferencial apoiado na visão da mídia e de sua ação como mediadora das relações políticas. A persuasão vem, no exemplo, relacionada aos “interesses políticos” que levaram à focalização no *fraco desempenho* da personagem. De fato, a priorização de um tema encontra-se baseada em pressupostos reconhecidos que, se assim for, deverão ser reativados para o leitor, ou se não, deverão ser por ele reconhecidos como já dados.

Também é importante o fato de que o conceito teórico de persuasão, discutido em aula, surgiu discursivamente, na resposta do aluno, como uma retomada no interior de um processo de reformulação, que funcionou como uma espécie de ampliação do sentido.

Sobre esse fenômeno, há de se ressaltar que em duas respostas, há retomada da noção de persuasão. Ao contrário, nesses dois casos, a evidência foi a de “apropriação” do conceito na forma de uma espécie mobilização de um conhecimento vindo de outra instância, que parece explicar-se mais por um compromisso com a apresentação de uma terminologia.

No comentário (9), ao contrário, há uma ampliação pautada numa operação discursiva de especificação do conceito, ou de parte dele segundo uma perspectiva descritiva que foi selecionada (“é persuasivo pois foca a atenção para seu fraco desempenho”).

Finalizando, há aspectos importantes nesse pequeno grupo de respostas, que devem ser apontados. Uma questão relativa às suas características discursivas, já mencionada, é que podemos identificar uma posição relativamente *descontextualizada* das proposições dos textos, isto é, de os sujeitos colocarem-se em posição de exterioridade frente ao discurso. Como foi mostrado, nas respostas às perguntas da primeira tarefa, bem como em algumas respostas nessa segunda tarefa, os discursos, ao contrário, configuram-se pela adesão ao discurso do enunciador, repousada em pré-concepções dos leitores.

Podemos considerar que o surgimento de um domínio discursivo maior foi reflexo da condição da prática de ensino que buscou, nas discussões intermediadas pela professora, uma re-enunciação dos sentidos em direção a formas mais distanciadas de se falar do objeto.

Uma outra conclusão parcial a que chegamos foi que tais características indicaram uma tendência em direção a uma leitura mais crítica. Isso não significa, contudo, que ela tenha se realizado de forma global e linear. Em evidência disso, algumas poucas respostas apontaram, ainda, uma concepção representacional da linguagem, cuja característica discursiva comum foi a de se recorrer às formas de apreensão do sentido explícito, a exemplo do que escreveram dois alunos:

(10) “O primeiro artigo está dando enfoque ao mau desempenho da governadora durante sua campanha. Já no segundo, o enfoque é que o PT está priorizando sua candidatura.”

e,

(11) “Nota-se no primeiro título, que a candidata Benedita da Silva está se empenhando pouco na sua campanha e deixa o seu partido preocupado.”

Essas evidências se explicam pelo fato de que investigamos um processo irregular, como todo processo que envolve a aprendizagem. Contudo, ainda que não tenhamos optado pelo método quantitativo, a análise global e exaustiva que fizemos de todas as produções coletadas permitiu detectar que, no geral, a tendência dos resultados mostrou que uma concepção mais crítica de leitura foi se desenvolvendo, em operações discursivas mais distanciadas e menos idiossincráticas em um maior número de respostas.

Dado o que levantamos até aqui, podemos considerar que o fato de os sujeitos reconhecerem os sentidos implícitos para explicar os posicionamentos dos enunciadores, seja na materialidade lingüística, ou no contexto de comunicação, seja na forma de se reportarem à conceituação teórica, constituíram-se como

formas de se expor o objeto, em direção a um posicionamento mais crítico. “Crítico” supõe, conforme já definimos aqui, a consciência da linguagem como um instrumento persuasivo, isto é, com objetivo de incentivar os leitores a realizar determinada ação, a reagir diante da tese que está sendo exposta.

6.2. A TERCEIRA TAREFA

Nas análises das produções da terceira tarefa, será mostrado o apoio significativo em evidências lingüístico-discursivas, presentes na construção do quadros referenciais de outros dois textos-suporte.

A ênfase para a maioria dos alunos recaiu, primeiramente, sobre o processo de *modalização* da linguagem para explicar os efeitos de sentido pretendidos na construção do *ethos* das notícias. Em outras respostas, ficou evidente o reconhecimento de mais dois processos: a *referenciação* e a *transitividade*.

Foram objeto de discussão duas notícias (cf. Anexos 4 e 5), assim intituladas:

(1) “TIRO MATA MULHER NA RUA AUGUSTA” (*DIÁRIO DE SÃO PAULO*)

(2) “PROSTITUTA É MORTA NA AUGUSTA” (*SÃO PAULO AGORA*)

Os alunos deveriam apontar suas hipóteses explicativas para as diferenças encontradas nos títulos e no tratamento dado ao fato em cada um dos jornais, que, dessa vez, apresentavam conteúdos e linguagem bem diversos.

6.2.1. A MODALIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM

O efeito do grau de comprometimento dos enunciadores, ou a modalização da linguagem, é percebido e explicado com base nas pistas formais utilizadas pelos enunciadores:

(1)“Na reportagem do Jornal Diário de São Paulo, o locutor **adota uma linha mais discreta ao relatar o fato**. Ele não menciona o nome da vítima e utiliza a expressão ‘**suposta prostituta**’ **tentando passar as informações mais implicitamente**. Já na reportagem do Jornal Agora, o locutor é bem sensacionalista e **mostra todas as informações explicitamente, sem omitir nada.** “

E também:

(2) “O primeiro texto transmite a notícia cautelosamente, usando uma linguagem sutil. O segundo, **utiliza uma linguagem apelativa,**

preocupa-se em declarar detalhadamente os aspectos que caracterizam a vítima, sem importar-se muito com o assassinato.”

O alunos associam a modalidade dos textos à linguagem “apelativa” do jornal e ao nível de detalhamento que expõe sobremaneira a intimidade da vítima; a modalidade, assim, vem interpretada no quadro referencial como um posicionamento do enunciador.

Outro aluno apontou a função dos modalizadores na construção do quadro referencial do texto, apreendida no modo mais categórico ou menos categórico de os enunciadores afirmarem. É o que observamos nesta resposta:

(3) “No título [*em referência a O Diário de São Paulo*] aparece que **testemunhas disseram que ela estaria trabalhando no local** no momento do assassinato (...). **No jornal Agora é colocado que ela estaria trabalhando no local.**

Interessante de se notar nas duas notícias é que marca o efeito de distanciamento dos enunciadores não é o uso do hipotético “estaria”, tradicionalmente usado, e sim, o quadro referencial construído em cada texto. No *Diário de São Paulo*, o fato de se recorrer à expressão “testemunhas disseram”, como argumento de autoridade é o que denota tal posicionamento frente à

realidade, posicionamento esse que vem se configurando desde a seleção do título.

O que se pode inferir do comentário (3) acima é a percepção do aluno de que um jornal relativiza o grau da informatividade utilizando o modalizador “testemunhas disseram”, na medida em o aluno contrapõe essa modalização à afirmação mais assertiva do outro jornal, que diz que a mulher “estaria [em sentido mais afirmativo] trabalhando no local”.

Note-se que as respostas acima trazem como característica discursiva a argumentação não padrão pelo fato de os alunos argumentarem exemplificando. Mesmo sem se proceder a uma síntese do conceito de modalização para descrição dos processos de reconstrução dos argumentos, reconhece-se as formas de comprometimento com as proposições, estabelecendo-se, assim, a diferenciação nos efeitos de sentido pretendidos.

6.2.2. A REFERENCIAÇÃO COMO CATEGORIZAÇÃO SOCIAL

Para outros, as adjetivações ou nominalizações indicativas de qualidades contribuem para a construção da imagem do personagem. Estabelece-se um contraste de intenções nas formas de utilizar esses recursos, tal como é possível se ver:

(4)“O Jornal Diário trata da notícia de uma mulher que **supostamente seria uma garota de programa. Também não divulga o nome da mesma, preservando sua imagem.** A notícia tem ‘cuidado’ ao abordar o assunto e

tem a finalidade de noticiar mais um assassinato. O título do outro jornal é sensacionalista quando ao invés de abordar a morte de uma mulher, **fala de uma 'prostituta'. Está mais preocupado com o fato de ter sido com uma prostituta do que com a notícia de um assassinato.**”

A seleção da alcunha como processo de referenciação é percebida como elemento importante na constituição da imagem da vítima e associada, também, à característica do veículo informativo:

(5) “A notícia do Jornal Diário de São Paulo **não cita o nome** da mulher assassinada. Já o jornal ‘Agora’, apresenta o **nome completo da mulher** e refere-se a ela como ‘**Gaúcha**’ **utilizando uma estratégia característica do vocabulário popular**, talvez por se tratar de um jornal para o povo. Também **afirma** no título que a moça era **uma prostituta** enquanto o ‘Diário de São Paulo’ faz uma **suposição**, utilizando o termo ‘suposta’ **ao referir-se à garota de programa.**”

Nas duas respostas, o processo de referenciação é apreendido, pois, como uma forma de manipulação tanto do conteúdo quanto da estrutura, e, portanto, como um modo persuasivo de se reconstruir o real. Atribuir uma qualidade já é escolhê-la, entre muitas outras, de acordo com Perelman (1986), porque a consideramos característica ou importante. A descrição em toda argumentação,

segundo o autor, “se estabelece contra um pano de fundo do qual se quer destacar o objeto de uma forma que só se torna significativa em função da meta buscada.” (p.175). De outro lado, consideramos que o empreendimento do ouvinte (no nosso caso, o leitor) é o de detectar a maneira pela qual a referência é orientada, o que pressupõe o reconhecimento do vínculo entre pensamento e ação.

A orientação das referências nos dois textos é apreendida e portanto também a ação - na medida em que os alunos estabelecem as relações de oposição no que concerne às referências “prostituta” / “suposta garota de programa”, e no estabelecimento da oposição público/privado subentendido nos modos identificatórios da vítima num e noutro texto.

Analogamente àqueles exemplos que abordaram a modalização como índice da posição dos enunciadores, também nessas respostas não se recorre à síntese do conceito de referência, ainda que este tenha sido objeto de estudo nas aulas e tenha se constituído no tópico principal de um dos textos de referência lidos (cf. capítulo 2). O que observamos nesse conjunto de respostas é que, mesmo sem lançar mão da conceituação, nelas se observa uma percepção menos idiossincrática da construção argumentativa dos enunciadores.

6.2.3. A TRANSITIVIDADE COMO FOCALIZAÇÃO DO ENUNCIADOR

Um outro tipo de marca formal da presença do enunciador é observado em uma resposta, que aponta agora para os processos de transitividade:

(6) “O primeiro título refere-se à vítima como ‘**mulher**’. O **uso da voz ativa** também dá ênfase ao fato e nem tanto à pessoa. O segundo **refere-se a ela como ‘prostituta’ e usa a voz passiva dando ênfase a ela.**”

Em (6), a observação quanto à marcação temática que reflete as posições dos enunciadores também evidencia a apreensão da escolha arbitrária da linguagem dos títulos. Ainda que também não recorra à abstração do conceito de transitividade, o aluno lança mão da metalinguagem na tentativa de ir mapeamento as intenções comunicativas explicitando que um título “dá ênfase ao fato e nem tanto à pessoa” (Tiro mata) e o outro, “dá ênfase a ela” (“Prostituta”).

Estamos considerando que os movimentos interpretativos em direção a uma leitura mais crítica manifestam-se a partir da percepção do leitor da natureza persuasiva do texto e não de adesão aos seus sentidos implícitos, ou de identificação automática de itens lexicais e sintáticos. Pôde-se notar, nos exemplos, a percepção da posição argumentativa, o que seria uma forma de

desenvolvimento de reflexividade metadiscursiva necessária para a formação do professor.

É importante destacar que, para a atividade de discussão das duas notícias, foi elaborada, posteriormente uma tabulação das características diferenciadoras de cada notícia, já descrita no capítulo metodológico, tendo em vista alguns aspectos lingüísticos e discursivos considerados como responsáveis pelos posicionamentos dos enunciadores. A relevância disso é que a tabulação de tais aspectos foi executada com base nas interpretações dos alunos-leitores e tinha por objetivo complementar as análises dos mesmos.

Estudar o processo de desenvolvimento percebido em situação de ensino-aprendizagem, significa investigar um processo que é irregular, repleto de idas e vindas, o que explica o fato de, em pelo menos um caso, os comentários denotarem uma não apreensão da intenção argumentativa dos enunciadores, em que o posicionamento crítico da leitura ficou comprometido:

(7) “No Diário de São Paulo, a notícia é passada de maneira duvidosa, sem dar informações concretas. No Agora S.P. a reportagem vem com o nome e idade da vítima, a atividade que desenvolvia, bem como a naturalidade. Ao analisar as duas **reportagens pode-se concluir que apenas o jornal Agora São Paulo acompanhou o fato na íntegra**”.

Interessante de se notar aqui é que o aspecto modalizador foi percebido de uma forma distinta das interpretações que vimos analisando. O aluno menciona que “*a maneira duvidosa*”, ou a modalidade mais distanciada decorre de uma deficiência de um dos veículos, ao mesmo tempo em que o nível de detalhamento maior do outro jornal é atribuído a uma maior acessibilidade aos fatos. A interpretação aparece, desse modo, repousada em pressupostos que os gêneros propõem.

Não obstante, as conclusões prévias a que nos conduziram essas análises são de que a atenção a elementos formais surge focalizada em função da sua contribuição para as diferentes significações dos textos. As formas surgem focalizadas em direção a uma concepção que toma a linguagem como forma de interação intersubjetiva.

6.3. A QUARTA TAREFA

Os alunos deveriam ler e analisar, em sala de aula, outros dois artigos extraídos dos mesmos jornais citados (cf. anexos 6 e 7). As notícias abordavam a campanha eleitoral à presidência do então candidato Ciro Gomes e a gravação de um programa eleitoral televisivo, cuja locação era o bairro carioca da Rocinha. A manchete do jornal *São Paulo Agora* era a seguinte:

“CIRO VAI Á ROCINHA E MOSTRA POBREZA”;

Já na Folha de S. Paulo, o mesmo acontecimento era assim intitulado:

“CANDIDATO FILMA ROCINHA, MAS NÃO ANDA PELAS RUAS DA FAVELA”.

Como nas tarefas anteriores, os alunos também deveriam responder por escrito à pergunta que, da mesma forma, indagava qual era hipótese explicativa para as diferenças nos títulos.

Mostrar-se-ão dois tipos principais de estratégias de interpretação. Algumas orientaram-se aparentemente para o significado, enquanto outras foram orientadas para a forma lingüística. Tal distinção foi útil para a análise, muito embora tenhamos como pressuposto que, ao analisar textos, o leitor (proficiente) examina simultaneamente questões de forma e questões de significado. A justificativa para separar os dois aspectos é que a distinção baseou-se na proeminência dada para um ou para outro aspecto nas respostas analisadas.

Quanto aos comentários com tendência à interpretação do significado, pôde-se constatar uma formulação nova indicativa de uma estratégia própria, qual seja de se introduzir ao comentário indiciando o que chamamos de *monitoramento meta-reflexivo*. Já os aspectos lingüístico-discursivos apontados por outros alunos,

voltaram-se mais especificamente para os sentidos que o conectivo *mas* refutativo em um dos títulos provocou.

6.3.1. O MONITORAMENTO META-REFLEXIVO

O que pudemos observar de algumas respostas foi que elas apresentaram uma característica própria, que evidenciaram pistas do processamento da reflexão crítica do aluno. Considere-se a resposta:

(1) “O jornal Agora São Paulo **pode estar fazendo 1propaganda política’ em favor de Ciro**. A Folha de São Paulo procura analisar o que aconteceu e **talvez até ir contra a eleição de Ciro**. A matéria termina citando que ele e sua namorada foram para a casa dela localizada no Jardim Botânico, bairro nobre do Rio. **Isso sem dúvida leva o leitor a um questionamento: até que ponto ele está realmente preocupado com o problema?”**

Essas verdadeiras pistas do processo de reflexão crítica surgem evidenciadas nas suposições (*pode estar, talvez até*, e também na forma interrogativa) por meio das quais se principia uma definição para a intenção do autor. Os hipotéticos surgem aqui não como imprecisões propriamente, ou como dúvidas, mas na construção de uma modalidade reflexiva usada para apreender as metas dos enunciadores.

Em outro caso, as hipóteses do aluno-leitor, ainda que aparentem pouco assertivas, parecem conduzir a uma conclusão lógica:

(2) “Essa reportagem publicada nos dois jornais está na seção das campanhas eleitorais e **pode estar sendo utilizada para promover ou para persuadir sobre o candidato**. O jornal Agora e a Folha são direcionados a tipos diferentes de leitores. **Então, a mudança do título pode estar sendo utilizada para dividir opiniões.**”

O que podemos observar aqui é que as formas hipotéticas no discurso do aluno surgiram em direção ao sentido social implícito, introduzido pela conclusiva “então” (“Então, a mudança do título pode estar sendo utilizada para dividir opiniões”).

Para outro aluno, a reflexão já não surge planejada em hipóteses, mas na asserção que dá início a sua reflexão, conforme se pode ver em:

(3) “**O candidato** **Ciro Gomes é um político que é popular, ele defende o direito do povo, por isso, foi à Rocinha para filmar sua propaganda eleitoral**. No jornal ‘Agora São Paulo’, **o jornalista explorou o lado do político**, dizendo que ele foi lá e mostrou a pobreza da favela. Já na Folha de São Paulo, o jornalista deixou bem claro que o candidato não andou pelas ruas da favela. **Insinuou, com essas palavras que tudo foi uma questão de marketing.**”

A afirmativa introdutória (*O candidato Ciro Gomes é um político que é popular, ele defende o direito do povo, por isso, foi à Rocinha para filmar sua propaganda eleitoral*) parece fundar um princípio organizador das duas cenografias engendradas nos dois textos, como *frame* para ser interpretado de acordo com as intencionalidades de cada enunciador.

Os modos reflexivos acima conferiram aos discursos um tom de monólogo interior, por vezes auto-indagativo. Em outro comentário construído em primeira pessoa, notamos claramente como o foco aparece voltado para o entendimento próprio do aluno que o elaborou:

(4) “Ao ler os dois artigos **pude analisar e concluir** sobre a campanha de Ciro **e até mesmo perceber o ‘jogo’ publicitário** em cima das campanhas eleitorais.”

A declaração denota explicitamente o funcionamento da meta-estratégia de regulação do aluno (“pude analisar e concluir, e até mesmo perceber”) na busca para a reconstrução dos sentidos.

Outras vezes, a reflexividade configura-se de modo bastante distinto daquele das respostas anteriores para explicar o sentido implícito de um dos títulos:

(5) “Devido a esse jornal ser mais popular [em referência ao Agora São Paulo] ele preferiu utilizar-se de um título que chamasse mais a atenção do leitor para a reportagem, **afinal de contas é isso que o povo quer de um candidato à presidência.**”

O aluno lançou mão de seu pressuposto (“afinal de contas é isso que o povo quer de um presidente”) de forma a justificar o sentido do título (“CIRO VAI À ROCINHA E MOSTRA POBREZA”)

De outro lado, obtivemos dados da apreensão de aspectos lingüísticos, agora focalizados na conjunção “mas” como responsável para a construção do quadro referencial de um dos textos (“mas não anda pela favela”). É o que procuraremos mostrar nas análises a seguir:

6.3. 2. O “MAS” REFUTATIVO E SENTIDO IMPLÍCITO

Os alunos reconstroem a refutação implícita do operador argumentativo “mas” como um posicionamento do autor e recorrem à metalinguagem para explicação do seu efeito de sentido.

(5) “ O
Agora São Paulo, a meu ver, é voltado para um público
leitor de nível popular, então o título quer atingir em

cheio os ‘pobres’.Tenho a impressão de que querem que a população se comova e pense que o candidato realmente se interessa pelos pobres. O título da Folha **dá impressão** de que se quer criar intrigas políticas, **pois vejo uma certa crítica representada pela conjunção ‘mas’ no título.”**

Observe-se que também aqui há presença de marcas da reflexividade (tenho a impressão e dá a impressão, vejo uma crítica) construindo um posicionamento mais crítico do aluno.

Do mesmo modo, em (7), a re-construção do quadro referencial da notícia é inferível baseada em pistas lingüísticas(o *mas* e o *não*) introdutórias da argumentação dos autores:

(7) “ O título da Folha **tem um tom negativo, enfatizado pela conjunção ‘mas’ e pelo uso da palavra ‘não’**. **Soa quase como uma crítica**. A escolha dos títulos relaciona-se diretamente com a intenção dos autores dos jornais e com o público que eles desejam atingir, conseqüentemente **a opinião do leitor está sujeita ao que o autor decidiu ressaltar ou omitir em seu texto.”**

Os elementos lingüísticos *mas* e *não* estabelecem um sentido que, segundo o aluno, “*soa*” como uma crítica do enunciador. Tal sentido, contudo, não permanece circunscrito apenas à impressão subjetiva que poderia sugerir o verbo, dado que a seqüência que complementou tal pressuposição reiterou a visão crítica do aluno. Evidencia-se, outrossim, a consciência de que a organização temática é

uma prerrogativa do enunciador “ao que o autor decidiu ressaltar ou omitir em seu texto.”

Outras três respostas tiveram especial interesse. Na primeira, embora sem apontar a textualmente a conjunção, o aluno associou o sentido adversativo implícito à *ironia*:

(8) “O título apresentado pelo jornal Agora São Paulo induz o leitor a pensar que Ciro mostrou de fato a real pobreza existente na favela. Já o título da **Folha já vem com uma ponta de ironia e mostra que ele apenas foi à favela para gravar seu programa, para fazer política, e que não estava interessado pelos reais problemas que lá existem.**”

Um outro aluno focalizou os sentidos que permaneceram subentendidos no argumento refutativo, a saber:

(9) “No jornal Folha de São Paulo, o título já fere a imagem de Ciro Gomes, porque **faz uma crítica direta à postura do candidato** (...) quer dizer que ele não está realmente preocupado com a situação.”

A resposta a seguir, contrasta o outro título “CIRO VAI À ROCINHA E MOSTRA POBREZA” , ao mesmo tempo em que amplia para o sentido contraditório que a proeminência temática provoca:

(10) “É importante notar a contradição existente entre o título e o conteúdo da reportagem [em referência ao jornal Agora São Paulo]. Em nenhum momento se diz que **Ciro** esteve na favela, ou seja, que andou por suas ruas. E isso pode acarretar em uma informação errada porque muitos são os que lêem somente a manchete.”

Acima, o aluno já tece uma espécie de crítica ao fato de o título levar a pensar que houve a visita do candidato *in loco*.

6.3.3.A INFORMALIDADE

Selecionamos outros comentários que também apontam uma tendência em direção a uma apreensão mais crítica e menos repousada em pré-concepções na leitura. O que focalizamos na análise, agora, é a informalidade na linguagem:

(4.11) “A impressão do leitor [da Folha] é de que tudo o que ali aconteceu **não passou de enganação**, pois ele não foi realmente mostrar a favela, mas sim, tentar passar uma imagem positiva usando a mesma para isso”.

Outras vezes, o aluno menciona explicitamente em sua resposta a informalidade:

(12) “A Folha passa a idéia de que Ciro só quer usar a imagem da favela para mostrar que ele é um candidato popular, mas não gosta de **‘misturar-se’** com os pobres.”

Note-se que há movimentos interpretativos que ainda denotam um não distanciamento na atribuição de intencionalidades em que se confunde, na tarefa, a opinião do aluno. Selecionamos o seguinte:

(13) “O jornal Folha de São Paulo, se apresenta mais realista e mostra o contraste da favela e dos condomínios luxuosos, enquanto ele mesmo [o candidato Ciro Gomes] **nem se dá ao luxo** de andar pela favela.”

e:

(14) “Nesse título, **a velha história** da propaganda eleitoral se repete, onde os políticos vão à favela para mostrar a péssima qualidade de vida, tornando-se verdadeiros atores.”

Podemos dizer que o uso da modalidade de linguagem, nesses últimos exemplos, reitera as conclusões a que pudemos chegar a partir de todas as outras análises, e que, por sua vez, direcionam para as conclusões gerais do próximo

capítulo. As análises colocaram em evidência algumas questões. Primeiramente, foi a grande heterogeneidade de formulações encontradas nos dados, todas elas em progressão a uma reflexão maior, em que os posicionamentos dos enunciadores foram reconhecidos pelos alunos, conforme verificamos.

Esses modos distintos de se falar do objeto refletiram mudanças nas concepções de linguagem dos alunos. As análises deixaram evidente a assunção de formas mais críticas de leitura e a predominância da concepção de língua, como ação entre os sujeitos.

O quadro a seguir, sintetiza e coloca em perspectiva esses aspectos:

Tabela 2

CONCEPÇÃO REPRESENTACIONAL DA LÍNGUA	CONCEPÇÃO INTERSUBJETIVA DA LÍNGUA
<p>POSICIONAMENTO DO LEITOR</p> <ul style="list-style-type: none"> • ADESÃO AO DISCURSO 	<p>POSICIONAMENTO DO LEITOR</p> <ul style="list-style-type: none"> • DESCONTEXTUALIZAÇÃO E DISTANCIAMENTO
<p>ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • SELEÇÃO LEXICAL NO NÍVEL PRAGMÁTICO 	<p>ESTRATÉGIAS PERSUASIVAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • MODALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM • REFERENCIAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO SOCIAL • “MAS” REFUTATIVO E IRÔNICO • SUBENTENDIDOS

TEMA	TEMA
<ul style="list-style-type: none"><li data-bbox="215 321 810 359">• BUSCA DE COERÊNCIA INTERNA<li data-bbox="215 394 810 453">• RETIRADA DO SENTIDO EXPLÍCITO (paráfrase)	<ul style="list-style-type: none"><li data-bbox="812 321 1403 359">• RELEVÂNCIA DO ENUNCIADOR

Encerrados os capítulos de análise, apresentaremos, em seguida, as conclusões a que essas análises nos permitiram chegar.

CAPÍTULO FINAL

CONCLUSÕES

A partir dos resultados das análises, discutiremos, a seguir, questões concernentes a dois pontos centrais da pesquisa: os processos de reflexão metadiscursiva e os efeitos da ação didática focalizada.

O objetivo deste estudo foi investigar o processo de reflexão metadiscursiva dos alunos. A hipótese que direcionou este trabalho era que o desenvolvimento de leitura está diretamente relacionado à reflexão metadiscursiva, definida aqui como a tomada de consciência de aspectos lingüístico-discursivos importantes para a construção dos sentidos dos textos.

Relembrando as análises dos dois capítulos anteriormente apresentados, foi possível observar que as reconstruções da leitura colocaram em evidência dois aspectos quanto à concepção de língua e de texto.

Os resultados das análises da primeira tarefa prospectiva, apresentadas no quinto capítulo, mostraram que a noção de língua e de texto predominante surgiu ancorada na *concepção representacional* da linguagem,

além de que revelaram uma *adesão* aos efeitos de sentido do texto e uma sobreposição dos pressupostos culturais trazidos para a leitura. Portanto, nos modos de os sujeitos refletirem sobre a língua e o texto, não ficou aparente o reconhecimento da motivação persuasiva contida no arbítrio da seleção da citação do personagem, promovida a tema principal na notícia e que foi o objeto de estudo da tarefa. A ação de persuasão do jornal estava precisamente na seleção de uma fala que evidenciava uma modalidade de linguagem não congruente com os padrões formais da linguagem. Essa ação consistia, pois, na intenção de construir uma imagem negativa do personagem para o leitor.

Nas respostas dos alunos, a concepção de língua como representação da realidade pôde ser identificada, ora na retirada do sentido explícito, ora na busca da coerência interna do texto ou nos pressupostos do alunos concernentes à seleção lexical que a citação destacava. Além disso, essas primeiras análises também evidenciaram uma adesão aos sentidos mobilizados no texto de modo a não deixar transparecer o reconhecimento da motivação persuasiva, além de que alguns supostos culturais dos alunos foram transpostos para as interpretações.

É necessário dizer que não se poderia explicar essa concepção de língua e a adesão aos sentidos como pressuposições errôneas dos alunos argumentando que se tratam de sujeitos acríticos. Uma explicação poderia ser a pouca familiaridade com a leitura da maior parte desses alunos.

Por outro lado, ao analisar as respostas das tarefas de leitura subseqüentes, apresentadas no sexto capítulo, verificou-se que a preponderância foi de interpretações que mostraram uma *reflexão metadiscursiva*, já não mais

indicativas de adesão aos sentidos, mas de uma concepção de língua como *ação* entre os sujeitos.

Pôde ser constatada aí uma heterogeneidade de formulações, todas elas direcionando para uma reflexão muito mais visível, em que as escolhas lingüístico-discursivas dos textos foram identificadas, pelos alunos, como modos de os enunciadores posicionarem-se, o que colocou em evidência uma forma mais crítica de leitura. Já mostramos, no quinto capítulo, que a leitura crítica compreendeu o reconhecimento das estratégias persuasivas nas indicações dos alunos dos processos de modalização, nas referências, no uso do *mas refutativo* e nos subentendidos, discutidos dentro de uma modalidade mais distanciada.

Confirma-se, assim, a hipótese que trouxemos inicialmente de que a reflexão metadiscursiva permitiu a mudança de concepção de língua e de texto. Argumentamos, no início deste trabalho, que o desenvolvimento da leitura está compreendido no avanço das estratégias de questionamento da leitura, ou da reflexão metadiscursiva. Nos dados de nossa pesquisa, tal questionamento surge evidenciado no reconhecimento dos tópicos acima citados que construíam, nos textos jornalísticos, a posição argumentativa dos enunciadores, e que colocavam em foco o caráter persuasivo do texto.

Ainda podemos supor que o histórico de letramento dos alunos não foi um obstáculo para o desenvolvimento da reflexão metadiscursiva, tão essencial à formação de um professor de língua materna. Os processos reflexivos não surgiram, portanto, condicionados pela característica do letramento desses alunos.

É importante fazer uma observação que diz respeito à questão dos pressupostos dentro da concepção representacional da língua e do texto. Mesmo que tenhamos detectado uma predominância da atitude metadiscursiva e crítica manifestada de forma muito mais visível nas tarefas posteriormente aplicadas, algumas respostas indicaram, ainda, a concepção de língua como representação. Uma característica principal dessas respostas mostrou um padrão de interpretação que foi a retirada do sentido explícito pelo parafraseamento do texto. Também surgiram alguns indícios da adesão aos sentidos. A observação que fizemos é que isso parece comprovar que a idéia de reflexividade metadiscursiva é um modo de funcionamento e não um estado constante, portanto, pode se dar em idas e vindas, como todo processo que envolve aprendizagem.

Retomando agora a trajetória da ação didática, analisamos, nesta pesquisa, as mudanças na leitura em uma prática de ensino que privilegiou análise contrastiva dos textos jornalísticos, de forma a tornar mais evidentes os aspectos lingüístico-discursivos, importantes para a construção dos sentidos. Os textos foram cuidadosamente selecionados, com o objetivo de destacar os posicionamentos dos enunciadores manifestados nas seleções discursivas desses textos. Essa prática não se propunha ao mero comentário sobre os textos, mas se enraizava na reflexão dos aspectos da linguagem, de forma a também propiciar uma desnaturalização do discurso jornalístico. Eram, portanto, as atividades enunciativas e discursivas que se encontravam em primeiro plano, e não o conteúdo ou somente as estratégias retóricas dos textos.

Privilegiamos, num primeiro momento, o incentivo à tomada de uma atitude metadiscursiva, ou seja, uma postura de indagação frente aos textos, mais do que o compromisso com a apresentação de definições teóricas, ainda que nas discussões coletivas, o esforço da professora-pesquisadora fosse também o de reformulação teórica dos objetos de estudo. Mesmo porque, os textos teóricos exerciam um importante papel nessa ação didática, já que também eram instrumentos para introdução da linguagem da teoria nos processos de reflexão. Procurávamos, na relação teoria e prática, não adotar uma posição em que o praticismo ocupasse o lugar da teoria, nem manter o foco excessivo na transmissão da teoria isolada da prática. Ao mesmo tempo, mantínhamos uma posição de não impor a linguagem acadêmica sobre a do aluno. Adotávamos, portanto, uma “postura culturalmente sensível” (Kleiman, 2001), dentro de um contexto de pouca familiaridade com a linguagem acadêmica e o que incorria até em uma “rejeição” à linguagem teórica.

Ao se contrapor as análises conjuntas das respostas dos alunos aos roteiros de leitura, procurava-se levar em conta a experiência de cada um. Na medida em que os produtos das leituras iam sendo expostos e discutidos coletivamente, colocava-se em evidência uma outra perspectiva no processo de ensino-aprendizagem, a do aluno. As diferentes perspectivas poderiam, assim, servir de subsídios para um ajuste aos objetivos de ensino. Levantavam-se, desse modo, todos os sentidos possíveis.

Assim, os modos variados de se falar do objeto de estudo levam a supor que a abertura para as manifestações mais “espontâneas” dos diferentes pontos de

vista é o que poderia explicar essa heterogeneidade de formulações, e, em especial, os diálogos intra-pessoais surgidos *a posteriori* na progressão das atividades descritas (cf. Capítulo 6).

A rapidez na passagem da adoção de uma postura mais reflexiva confirma, portanto, a hipótese de relevância dos processos interativos para o desenvolvimento da reflexão metadiscursiva.

Ainda quanto à heterogeneidade de formulações observadas nos dados, é de se notar que não se mostraram, nos discursos dos alunos, as conceituações teóricas para falar do texto. Ainda que a reflexão metadiscursiva tenha levado à identificação dos fenômenos, houve uma hesitação no uso dos conceitos para explicar tais fenômenos, fundamental ao letramento acadêmico do professor de língua materna. Esse processo de apropriação mereceria um estudo à parte e teria que considerar, fundamentalmente, não só as condições de ensino, mas a compreensão aprofundada dos processos que se encontram envolvidos no letramento acadêmico. Tais processos poderiam indicar os modos em que a retomada dos conceitos dá início a uma incorporação produtiva, isto é, quando, em algum momento, a incorporação conceitual passa a ser parte constitutiva do discurso.

É muito relevante, ainda, que façamos, nesse capítulo final, uma avaliação geral das teorias que nos serviram de suporte para descrever e explicar os resultados encontrados nessa pesquisa.

Os estudos de base etnográfica do letramento e a Análise Crítica do Discurso permitiram elucidar o aspecto da coerência nos processos de interpretação, na

medida em que preconizam que os sentidos são construídos, também, a partir da perspectiva do leitor, de sua experiência e de seus pressupostos. De fato, essas propostas teóricas foram úteis para explicar, em parte, a grande diversidade de respostas obtidas em uma mesma tarefa.

Em relação às análises dos tópicos lingüístico-discursivos, as teorias discursivas e a teoria crítica faircloughiana mostraram-se bastante relevantes para elucidar os processos interpretativos, dos alunos, que tomaram a língua como objeto. A partir das análises permitidas por tais teorias, pudemos detectar as concepções de língua e, também, o processo em que se deu a reflexividade metadiscursiva em direção à visão mais crítica do texto jornalístico.

A noção de persuasão, revista pela nova retórica, também teve especial importância para a descrição dos processos críticos dos alunos frente aos posicionamentos dos enunciadores que se mostravam nos textos jornalísticos lidos.

As conclusões a que chegamos são assim resumidas, nesse capítulo final: a habilidade de leitura não prescinde de uma atitude metadiscursiva frente a linguagem do texto, atitude essa que pode se construída num contexto de interação que promova a reflexão do aluno.

Finalizando, certamente que se deve levar em conta a particularidade e idiossincrasia da situação que estudamos, o que restringiria uma generalização para outros contextos. Mas, por outro lado, foi justamente sua peculiaridade o que levou aos redimensionamentos das nossas ações como professora-pesquisadora. Esses redimensionamentos, sim, apontam para um aspecto envolvido no processo

de ensino que deveria ser tomado como um pressuposto geral. Trata-se da importância da legitimação do outro conhecimento. Isso pressupõe compreender e reabilitar a instituição escolar como um espaço cultural, social e político onde é possível salientar a relatividade de todas as formas de significações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ & REICHLER-BEGUELIN (1995) Construction de la référence et stratégies de designation .TRANEL 23 – Du syntagme nominal aux objets-de-discours, pp. 227-271.

BAKHTIN, M. (1992). Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. Trad. do francês, São Paulo: Livraria Martins Fontes.

_____(VOLOSHÍNOV)(1981).Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo :Hucitec, 2^a ed.

BARTON, D. (1991). The social nature of writing. In: BARTON, D. e IVANIC, R. (eds) Writing in the community. Londres: Sage.

_____(1994). Literacy: an introduction to the ecology of written language. Oxford: Blackwell,4th edition.

BARTON and HAMILTON, M. (1998) Local literacies. London: Routledge.

BEUGRAND, R.A. e DRESSLER, W. (1981)Intertextuality. In: Introduction to Text Linguistics, Londres: Longman, pp.182-208.

BRONCKART, J-P. (1997). Activité langagière, textes et discours - pour une interactionisme socio-discursif. Lausanne: Delachaux et Niestlé.

CARNEIRO, M.A . L. (2004) “Cenografia e ethos: legitimação enunciativa em uma notícia jornalística”. In: Revista Alfa, n.48 (2), Unesp: Araraquara , pp.107-116.

CARRAHER, W.D. (1983). Senso crítico: do dia-a dia às Ciências Humanas. São Paulo: Pioneira.

CAVALCANTI, M. (1984) Ensino de Leitura: Avaliação de Compreensão de Texto sem Prática de Leitura Crítica? Cadernos PUC/EDUC 17, São Paulo.

CAVALCANTI, M. e MOITA LOPES, L.P. (1991) Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, n.17, pp.133-143.

CELANI, M.A (1998) Transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI e CELANI (orgs.). *Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, pp.51-77.

CHARAUDEAU, P (2003). Prefácio. In: PAULIUKONIS, M.A L. E GAVAZZI (orgs.). *Texto e Discurso: Mídia, Literatura e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.

DUCROT, O. (1997). *O Dizer e o dito*. Tradução brasileira. Campinas: Pontes.

ERICKSON, F. (1982). Classroom discourse and improvisation: relations between academic task structure social participation structure in lessons. In: WILKINSON, L.C. (ed) *Communicating the classroom*. N.Y.: Academic Press.

_____ (1984) School, literacy, reasoning and civility in antropologist's perspective. *Review of education research*. V.54, n.4, pp 525-546.

_____ (1985). Qualitative methods in research on teaching. In: WITROCK, M. C. (org). *Handbook in Research on Teaching*. N.Y.: Mac Millan.

FAIRCLOUGH, N. (1991). Language and Ideology. *Trabalho em Linguística Aplicada*, 17, pp.113-131.

_____ (1992 a). *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press.

_____ (1992b). *Critical language awareness*. London: Routledge.

_____ (2001.) *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

- FARIA, M. A.(2001). Manchetes e títulos no jornalismo impresso brasileiro: o dito e o não-dito. In: Azeredo, J. C.(org.) Letras e comunicação: Uma parceria no ensino de língua portuguesa. Petrópolis, R.J: Vozes.
- FRANCHI,C. (1987) Criatividade e gramática, In: Trabalhos em Lingüística Aplicada, n.9 (p.5-45).
- GEE, J.P. (1990). Social linguistics and literacies: ideologies in discourses. London, Hampshire, The Falmer Press.
- GÓES. M. C. (1993) A criança e a escrita: explorando a dimensão reflexiva do ato de escrever. In: Smolka, A L., e Góes, M. C. (orgs) A linguagem e o outro no espaço escolar: Vigotsky e a construção do conhecimento. Campinas, SP: Papyrus.
- GUIMARÃES, E. (1979). Modalidade e argumentação linguística. Campinas, Unicamp. Tese de Doutorado.
- HAMILTON, M.; BARTON,D. e IVANIC, R. (orgs.). (1994) Words of literacy. Clevedon, Avon: Multilingual Matters.
- HAMMERSLEY,M. (1992). What´s wrong with ethnography? Londres: Routledge.
- HEATH,S.B. (1982). What no bedtime story means: Narrative Skills at Home and School. Language in Society, II , pp.49-76.
- _____ (1983). Ways with words: Language, life, and work in communities and classrooms. Nova York: Cambridge University Press.
- KLEIMAN, A.B. (1989) Leitura: Ensino e pesquisa, Campinas, SP: Pontes.
- _____ (1992). O Letramento na Formação do Professor. In: Anais do VII encontro Nacional da ANPOLL, Porto Alegre, Goiânia.
- _____ (org.) (1995). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

_____ (1998). O estatuto disciplinar da Lingüística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. In: Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1998, pp.51-77.

_____(org.) (2001) A Formação do Professor: Perspectivas da Lingüística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras.

_____ e SIGNORINI, I. (orgs) (2000). O ensino e a formação do professor. Porto Alegre: Artes Médicas.

KOCH, I.V. (1986) Intertextualidade como fator de textualidade. Cadernos PUC- 22, pp.39-46.

_____(1991)Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? D.E.L.T.A., vol 7, n.2, pp.529-541.

_____(1992) A inter-ação pela Linguagem: São Paulo: Contexto.

_____(2002)Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.

LAGE, N. (2001) Ideologia e técnica da notícia. Florianópolis: Editora Insular, 3^a edição.

LUSTOSA, E. (1996) O texto da notícia. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

MAGALHÃES, M.C.C. (org.) (2004). A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

MAINGUENEAU, D. (1989) Novas tendências em análise do discurso. Tradução Freda Indursky. Campinas, São Paulo: Pontes: Editora da Unicamp.

_____(2001). Análise de textos de comunicação. São Paulo: Martins Fontes.

MEY, J. (2001) As Vozes da Sociedade: Seminários de pragmática. Tradução: Ana Cristina de Aguiar. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

MINAYO, M. C. (1994) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis :Vozes.

MOITA LOPES, L.P. (1994) Pesquisa interpretativista em L.A : a linguagem como condição e solução. D.E.L.T.A. 10 (2), pp:329-338.

_____ (1998) A transdisciplinaridade é possível em LA? In: SIGNORINI, I. Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras.

PENNYCOOK, A. (1998) A Lingüística Aplicada nos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI e CAVALCANTI, M. (orgs.) Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

PERELMAN, C. (1986). Argumentação. In: Oral/escrito-argumentação. Enciclopédia Einaudi, vol. 2 Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

_____ C. (1996) Tratado da Argumentação, São Paulo, Martins Fontes. Tradução de Maria Ermantina Galvão.

RAFAEL, E. L. (1995) Atualização em sala de aula de saberes lingüísticos de formação: os efeitos da transposição didática. In: KLEIMAN (org.) A Formação do Professor: perspectivas da lingüística aplicada. Campinas: Mercado de Letras. (pp.157-180).

ROJO, R. H. R. (1998) O letramento na ontogênese: uma perspectiva socioconstrutivista. In: ROJO, R.H.R. (org) Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas. Campinas: Mercado de Letras.

SCRIBNER, S. and COLE, M. (1981). The Psychology of Literacy. Harvard UP: Boston.

SERRANI-INFANTE, S. (1998). Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua: a proposta AREDA In: SIGNORINI, I. Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

SIGNORINI, I. (1995). Letramento e (in)flexibilidade comunicativa. In: KLEIMAN, A B. (org). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, pp.161-199.

_____ (org.) (1998a). Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp.

_____ e CAVALCANTI, M. (orgs.) (1998b) Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

_____ (2000). A pesquisa em Lingüística Aplicada no IEL no final dos anos 90. In: Trabalhos em Lingüística Aplicada vol. 36, Jul./Dez. 2000. pp 5-10.

SOARES, M. (1998). Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica.

STREET, B. V. (1984). Literacy in theory and practice. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (org.) (1993). Cross-cultural approaches to literacy. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (1995) Social literacies: Critical approaches to literacy in development. ethnografy and education: Longman.

TERZI, S.B. (1992) Ruptura e retomada na comunicação. O processo de construção da leitura por crianças da periferia. Campinas: Unicamp. Tese de doutorado.

_____ (1995) A construção da leitura. Campinas: Editora da Unicamp e Pontes Editores.

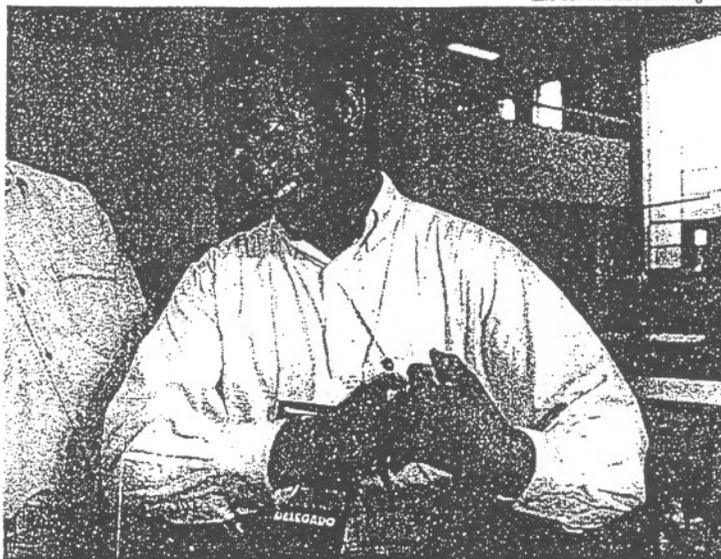
_____ (2001) Para que ensinar a ler o jornal se não há jornal na comunidade?: O letramento simultâneo de jovens e adultos escolarizados e não escolarizados. In: V. Masagão (org.) Educação de Jovens e adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas: Ação Educativa/ ALB/Mercado de Letras, pp153-175.

_____ (2002) Letramento e alfabetização. (inédito)

VAN DIJK, T. A. (1996). Cognição, Discurso e Interação. São Paulo: Contexto.

VIGNER, G. (1988) Intertextualidade, norma e legibilidade. In: GALVES, C. (org.) O texto: escrita e leitura. Campinas: Pontes, pp 31-37.

Lalo de Almeida/Folha Imagem



Vicentinho durante intervalo da reunião da CUT nacional

Vicentinho recebe desagravo em SP

“Vocês são foda, minha gente”

ANA MARIA MANDIM

Da Reportagem Local

O presidente da CUT (Central Única dos Trabalhadores), Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, foi recebido ontem na sede da entidade, em São Paulo, com um ato de desagravo promovido pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

O ato precedeu uma reunião de 99 integrantes da direção nacional da CUT (que começou depois das 15h), para definir como será conduzida a negociação da reforma da Previdência no plenário da Câmara.

A idéia de retomar o fórum de discussão suprapartidário, com líderes dos partidos, das centrais e do governo, foi mencionada por Vicentinho.

Dirigentes de tendências à esquerda da CUT também apóiam o fórum, desde que restrito aos setores de oposição.

Os membros da Articulação, tendência da CUT à qual pertence Vicentinho, quiseram deixar claro que repudiam os acontecimentos de terça-feira, em Brasília, quando Vicentinho foi chamado de “pelego” e “traidor” por militantes de sindicatos de servidores públicos.

Ao saltar do carro na sede nacional da CUT na zona les-

te, Vicentinho foi saudado com aplausos e palavras de ordem.

Raulino Lima, vice-presidente da Comissão de Fábrica da Volkswagen em São Bernardo (SP), levantou o presidente da CUT. Emocionado, Vicentinho acenou para todos e chorou.

Entre abraços e tapas nas costas, demorou alguns minutos para chegar ao saguão, onde cem trabalhadores, na maioria metalúrgicos, o aguardavam.

De pé, sobre uma cadeira improvisada como palanque, as primeiras palavras de Vicentinho foram “essa surpresa foi muito forte para mim, vocês são foda, minha gente”.

Quando começou a falar, sua voz ficou embargada. Disse que os ataques que sofreu foram gestos “covardes” e “fascistas”, e defendeu as negociações. Prometeu “parar o país se for preciso, para garantir os direitos dos trabalhadores”.

Dezesseis oradores subiram na cadeira para dar apoio a Vicentinho. O presidente da CUT também recebeu um buquê de flores enviado por sua mulher, Roseli, com um bilhete: “Meu querido companheiro, saiba que você está no caminho certo. Eu o amo muito. viu?”

Folha de São
Paulo

NO RIO

Fraco desempenho de Benedita leva PT a turbinar campanha

RIO — A direção nacional do PT definiu a reeleição da governadora Benedita da Silva como uma de suas principais prioridades de campanha.

A partir de agora, pelo menos uma vez por semana um líder do partido virá ao Estado na tentativa de ajudar Benedita eleitoralmente.

Em reunião anteontem no diretório fluminense, com as presenças do secretário-geral do partido, Luiz Dulci, e do coordenador do programa de Lula, Antônio Palocci, também ficou decidido que os principais puxadores de voto do PT no Rio, como os deputados Jorge Bittar, Chico Alencar e Fernando Gabeira, participarão ativamente da campanha.

Pela última pesquisa Datafolha, a governadora está em terceiro lugar na disputa pelo Palácio Guanabara, com 12%, atrás de Rosinha Matheus



A governadora do Rio, Benedita da Silva, do PT

(PSB), com 44%, e Jorge Roberto Silveira, com 19%.

No PT, o desempenho ruim da governadora nas pesquisas preocupa. Num eventual segundo turno entre Rosinha e Jorge Roberto, a tendência será a de que a direção nacio-

nal pressione o PT do Rio a apoiar Rosinha em troca do apoio do marido, Anthony Garotinho, a Lula.

A maioria do PT fluminense, porém, é contra a aliança com Rosinha e Garotinho.

V. C. S. (ESP)

ANEXO 3

RIO Em 2º turno, PT apoiaria Rosinha

Para PT, reeleição de Benedita é prioritária

MURILO FIUZA DE MELO
DA SUCURSAL DO RIO

A direção nacional do PT definiu a reeleição da governadora Benedita da Silva como prioritária. Pelo menos uma vez por semana um líder petista irá ao Rio e orçar a campanha. A ideia é colar Benedita em Lula. "Cerca de 61% do eleitorado fluminense não sabe quem é o candidato de Lula no Rio", disse Orlando Guilhon, coordenador-geral da campanha.

Em reunião anteontem, com as presenças do secretário-geral do

PT, Luiz Dulci, e do coordenador do programa de Lula, Antônio Palocci, ficou decidido que os puxadores de voto do PT no Rio (Jorge Bittar, Chico Alencar, Fernando Gabeira) terão participação mais ativa na campanha.

Pela última pesquisa Datafolha, Benedita está em terceiro lugar, com 12%, atrás de Rosinha (PSB), com 44%, e Jorge Roberto Silveira (PDT), com 19%. Num segundo turno com Rosinha, direção nacional pressionará o PT do Rio a apoiar Rosinha em troca do apoio de Garotinho a Lula.

Tiro mata mulher na Rua Augusta

Uma suposta garota de programa morreu na madrugada de ontem com um tiro na cabeça, na Rua Augusta, região central.

Segundo a polícia, a mulher de 27 anos, que não teve seu nome divulgado, foi socorrida

e levada ao Hospital das Clínicas, por volta das 2h, mas não conseguiu sobreviver.

Testemunhas disseram aos policiais que ela estaria trabalhando no local no momento do assassinato.

Diário de S. Paulo
19/08/2002

ANEXO 5

Azera (Polícia) 19/08/2002

NO PONTO

Prostituta é morta na Augusta

A garota de programa Nádia Smangorzevsqi, 27 anos, conhecida como Gaúcha, foi atingida com um tiro na testa por volta das 2h de ontem, na altura do número 2.000 da rua Augusta, em Cerqueira César

(zona oeste da capital). Nádia, que estaria trabalhando no local, foi socorrida ao PS do Hospital das Clínicas, onde morreu. Não há suspeitos do crime, segundo a polícia. (MP)

ANEXO 4

FONTE: Folha de São Paulo – 21/08/2002. Caderno Eleições, p.3



Ana Carolina Fernandes/Folha Imagem

Ciro grava programa na favela da Rocinha ao lado da namorada Patrícia Pilar, que pegou bebê no colo, segundo ela, 'para treinar'

Candidato filma Rocinha, mas não anda pelas ruas da favela

SABRINA PETRY
DA SUCURSAL DO RIO

O candidato do PPS à Presidência, Ciro Gomes, foi ontem à favela da Rocinha (zona sul do Rio), onde gravou parte de seu programa eleitoral. A idéia era mostrar o contraste entre a pobreza do morro e a alta concentração de renda nos condomínios luxuosos no bairro de São Conrado.

A gravação, feita sobre um platô com vista para a praia de São Conrado, os condomínios e a favela, foi fechada. Somente alguns moradores do local, escolhido por assessores de Ciro, puderam assistir à filmagem.

A namorada do candidato, Patrícia Pilar, acompanhou a gravação. Ela passou boa parte do tempo com uma criança de quatro

meses no colo, filha de uma moradora da Rocinha. "Estou treinando", disse — declaração acompanhada por um sorriso de Ciro.

Após o término da gravação, o candidato, preocupado com prováveis ataques que deverá sofrer na propaganda eleitoral tucana, se antecipou e criticou José Serra (PSDB). Ciro chamou de "mirabolante" a proposta do governista de criar 8 milhões de empregos.

"A população quer soluções, mas também não quer ser mistificada com promessas mirabolantes. O candidato do governo fala, por exemplo, em 8 milhões de empregos. A pergunta é: por que não fizeram? Por que produziram 11,7 milhões de desempregados? E agora que estão precisando do voto do povo vêm falar em continuidade com mudança, mudança

com continuísmo. Eu sei lá o que é isso. Mas é isso que a população vai julgar", afirmou.

Economia

O candidato negou que esteja havendo mudança na concepção econômica de seu programa de governo, mesmo após o convite feito e aceito pelo economista José Alexandre Scheinkman, considerado um defensor de idéias liberais, para colaborar na elaboração de seu plano de governo.

Segundo Ciro, Scheinkman "é um brasileiro respeitado mundialmente como um cientista próximo do estado da arte em matéria de inteligência econômica".

"Ele [Scheinkman] não é obrigado a estar de acordo com as diretrizes políticas num primeiro momento nem nós estamos obri-

gados com todas as idéias que ele tem. Isso é um processo de construção, em que as melhores idéias são aproveitadas e as outras sobre as quais permanecerem as divergências não", disse.

Sobre informações de conversas com nomes de peso de diversos setores da economia, como o empresário Jorge Gerdau Johannpeter, presidente do Grupo Gerdau, e o economista Persio Arida, ex-presidente do Banco Central, Ciro disse que "elas não procedem".

O candidato não percorreu as ruas da favela, como era esperado. Terminadas as gravações, ele e a namorada seguiram para a casa dela, no Jardim Botânico (zona sul da cidade), onde assistiram à propaganda eleitoral. Por volta das 17h, o presidenciável embarcou para São Paulo.

FONTE: *Agora São Paulo* – 21/08/2002. *Agora Eleições*, p. A2

CAMPANHA

Ciro vai à Rocinha e mostra pobreza

RIO — O candidato do PPS à Presidência, *Ciro Gomes*, foi ontem à favela da Rocinha (zona sul), onde gravou parte de seu programa eleitoral.

A idéia era mostrar o contraste entre a pobreza do morro e a alta concentração de renda nos condomínios luxuosos no bairro de São Conrado.

A gravação, feita sobre um platô com vista para a praia de São Conrado, os condomínios e a favela, foi fechada. Somente alguns moradores do

local, escolhido por assessores de *Ciro*, puderam assistir à filmagem.

A namorada do candidato, *Patrícia Pilar*, acompanhou a gravação. Ela passou boa parte do tempo com uma criança de quatro meses no colo, filha de uma moradora da Rocinha. "Estou treinando", disse — declaração acompanhada por um sorriso de *Ciro*.

Após o término da gravação, o candidato, preocupado com prováveis ataques que deverá sofrer na propaganda eleitoral

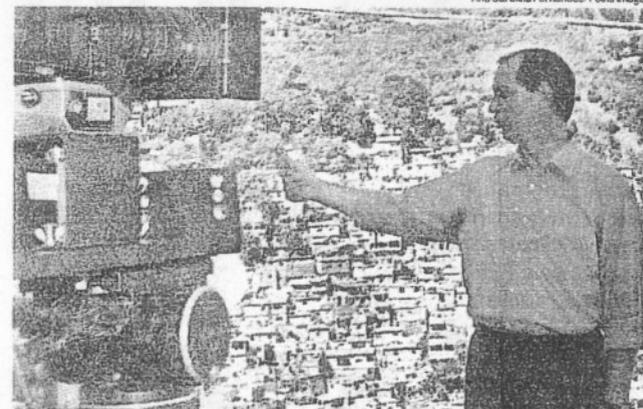
tucana, se antecipou e criticou *José Serra* (PSDB). *Ciro* chamou de "mirabolante" a proposta do governista de criar 8 milhões de empregos.

"A população quer soluções, mas também não quer ser mistificada com promessas mirabolantes. O candidato do governo fala, por exemplo, em 8 milhões de empregos. A pergunta é: por que não fizeram? Por que produziram 11,7 milhões de desempregados? E agora que estão precisando do voto do povo vêm falar em

continuidade com mudança, mudança com continuísmo. Eu sei lá o que é isso. Mas é isso que a população vai julgar", afirmou.

O candidato negou que esteja havendo mudança na concepção econômica de seu programa de governo, mesmo após o convite feito e aceito pelo economista *José Alexandre Scheinkman*, considerado um defensor de idéias liberais, para colaborar na elaboração de seu plano de governo.

(FSP)



Ciro Gomes grava programa na favela da Rocinha, no Rio

Ana Carolina Fernandes/Folha Imagem

VERBOS DICENDI NA MÍDIA IMPRESSA: CATEGORIZAÇÃO E PAPEL SOCIAL

Os verbos *dicendi*, também conhecidos como “introdutores de fala reportada” constituem importante marca lingüística para trilhar a ideologia subjacente ao texto. Manifestam, por inferência, a visão de mundo dos sujeitos.

Exercícios de análise reflexiva

I) Analise a intenção com que foram usados os verbos *dicendi* nas frases abaixo retiradas da mídia impressa:

“Não sei se estou preparada para ficar nua. Tenho vergonha. Não sou o que aparento na TV, jura a moça”. (fala de Suzana Alves, Tiazinha, meses antes de posar nua para a revista Playboy-Jornal:O Dia)

II) Em matéria publicada no Jornal do Brasil, que cobriu o encontro entre o ex-prefeito do Rio, Luiz Conde e o governador do Estado, Antony Garotinho, vislumbra-se, nos verbos *dicendi*, as imagens dos políticos que se quis passar. Analise as intenções e os efeitos de sentido que a utilização dos verbos garante a um e outro políticos:

1) Pretendo, ainda no primeiro mês, acabar com todo o processo de privatização nos hospitais, afirmou o governador eleito.

2) O próprio sistema único de saúde estabelece que os hospitais de emergência são dos municípios, complementou Garotinho.

3) Esta é uma via possível, caso não possamos realizar uma municipalização total dos hospitais, explicitou Garotinho.

4) A rede estadual teve uma avaliação péssima no último teste do ministério da educação e vamos estudar esta proposta, analisou Garotinho.

5) A Ceda e não pode ser vendida neste momento. É preciso fazer um exame da situação antes de tomar qualquer decisão. Por ora, eu e o Conde temos posições contrárias, avaliou Garotinho.

6) Foi uma reunião para selar um canal de entendimento, concluiu Antony Garotinho.

7) Nosso desejo é assumir esses hospitais. Isso tem que ser feito, mas precisamos verificar a relação custo-benefício para iniciar, por exemplo, um processo de pré-municipalização, disse Conde.

8) Seria um trabalho que começaríamos com uma experiência nos supletivos e que poderia melhorar o nível, explicitou o prefeito.

9) Tenho um lado Sancho Pança e outro Dom Quixote, um que acredita em tudo, outro realista. Garotinho é uma pessoa jovem, com espírito renovador. Vamos superar divergências políticas para beneficiar a população, disse Conde.

III) As palavras se distribuem no léxico por campos semânticos e campos lexicais formando um sistema enquanto processo significativo aberto a um infinito número de elementos.

Em trechos de uma entrevista intitulada “Exportador critica excesso de burocracia” (JB) em que o presidente da Dupont Argentina fala sobre as dificuldades de exportar para o Brasil, o narrador explora o tema “desabafo” e utiliza verbos que se enquadram dentro de um mesmo campo semântico e que configuram e reafirmam esta postura crítica, com a qual parece concordar, aliás:

“Também é preciso melhorar a infra-estrutura: não é possível que não se possa interligar os trens da Argentina e do Brasil porque as linhas são diferentes, reclama Ponferrada.”

Levando-se em conta o que se afirma, responda que verbo, dentro desse mesmo campo semântico poderia completar a frase de Ponferrada no mesmo artigo:

1- “Antes, um carregamento levava cinco dias; agora leva duas semanas,.....Ponferrada.”

2- Que outros verbos se enquadrariam nesse mesmo campo semântico?

IV- Associe os verbos *dicendi* aos efeitos de sentido abaixo:

(a) efeito de imparcialidade, (b) efeito de valorização negativa, (c) efeito de valorização positiva, (d) polemização (e) efeito de solidarização:

jurar, dizer, aconselhar, desabafar, eximir-se, apimentar, lamentar, atacar, falar, sonhar, declarar, tentar justificar, choramingar, alfinetar, discordar, desconversar, imaginar, opinar, ponderar, gozar, pedir, lembrar, queixar-se

Adaptado de “Verbos dicendi na mídia impressa: categorização e papel social” de Sigrid Gavazzi e Tânia Maria Z. Soares in: Texto e Discurso, mídia, literatura e Ensino M. Aparecida Paulukonis e Sigrid Gavazzi, editora Lucerna, 2003

REFERENCIAÇÕES

1) Leia o texto seguinte para responder:

“Estava demorando. Depois que o francês Michel Brunet agitou o mundo da paleontologia ao anunciar, em 11 de julho, a descoberta do mais antigo ancestral dos hominídeos – um crânio de 7 milhões de anos desenterrado no Chade –, um artigo científico publicado hoje afirma que o animal não passa de um macaco grande.

A pedrada naquela que chegou a ser considerada a maior descoberta feita na área nos últimos 80 anos veio na “Nature”, a mesma revista científica que publicou o artigo original de Brunet.”(Hominídeo de 7 milhões de anos abre guerra entre paleontólogos: Folha de São Paulo, 10/10/2002).

Responda escolhendo uma única alternativa:

Com respeito ao emprego da expressão “A pedrada”, no segundo parágrafo do artigo, o que permite designar o acontecimento dessa maneira é o fato de:

- a) a publicação na revista “Nature” ter demorado para ser publicada.
- b) o artigo ter destronado uma grande descoberta.
- c) ter sido descoberto um crânio de 7 milhões de anos.
- d) o francês Michel Brunet agitar o mundo da paleontologia.
- e) a revista científica “Nature” ter publicado o artigo original de Brunet.

2) Considere a seguinte definição das referências:

“Caracterizam-se pelo fato de o autor operar uma seleção, dentre as propriedades atribuíveis a um referente, daquela que, em dada situação, é relevante para a viabilização de seu projeto de dizer. Trata-se da ativação, dentre os conhecimentos supostamente partilhados com os leitores, de características ou traços do referente que o autor procura ressaltar ou enfatizar, trazendo ao leitor informações sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto.”

Agora leia:

I) “A idéia excêntrica do parlamentar pretende proibir o uso de termos em outros idiomas em comunicados oficiais, na publicidade, no comércio e nos meios de comunicação de massa(...). Aprovada pela Câmara Federal em abril do ano passado, a Lei Rebelo deve ainda passar por uma comissão do Senado e precisa ser sancionada pelo presidente. Antes que essa bobagem avance, um sopro de bom senso começou a varrer os corredores de Brasília.”

II) “Nestes tempo de crise e de cortes de gastos públicos, o presidente planeja dar uma cara mais moderna a seu governo(...) Mais do que essa operação plástica no governo, o que motiva uma queda-de-braço entre os aliados é a criação de um superministério.”

III) “O Partido dos trabalhadores converteu-se no maior baluarte da democracia brasileira. A série de grosserias que se acumularam criou as oportunidades para que Lula se revelasse fidedigno depositário de algo escasso- integridade de caráter.” (Época, 8/7/2002).

IV) “O fato de frei Luiz ter colocado todas no colo, ter beijado todas, isso não é pecado e não tem nenhum mal”, disse o bispo, de acordo com a denúncia da promotoria. A suposta coação foi revelada pelas três adolescentes à promotoria(...) a pressão levou as associações de promotores, juízes e delegados a manifestar apoio público ao promotor”. (Época, 22/4/2002).

V) “A Polícia Militar, durante uma blitz, prendeu hoje vários moradores da favela da Rocinha. Essa detenção brutal e sem motivo declarado revoltou os moradores do lugar.

Responda:

- a) Sublinhe as expressões referenciais que aparecem nos fragmentos acima.
- b) Identifique a quais elementos elas se referem.
- c) Justifique, com base no texto teórico, a sua escolha por determinada expressão referencial nos trechos anteriores.

Roteiro

De acordo com o que foi estudado, a Referenciação Textual constrói o sentido do texto quando faz remissão aos objetos. Nos exemplos a seguir, há estratégias de referenciações apontadas. Procure categorizá-las de acordo com o texto de Ingedore V. Koch, apontando a característica de cada referenciação com base no texto da autora, como justificativa para o que ocorre.

7) Honra é a palavra que se deve encarar com cautela desde que organizações como a Máfia dela se apropriaram, para fins duvidosos. No futebol serviu de justificativa para o espancamento, por um grupo de torcedores do Santos, de um solitário corintiano, numa estação de metrô. Os agressores disseram na delegacia que investiram contra o corintiano porque ele envergava uma camisa de seu clube.

8) (...) O leitor já sabe do que estou falando. Do momentoso evento que foi a final do Campeonato Paulista, entre os times do Corinthians e do Palmeiras.

9) (...)No instante seguinte, o jogador Paulo Nunes, do Palmeiras, investiu-se da chama sagrada. Esquecido do jogo, arremessou contra o infeliz malabarista como cruzado contra infiel.

10)(...)Discutiu-se Edilson, à exaustão, não Paulo Nunes. O coitado foi cortado da seleção pelo técnico Wanderley Luxemburgo.

(Roberto Pompeu de Toledo na VEJA, 30 de junho de 1999)

- Com respeito ao emprego da expressão metafórica "a chama sagrada", no segundo parágrafo do artigo, o que permite o autor designar o acontecimento desse modo?
- Por que o referente "o infeliz" pode ser considerado como uma "referenciação cognitiva" no movimento de construção desse texto?
- Crie uma frase-paralela dentro do 2º parágrafo anterior usando a forma nominal "o infeliz", em posição categorial, isto é, aquela que preside ou introduz o referente.

Avaliação de Lingüística Aplicada

1) No artigo anexo "Recorde macabro" os autores utilizam-se de referentes que deixam em evidência sua opinião explícita contra as mortes ocorridas na Baixada Fluminense:

a) *A secretaria de Segurança do Rio tem fortes indícios de envolvimento de policiais na "barbárie".*

b) *"A matança" superou o número de mortos do massacre ocorrido em 1993 em Vigário Geral, no Rio."*

Imagine que o projeto de dizer do autor fosse mais o de informar sobre o assunto e menos de opinar explicitamente sobre ele. Crie duas formas referenciais relevantes para um projeto de dizer com tom mais "neutro", no lugar de "barbárie" e de "A matança".

2) Veja os verbos dicendi: *rebateu, criticou, lembrou, comentou, garantiu.*

Se considerarmos que uma das características desses verbos é de contribuir para dar o "tom" do texto produzido e produzir efeitos de sentidos no leitor, que tom teria o projeto de texto do produtor que os utilizasse?

3) Leia o texto seguinte para responder:

"Estava demorando. Depois que o francês Michel Brunet agitou o mundo da paleontologia ao anunciar, em 11 de julho, a descoberta do mais antigo ancestral dos hominídeos – um crânio de 7 milhões de anos desenterrado no Chade -, um artigo científico publicado hoje afirma que o animal não passa de um macaco grande.

A pedrada naquela que chegou a ser considerada a maior descoberta feita na área nos últimos 80 anos veio na "Nature", a mesma revista científica que publicou o artigo original de Brunet."

(Hominídeo de 7 milhões de anos abre guerra entre paleontólogos: Folha de S.Paulo, 10/10/2002).

a) Com respeito ao emprego da expressão metafórica "**A pedrada**", no segundo parágrafo do artigo, o que permite o autor designar o acontecimento dessa maneira ?

b) Por que o referente "a pedrada" pode ser considerado como uma "paragrafação cognitiva" no movimento de construção desse texto?

4) Crie uma frase possível dentro desse trecho anterior usando a forma nominal "a pedrada", em posição catafórica, isto é, aquela que precede ou introduz o referente.

conclusão: As expressões referenciais têm uma função organizacional de extrema relevância: elas operam no nível da organização tópica, já que encapsulam e rotulam a exposição de determinado ponto, fornecendo o quadro de referência para aquilo que se segue. Têm, portanto, contribuição decisiva para a orientação argumentativa dos enunciados e, em decorrência, para a construção dos sentidos.

referência: "A referenciação textual como estratégia cognitivo-interacional" – Ingedore G.V. Koch (mimeo-inédito)

Funções da Citação no Discurso Jornalístico

É uma estratégia que consiste em retirar um material já significativo de dentro de um discurso para fazê-lo funcionar dentro de um novo sistema significativo. Ela reforça, refuta um argumento, dá autenticidade ao discurso citante, ridiculariza a declaração relatada, demonstra distanciamento do locutor. Permite reconhecer, nas entrelinhas, posições de enunciadores que os locutores prefeririam ocultar, contudo, colocar um discurso no interior de outro implica, simultaneamente, manifestar-se a respeito desse enunciado ou discurso, o que retira da citação a aura de recurso descomprometedor.

I- Citação de autoridade- Tem em vista imprimir maior credibilidade ao argumento.

(1) *De acordo com o deputado, a lei de imprensa, na qual se baseia o processo é uma ameaça à democracia. "Onde a imprensa é cerceada surge o autoritarismo". (Folha de SP).*

II- Citação de isenção de responsabilidade: o citante procura manter distanciamento, não quer ser responsável pela citação:

(2) *De acordo com ele, Collor não vai "asfixiar" os governadores da oposição.*

III- Citação de fidelidade-

(3) *O governador eleito disse que "Quércia deixa o comando de SP porque não pertence mais aos paulistas".*

IV- Citação de ironia- Demonstra discordância do locutor, muitas vezes, ridicularizando uma fala.

(4) *Durante um bom tempo, uma imensa fatia da imprensa enalteceu as qualidades de "estadista" de Collor.*

V- Citação de cultura- Cita uma voz que é reflexo da sabedoria popular.

(5) *Computador nacional é "gato por lebre", reclama indústria.*

VI- Citação epígrafe- Destacada do corpo do texto, precedendo-o, orienta a direção da leitura comum nas obras literárias ou artigos acadêmicos.

(6) *"O difícil é a arte de desler". Mário Quintana*